

MESTRADO EM LINGUÍSTICA

**Variação interna em Kriol (crioulo da
Guiné-Bissau):
fonologia e aspetos sociolinguísticos**

Ronaldo Mendes

M

2022/2023



Ronaldo Mendes

Variação interna em Kriol (crioulo da Guiné-Bissau): fonologia e aspetos sociolinguísticos

Dissertação realizado no âmbito do Mestrado em Linguística, orientada pela Professora Doutora Maria Clara Ferreira de Araújo Barros Greenfield e pelo Professor Doutor João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2023

“Até um dia em que, de facto, tendo estudado profundamente o crioulo, encontrando todas as regras fonéticas boas para o crioulo, possamos passar a escrever o crioulo (...). Se nas nossas escolas ensinarmos aos alunos como é que o crioulo vem do português e do africano, qualquer pessoa saberá português muito mais depressa”. Cabral ([1975, *Jornal Nô Pintcha*], Papia, 1990).

à minha Mãe Sanete Mendes [ou Janete Mendes] – que, apesar de não saber ler nem escrever, sempre viu na escola uma certa “realização” da vida – inexplicável gratidão

e

ao meu falecido e desconhecido Pai, Manel Katchunkuró, a quem um dia escrevi estes versos,

*(...) Não, não és Manuel Mendes. És Manel Katchunkuró
que não sei quanto mede, nem quanto pesa. Apenas te
adivinho a cor da pela: cor da humanidade...
Duvido da sua passagem pela terra,
que além de breve, foi despercebida, ao menos, para mim.
Mas Manel tu tens nome. És Manel Katchunkuró,
és, por isso, uma complexa existência, um problema
para o qual ninguém achou solução. (...)*

Res. Univ. Alberto Amaral, 30.05.2021

eternas saudades!

Sumário

Declaração de honra	5
Agradecimentos	7
Resumo	8
Ruzumu	9
Índice de Figuras, de Gráficos e de Mapas	10
Índice de Tabelas	11
Introdução	12
0.1. Objetivo geral	15
0.2. Objetivos específicos	15
1. Enquadramento do estudo	16
1.1. Línguas em contacto: a origem dos crioulos	16
1.1.1. Crioulos em geral	16
1.1.2. Crioulos de base lexical portuguesa	23
1.1.3. Kriol (crioulo da Guiné-Bissau): origem e a formação	27
1.2. O Kriol: da convivência multiétnica e multilinguística	31
1.2.1. Situação geográfica	31
1.2.2. O Kriol e a situação sociolinguística da Guiné-Bissau	32
1.2.3. Etnia, identidade e língua	38
1.2.4. Relação entre as línguas na Guiné-Bissau: função e prestígio	40
2. Metodologia	46
2.1. Pressupostos de investigação	46
2.2. Participantes	46
2.3. Métodos de recolha de dados	49
2.4. Métodos de análise qualitativa de dados	50
2.5. Métodos de Análise quantitativa	53
2.5.1. Preparação de dados	53
2.5.2. Cálculos	54
3. Resultados e discussão	55
3.1. Kriol vs. Português	55
3.2. Divergências fonológicas entre o português e o Kriol: vocalismo	55
3.2.1. Vogais orais	55
3.2.2. Terminações nasais	62
3.3. Divergências fonológicas entre o português e o Kriol: consonantismo	63
3.4. Fenómenos de adição e apagamento segmental	72
3.4.1. Processos de adição de segmento	73
3.4.2. Processos de apagamento de segmento	74
3.4.3. Despalatalização	77

3.4.4. Monotongação	78
3.5. Variação interna do Kriol: indícios de uma variação sociolinguística	79
3.5.1. Terminações nasais	81
3.5.2. Consoantes	83
3.5.3. Processos fonológicos	88
3.6. Sumário da variação sociolinguística do Kriol	93
4. Considerações finais	96
Apêndices	104

Declaração de honra

Declaro que a presente dissertação é de minha autoria e não foi utilizada previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e autoplágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro de 2023

Ronaldo Mendes

Agradecimentos

Aos meus pais, Sanete Mendes & Manel Katchunkuró (nomes não oficializados e, por isso, não se encontram em nenhum documento meu ou seu);

Aos meus irmãos e, em geral, aos meus familiares;

Aos guineenses, aos participantes da pesquisa em particular;

Aos meus amigos Ermano D. Nhaga, Jane da Silva, Catarina V. Nunes, Silver da Silva, Luís Vasconcelos e Sara Silva, Valdir Bicale, Zidane Comba, João Portela, João Abel Mota e tantos outros cujos nomes não cabem aqui;

Aos meus kotas Magnusson da Costa, Sumaila Djaló, A. Vera Cruz e Vasco Ialá;

A Ser Mais Valia, em particular à Maria Helena Coelho, à Ana Lopes, ao Ângelo Soares e à Maria A. A. Barros, à Clara e ao Daniel, ao professor António e à professora Leonilda;

Às empregadas de limpeza da Residência Universitária Alberto Amaral, em especial à dona Isabel e à dona Maria;

À família de Aliona e Serguei;

À Igreja Evangélica Baptista Cedofeita, em particular ao Pastor Daniel;

Aos meus orientadores;

Ao Professor Doutor Carlos Rogério Silva e ao Doutor Luís Trigo;

Aos colegas e aos professores do mestrado em Linguística;

A Deus;

Há de haver outros modos de dizer o que as palavras não dizem que ainda não descobrimos.

Ruzumu

Kriolis na si tudu tarda pa setadu suma linguas normalis, e ta odjadu ba suma formas eradus di linguas di Eropa i, pabia di kila, e sedu ba i e kuintinua disrispitadu tchiu. Talbes ma di ki utrus kriolis afrikanus ku se palavras bin di purtuguis (CBLP), Kriol i ka muitu studadu tchiu inda. Studus ku ta fasidu manga di bias ta kaba na diskrisons formalis di si karakteristikas suma lingua sin djubi karakteristikas sosialis i ligadu ku linguas di kilis ku ta papial nin manera ku tudu dia e ta papial.

Baziadu na intrivistas ku no fasi a 28 djintis ku ta papia Kriol suma se L1, L2 i L3, entri garandis, ku bai skola o nau, ku jovens studentis di skola i di iniversidadi, i djuntadu ku frazi ku manga di bais ta obidu di garandis – *abos gos bo ka ta papia Kriol, purtuguis ku bo ta papia* – es tarbadju buska n tindi si ten manera difenti di papia Kriol, pabia di idadi, nivel di skola, lingua materna, entri utrus karateristikas, di si papiadur. Na tioria, na n djudja no tarbadju na studus di Opazo (1990), Chapouto (2014), Costa (2014), entri utrus, i no splika mindjor alguns pusesus di son ku bin di formason di Kriol ku konsikuensia na manera di papial i na si palavras.

No tchiga n tindimentu di kuma garandis diferensas sta na terminasons nasalis (-om, -am > /ão/ > /on/), na manera di uza konsuantis /v/ (> /b/), /z/ (> /s/), /ʃ/ (> /tʃ/) e /ʒ/ (> /tʒ/), na monotongason di ditongus /ei/, /oi/ e /ou/ i na dispalatalizason i manera ku palatais /ʃ/ i /ʒ/ ta torna mas fitchadu. Si na garandis, es mudansas sta kuas kompletu, na jovens i ka sta inda. Esis ta uza tchiu funemas /v, z, ʃ e ʒ/ i e ta djagasi ki utrus pusesus. Pabia des, no n tindi kuma i ten prinsipalmenti dus tipus di Kriol, *Kriol Fundu* (ku ta papiadu pa garandis, ku ka bai skola o ku bai un bokadinhu so) i *Kriol Lebi* (ku ta papiadu pa jovens ku ba skola), alen di un utru manera di papia Kriol influensiadu pa etnias di kada kin, sobretudu Fula ku Mandinga i Balanta.

Palavras prinsipalis: Kriol, funolojia, variason, karakteristikas sosialis i ligadus ku lingua.

Resumo

Os crioulos em geral foram reconhecidos tardiamente como línguas naturais. Eram vistos como dialetos ou adulterações de línguas europeias, daí terem sido/serem muito desprestigiados. Talvez mais do que os outros Crioulos de Base Lexical Portuguesa (CBLP) africanos, o Kriol (crioulo da Guiné-Bissau) é muito pouco estudado. Os seus estudiosos limitam-se geralmente a descrições formais de suas propriedades e não se ocupam, portanto, de aspetos sociolinguísticos e da prática linguística dos seus falantes.

Com base em recolha de dados sonoros de 28 falantes do Kriol como L1, L2 e L3, entre adultos, escolarizados ou não, e estudantes do ensino secundário e universitário e aliada à frase que se ouve de adultos – “você agora não fala Kriol, fala português” – o presente trabalho problematiza a variação interna do Kriol, considerando variáveis sociolinguísticas como a idade, o nível de escolaridade, a língua materna, etc. Teoricamente, o estudo retoma as análises de Opazo (1990), Chapouto (2014), Costa (2014), entre outros, sistematizando alguns dos principais processos fonológicos decorrentes da formação do Kriol e com consequências fonético-fonológicas e lexicais.

Concluimos que as divergências se encontram essencialmente nas terminações nasais (-om, -am > /õo/ > /on/), no uso de fonemas consonânticos /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/, a monotongação dos ditongos /ei/, /oi/ e /ou/ e a despalatalização e o ensurdecimento das palatais /ʃ/ e /ʒ/. Se nos falantes adultos essas inovações estão quase completas, o mesmo não se verifica nos falantes mais jovens. Estes usam frequentemente os fonemas v, z, /ʃ/ e /ʒ/) e apresentam uma variação nos restantes fenómenos. Assim, concluimos que existem fundamentalmente duas variedades do Kriol, *Kriol Fundu* (falado por adultos, não escolarizados ou com a escolaridade mínima) e *Kriol Lebi* (falado por jovens escolarizados), além de uma potencial variedade devida às línguas étnica-maternas, sobretudo Fula, Mandinga e Balanta.

Palavras-chave: Kriol, fonologia, variação, aspetos sociolinguísticos.

Abstract

Creoles in general were belatedly recognized as natural languages. They were seen for a long time as dialects or adulterations of European languages, which is why they were/are greatly discredited. Kriol (Guinea-Bissau Creole) is among the least studied Portuguese-based Creoles of Africa. Scholarly work is generally limited to formal descriptions of properties of this Creole. Therefore, it does not deal with sociolinguistic aspects and the linguistic practice of Kriol speakers.

Based on the collection recorded interviews from 28 speakers of Kriol as L1, L2 and L3, among adults, educated or not, and secondary school and university students and combined with the phrase that is heard from adults - “you don't speak Kriol now, speak Portuguese” – this study problematizes the internal variation of Kriol, considering sociolinguistic variables such as age, level of education, mother tongue, etc. Theoretically, the study is based on the analyses of Opazo (1990), Chapouto (2014), Costa (2014), among others. It systematizes some of the main phonological processes that result from the formation of Kriol with a phonetic/phonological and lexical perspective.

We conclude that the internal divergences are essentially found in the nasal endings (-om, -am > /ão/ > /on/), in the use of consonant phonemes /v/, /z/, /ʃ/ and /ʒ/, the monophthongization of the diphthongs /ej/, /oj/ and /ow/ and the depalatalization and loss of voicing of the palatals /ʃ/ and /ʒ/. These innovations are consistent across adult speakers, but the same is not true of younger speakers. The use of the phonemes /v z ʃ/ and /ʒ/ are the main points of divergence. Overall, we conclude that there are fundamentally two varieties of Kriol, (i) Kriol Fundu (spoken by adults, not educated or with minimal education) and (ii) Kriol Lebi (spoken by educated young people). In addition, there is evidence in favour of variation conditioned by the ethnic-mother tongues, especially Fula, Mandinga and Balanta.

Keywords: Kriol, phonology, variation, sociolinguistic aspects.

Índice de Figuras, de Gráficos e de Mapas

Figura 1: <i>Ciclo vital</i> pidgin-crioulo	19-20
Figura 2: Distribuição da população guineense em regiões por etnia	35-36
Figura 3: Diglossia das línguas na GB	46
Gráfico 1: Distribuição da população da Guiné-Bissau por regiões (%)	34
Gráfico 2: Distribuição da população da Guiné-Bissau por etnias (%)	35
Mapa 1: Crioulos de base lexical portuguesa da África	28
Mapa 2: Crioulos de base lexical portuguesa da Ásia	29

Índice de Tabelas

Tabela 1: Grupos étnicos e a respetiva população segundo RGPH, 1991	37-39
Tabela 2: Síntese de dados sociolinguísticos dos participantes	53
Tabela 3: Grafia do Kriol adotado para a transcrição de dados	56
Tabela 4: Exemplo de tabela de inovações	56
Tabela 5: As vogais orais do PEC	66-67
Tabela 6: As vogais orais do Kriol	67
Tabela 7: Classificação articulatória das consoantes do PEC (norma padrão)	69
Tabela 8: Classificação articulatória das consoantes do Kriol	77
Tabela 9: Variação do ditongo [ãw] do PEC em Kriol em estudantes do ensino secundário	87-88
Tabela 10: Frequência das consoantes /v/, /z/, /ʒ/, /ʃ/ e /λ/ em Kriol estudantes do ensino secundário	89
Tabela 11: Frequência das consoantes /v/, /z/, /ʒ/, /ʃ/ e /λ/ em Kriol em estudantes universitários	89-90
Tabela 12: Frequência das consoantes /v/, /z/, /ʒ/, /ʃ/ e /λ/ em Kriol em adultos	90
Tabela 13: Despalatalização, ensurdecimento e apagamento das palatais do PEC no Kriol em falantes do ensino secundário	97
Tabela 14: Despalatalização, ensurdecimento e apagamento das palatais do PEC no Kriol em jovens universitários	97-98
Tabela 15: Despalatalização, ensurdecimento e apagamento de das palatais do PEC no Kriol em adultos	98
Tabela 16: Sumário da variação sociolinguística do Kriol	101-102

Introdução

É na convicção de que só é possível escrever-se bem em Kriol depois de termos “estudado profundamente o crioulo, encontrando todas as regras fonéticas [fonológicas, morfológicas e sintáticas] boas”, como assegurava já Amílcar Cabral (1975, *Nô Pintcha*) – Pai das Independências da Guiné-Bissau e Cabo Verde – que nos propusemos discutir alguns tópicos sobre a fonologia do crioulo guineense, doravante Kriol¹, na perspectiva da variação sociolinguística, considerando por isso aspetos como o contacto e a relação entre o Kriol e o português e entre aquele e dezenas outras línguas africanas da Guiné-Bissau.

O Kriol é, infelizmente até hoje, uma língua (quase exclusivamente) oral. É uma língua oral porque carece de regras linguísticas e politicamente institucionalizadas – isto apesar de já existirem consideráveis estudos (com as suas lacunas, contudo) sobre diversas áreas da gramática dessa língua, que vão desde estudos fonético-fonológicos, passando por estudos morfológicos até aos sintático-semânticos (Kihm, 1994; Intumbo, 2007, Scantamburlo, 2013); e apesar de já ser largamente consensual na Guiné-Bissau que a sua institucionalização como língua oficial e de ensino, a par do português, seria uma mais-valia para os processos de alfabetização, ensino/aprendizagem de crianças e jovens guineenses e de todos aqueles que querem aprendê-lo para diversos fins. Esse facto faz com que, quando escrevem em Kriol, seja em artigos ou em obras literárias, ou ainda em situações do dia a dia, os autores escrevam cada um à sua maneira, com ou sem conhecimento técnico/exteriorizado da língua.

É no meio dessa conjuntura que o nosso estudo se insere. Notamos isso como forma de aviso sobre as dificuldades com que se depara um estudo sobre uma língua

¹ Apesar de termos a consciência do significado pejorativo a que, durante séculos e, infelizmente até hoje, o termo “crioulo” é associado, optamos por chamar o crioulo da Guiné-Bissau “Kriol”, e não o “guineense” como é às vezes chamado (Scantamburlo, 1989, 1999, 2013), não apenas por ser uma nomenclatura comumente aceite pela comunidade guineense – sem a tal conotação pejorativa – mas também porque nos identificamos com o nome em si. É assim uma maneira de ressignificar o termo “crioulo” – que designa um conjunto de línguas existentes/possíveis e caracterizáveis pelas condições socio-históricas como, p.e., a colonização – através da sua “crioulização”, passando a designar especificamente a nossa língua de unidade nacional. A valorização do Kriol, a nosso ver, não passará necessariamente pelo nome que se lhe dá senão, em grande escala, pela sua oficialização e integração no ensino.

oral, num país em que, volvidos 50 anos após a Independência, em 1973 (*reconhecida* por Portugal em 1974), continua com muito poucos documentos históricos sobre a(s) sua(s) língua(s) e cultura(s). Deste modo, em alguns momentos do nosso estudo, ser-nos-á difícil precisar os períodos de ocorrência de uma ou outra variante fonético-fonológica e/ou lexical.

Devemos admitir que, apesar de em alguns estudos (Couto e Embalo, 1994; Khim, 1994; Scantamburlo, 2013) se anotar a existência de um “Kriol antigo” e de um “Kriol moderno”, que seria aportuguesado, e de, no senso comum dos cidadãos guineenses, se reconhecer que há diferenças linguísticas (sobretudo no campo lexical), p.e., entre falantes mais jovens e falantes mais velhos, não é ainda claro se existem ou não diferentes variedades do Kriol, nas oito regiões administrativas do país para além da capital Bissau, todas elas habitadas por diferentes e vários grupos etnolinguísticos², faltando assim estudos que problematizem e que, partindo de dados linguísticos reais, apontem as possíveis características que distanciam ou aproximam uma variedade da outra.

A par disso, e embora reconheçamos o avanço no estudo do Kriol em geral nas últimas décadas, há muito poucos estudos sobre a sua fonologia e, em consequência disso, os consensos estão ainda longe de serem alcançados nesse sentido. Autores como Avram (2010), Couto (1994), Kihm (1994) e Scantamburlo (1999) tentaram algumas descrições e avançaram algumas propostas de análise fonética-fonológica que, mais tarde, foram retomadas e aprofundadas por Chapouto (2014) e Costa (2014), em duas dissertações de mestrado em Linguística, sendo, portanto, estudos mais atuais e, talvez, dos mais especializados sobre a fonologia do Kriol. Essas propostas, embora convergentes em muitos aspetos, apresentam divergências, por exemplo, no que diz respeito à determinação do inventário fonético e fonológico do Kriol, o que se deve, provavelmente, às características sociolinguísticas dos falantes nativos dos quais recolheram as respetivas amostras.

² Tomamos como “grupo étnico” o conceito apresentado pelo Instituto Nacional de Estatística, INE, no Recenseamento Geral, que define a etnia como “um agrupamento de famílias numa área geográfica, cuja unidade assenta numa estrutura familiar, económica e sociocultural comum reflectida na linguagem, maneira de agir, formas institucionais religiosas e de outros tipos como roupa e alimentos, e produtos culturais como música, literatura e arte” (INE, RGPH, 2009: 17).

Partindo desses trabalhos e, sobretudo das lacunas existentes sobre a variação (socio)linguística do Kriol, o presente trabalho resulta das tentativas de compreender, por um lado, questões ligadas à relação entre as línguas existentes na Guiné-Bissau; e, a partir disso, discutir a possibilidade de, sendo o Kriol uma língua falada localmente num território de 36.125 km² e numa comunidade multilingue, comportar ou não variações analisado os motivos dessas possíveis variações.

Além desta introdução, na qual se justifica a necessidade do nosso estudo, anunciando os objetivos gerais e particulares, esta dissertação está dividida em quatro capítulos. No primeiro capítulo (enquadramento do estudo), contextualizados o contacto entre as línguas e a formação dos crioulos, em geral, far-se-á uma contextualização geral da situação sociolinguística da Guiné-Bissau discutindo questões relacionadas ao multi/bilinguismo, às línguas étnico-maternas e, como efeito, à diglossia. Procurar-se-á igualmente explicar os juízos de valor que os falantes do Kriol e do português guineenses têm sobre essas línguas, incluindo as étnico-comunitárias. Notamos, porém, que os dados que servem de base a este estudo, com apenas uma exceção, foram todos recolhidos com falantes residentes em Bissau, mas de proveniências diversas, como se explica na metodologia.

O capítulo dois explica a metodologia utilizada para a recolha e análise quantitativa e qualitativa dos dados, fornecendo informações sociolinguísticas dos participantes do estudo. No terceiro capítulo apresentam-se e discutem-se os resultados de análise sobre os fonemas do Kriol, com especial atenção aos segmentos consonânticos, que são os que mais dissensos reúnem, as terminações nasais e os processos de (des)palatalização e monotongação dos ditongos /ei/, /oi/ e /ou/. Procurar-se-á, partindo particularmente das últimas propostas de análise fonético-fonológicas (Chapouto (2014) e Costa (2014)), e sobretudo das divergências nelas existentes, discutir e apresentar os segmentos considerados fonemas do Kriol, chamando conseqüentemente a atenção para a necessidade de, na definição do inventário fonológico do Kriol, se considerar a (provável) existência de duas grandes variedades (*Kriol Fundu* e *Kriol Lebi*) de modo a se definir uma proposta que englobe o que é mais comum entre as duas.

No quarto e último capítulo, fazem-se as considerações finais, deixando traços gerais de uma futura investigação sobre a variação linguística do Kriol, da qual uma parte dos dados se encontra em apêndice anexo, constituído por um conjunto de 28 entrevistas a estudantes do ensino secundário e universitário e a adultos, escolarizados ou não, com as respetivas transcrições ortográficas. Faz-se isso pensando na necessidade de se adotar o Kriol como a língua do ensino, tendo em conta a situação sociolinguística da Guiné-Bissau, país em que, apesar de possuir menos de um terço de falantes (27%), o português continua a ser a única língua oficial e do ensino, enquanto o Kriol, língua nacional e franca, possui acima de 90% de falantes da população guineense, como L1 ou L2 (INE, Censos 2009).

0.1. Objetivo geral

Considerando as lacunas brevemente referidas acima, o presente trabalho tem como objetivo principal:

a) problematizar e analisar a variação sociolinguística de aspetos fonológicos do Kriol;

0.2. Objetivos específicos

Em termos específicos, pretendemos, com esta pesquisa:

a) contribuir para a compreensão da relação entre as línguas na Guiné-Bissau e, a partir disso,

b) apontar e analisar as principais divergências fonológicas entre as duas grandes variedades do Kriol na Guiné-Bissau (Kriol Fundu e Kriol Lebi); e

c) discutir aspetos sociolinguísticos importantes para a compreensão da variação fonológica do Kriol.

1. Enquadramento do estudo

1.1. Línguas em contacto: a origem dos crioulos

O nosso objetivo nesta secção é o de contextualizar a origem e a formação de crioulos e, com efeito, de *pidgins* em geral, enquanto línguas naturais com características e condições socio-históricas especiais de surgimento. Para isso, com base nos estudos de Bull (1989), Couto (1996) e Pereira (2006), mostraremos brevemente as condições e as hipóteses de nascimento das línguas crioulas, as suas características sociolinguísticas e estruturais. De seguida, como forma de localizar e enquadrar o Kriol (crioulo da Guiné-Bissau) em relação a línguas congéneres em diferentes geografias, apresentaremos os chamados «Crioulos de Base Lexical Portuguesa (CBLP)»; depois mostraremos, em síntese, as hipóteses da origem e formação do Kriol.

1.1.1. Crioulos em geral

A palavra «crioulo», de uso mais ou menos corrente nos finais do século XVII, teve vários significados ao longo dos tempos. Antes, esta palavra era utilizada para designar: (i) “servidor”, “escravo nascido em casa do seu senhor”, (ii) os “filhos dos Pretos, nascidos na Índia e na América para os distinguir dos que vieram da África, sua pátria”, (iii) os mestiços e (iv) “um indivíduo de raça branca nascido nas colónias” (Bull, 1989: 42). Mais tarde, o termo passa a ser aplicado às “línguas faladas pelos crioulos”. Além dessas referências, etimologicamente, o que se tem dito sobre o termo ‘crioulo’? É comumente aceite que a palavra ‘crioulo’ se originou da língua portuguesa. Albert Valdman (1978), em *Le créole : structure, statut et origine*, nota que “le terme «créole» provient du portugais *crioulo* ou *criolo* passé au français par l’intermédiaire de l’espagnol et est dérivé vraisemblablement du participe passé *criado* du verbe *criar* (Latin *creare*) signifiant « élevé dans le foyer du maître, domestique ³» (*idem*: 10). Tal consenso, como lembra Trajano Filho (2014: 79), condiz com os passos dados pelos impérios coloniais no processo da expansão europeia, da qual Portugal foi pioneiro na África e América, seguindo-se os espanhóis, franceses e ingleses.

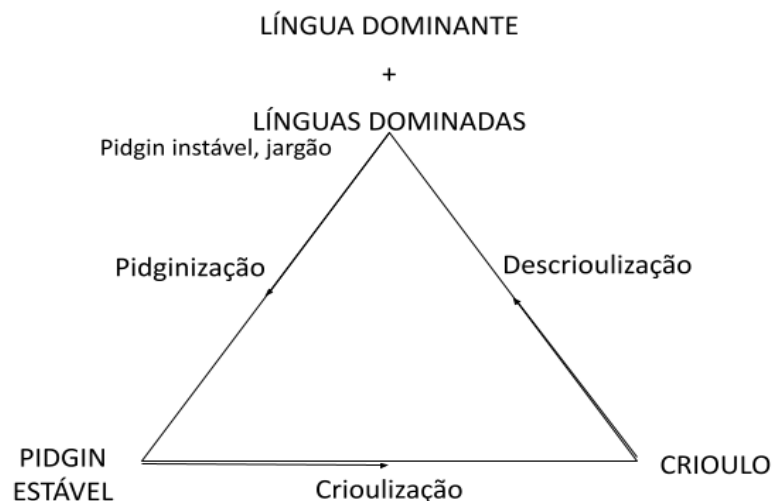
³ Tradução livre: o termo ‘créole’ vem do português *crioulo* ou *criolo*, passou para o francês por intermédio do espanhol e é provavelmente derivado do participio passado ‘criado’ do verbo ‘criar’ (latim *creare*), que significa “criado na casa do seu mestre”, “servo”.

Enquanto língua, os ‘crioulos’ conheceram um reconhecimento muito tardio. “A primeira atestação que se conhece do uso do termo crioulo para referir uma língua data apenas de 1684, numa descrição da Guiné feita pelo viajante Francisco Lemos Coelho”, Pereira (2006: 20)⁴. Essas línguas eram vistas como dialetos ou, pejorativamente, “adulterações de línguas europeias”, “jargões” ou “algarvia de palavras”, devido ao preconceito em relação aos povos, escravizados particularmente, que as falavam. No entanto, os crioulos, tal como o português, o francês..., são línguas naturais. Não são nem “falares” nem “deformações” de outras línguas. As condições da sua origem, porém, são diferentes e, de certa forma, especiais. Um crioulo (língua) resulta do contacto entre, pelo menos, dois povos com línguas mutuamente ininteligíveis – que, numa primeira fase, desenvolvem uma forma rudimentar de comunicação, língua auxiliar ou de urgência, *pidgin*, para comunicarem e se entenderem – sendo essa língua resultante/de contacto adquirida pela geração seguinte como língua nativa/materna (Bickerton, 1984, *apud* Couto, 1996: 15; Pereira, 2006: 13s)⁵. Assim, como originalmente proposto por Hall (1962, *apud* Couto, 1996: 17-18), o desenvolvimento de um *pidgin*, que se torna *crioulo* quando nativizado, pode explicar-se através do chamado *ciclo vital (life cycle)*, uma vez que os *pidgins* e os crioulos podem ser considerados como “duas fases” ou como “os únicos dois aspetos de um mesmo processo linguístico” (DeChamp, 1971, *apud* Couto, *op.cit.*).

Figura 1: Ciclo vital pidgin-crioulo

⁴ Na sua carta dirigida em 1694, a «sua majestade El-Rei D. Pedro II», narrando a sua «missão e visita ao Sertão, Cacheo e Reino de Bissau», Frei Vitoriano Portuense, então bispo de Cabo Verde, diz do Rei dos Papéis, Bacampolo Có: “entende muito bem a língua portuguesa, e poderá falar o **crioulo** se quisera; porém, entre todos aqueles reis gentios está introduzido por gravidade o falarem **por intérprete ou cholona**» (Da Mota, 1974: 70, nota 7). Comentando este excerto, Mota nota que “esta é uma das mais antigas referências concretas ao falar crioulo de que temos conhecimento (de momento só nos ocorre uma anterior, na relação de FRANCISCO DE LEMOS COELHO de 1668)”, (*ibidem*).

⁵ Note-se, no entanto, que autores como Mufwene (2001) defendem que o crioulo se desenvolveu desde os estádios iniciais de contacto, não havendo antes, portanto, uma fase de *pidgin*.



[Fonte: Hall (1962 apud Couto, 1996: 18)]

Partindo da figura acima, e ainda de acordo com Couto (1996), depreendemos que a essência dos crioulos e pidgins enquanto línguas, i.e., o seu *ciclo de vida*, resulta do contacto entre uma **língua dominante** e, geralmente no caso dos crioulos do Atlântico, **mais de uma língua dominada**, entre dois ou mais **povos aloglotas**. Desse contacto, numa primeira fase como se vê no início da seta *a*, decorre uma necessidade de comunicação, imediata e pragmática, surgindo assim – através da *pidginização* – um *pidgin instável*, sendo os seus falantes adultos que não estabelecem uma ligação afetiva em condições precárias de aprendizagem (cf. Couto, 1996; Rodrigues, 2019: 44). Com o intensificar da comunicação, o *pidgin instável* cristaliza-se num *pidgin estável* (fim da seta *a*), ou seja, torna-se um pidgin propriamente dito, que é uma formação linguística simplificada e reduzida em comparação com as línguas donde originou. No entanto, com o tempo, essa forma precária de comunicação passa a ser língua materna de uma comunidade, i.e., nasce um *crioulo*, através do processo de *crioulização*, como se vê na seta *b*. Vários autores apontam para a possibilidade de, caso a língua de superstrato continuar presente numa comunidade linguística crioula, como na Guiné-Bissau, por exemplo, o crioulo evoluir em direção à língua lexificadora. É o chamado processo da *descrioulização*, representado pela seta *c*.

Segundo Pereira (2006: 15), embora haja alguma divergência na definição do que é um crioulo, um facto porém é consensual: as línguas crioulas “distinguem-se das outras línguas pela rapidez da sua formação, em condições históricas fora do comum”,

em situações de multilinguismo em que um dos grupos de falantes – política e economicamente mais poderoso – é considerado de cultura e língua superiores, o *superstrato* ou língua dominante e lexificadora, e o outro é considerado de língua e cultura inferiores, o *substrato* ou língua(s) dominada(s). Estes últimos são – no caso das ilhas atlânticas como Cabo Verde e Caraíbas, mas não no continente africano nem no asiático – povos deslocados e isolados em relação às suas origens culturais, com vista a eliminá-las ou transformá-las, nas gerações seguintes. Essa situação, como veremos a seguir, ocorre geralmente por intermédio da escravidão. Carreira (1982), explica que

uma das tácticas seguidas pelos dominadores durante o tráfico negreiro consistiu na separação sistemática dos escravos trazidos de África (sobretudo os chamados «escravos novos» [...] em grupos de diminuto número de indivíduos da mesma *Nação* (o que corresponde ao actual conceito de *etnia*), misturando-os com de *nações* diferentes, nomeadamente no aspecto linguístico, de modo a levá-los a aprendizagem de outra forma de comunicação verbal e de processos de trabalho, conducente ao desaparecimento, tão rápido quanto possível, da cultura própria de cada *nação* (*idem*: 82).

Esse excerto expõe, de maneira sucinta e esclarecedora, as condições de contacto às quais se referiu em cima. Ainda do ponto de vista sócio-histórico, além do **multilinguismo** já apontado, i.e., o contacto entre povos multilingues e aloglotas, sendo uma das línguas falada por um povo socioeconomicamente mais forte mas não adquirida plenamente pelos falantes das outras línguas – povos dominados, a **insularidade** é também uma das condições essenciais para a formação dos crioulos. Isto explica-se pelo facto de as ilhas implicarem uma deslocação e um afastamento em relação às culturas e às línguas originárias dos povos que as povoam, além de favorecerem a sua miscigenação (Pereira, 2006: 66 ss.). A mesma explicação é válida para zonas costeiras, em que, apesar de não serem propriamente ilhas, houve uma concentração de população diversificada. São exemplos desse fenómeno as fortificações de Cacheu, na actual Guiné-Bissau, que terá sido berço do Kriol (Bull, 1989: 62) e Cochim, na Índia; ou ainda as chamadas “ilhas continentais” (Chaudenson, 1989, *apud* Couto, 1996: 34), no caso do crioulo de Guiana, de base lexical francesa, e do Krio da Serra Leoa.

É preciso ainda notar que os crioulos, línguas que resultaram no processo de aquisição pelas crianças na visão bickertoniana das variedades básicas das línguas

faladas pelos adultos em contacto, não são produto de evolução nem das línguas de substrato nem da do superstrato. Antes resultaram da reestruturação de um material linguístico novo, são “línguas novas que emergiram, com uma estrutura própria, em condições tais que determinaram que as mudanças linguísticas, que normalmente levariam muitas décadas, se tivessem processado em muito pouco tempo” (Pereira, 2006: 29).

Estruturalmente, sem pretendermos ser exaustivos, os crioulos são caracterizados da seguinte maneira (cf. Couto, *op. cit.*; Pereira, 2006: 81):

a) apresentam um número de fonemas menor em relação às línguas de substrato e de superstrato;

b) têm uma ausência quase total de morfologia derivacional e flexional (no caso de flexão verbal, por exemplo, a codificação das informações que, em línguas como o português, se daria através da própria flexão (desinências pessoais) do verbo em Tempo, Modo e Aspetto, dá-se por meio de unidades gramaticais livres ou associadas à forma verbal); e

c) as funções sintáticas, por não disporem, quase nunca, de preposições para a sua marcação, são indicadas preferencialmente pela ordem das palavras na frase, em geral SVO.

Como exemplos da flexão, vejamos as frases em baixo do Kriol, cujo sistema verbal faz essencialmente dois tipos de oposição (cf. Rougé, 1995: 87) – perfetivo vs. imperfetivo (o aspeto); e atual vs. anterior (o tempo): na frase (1), ao verbo ‘kume’ (= comer) não está associada nenhuma unidade, i.e., o verbo não apresenta nenhuma ‘marca’, logo o evento nela contido descreve uma situação perfetiva⁶ (= pretérito perfeito); em (2), devido ao morfema livre *ta*, colocado antes do verbo, estamos perante uma proposição habitual (um presente habitual parafraseável por *temos o hábito de comer peixe*); em (3), o *ba* indica a ‘anterioridade’ e, em (4) o *na* indica o progressivo (parafraseável por *vou comer peixe*):

⁶ Segundo a nossa intuição de falante nativo do Kriol, isto só acontece, em geral, com predicados eventivos. Com os estativos, um verbo sem morfema de TMA denota não uma ação perfetiva, mas sim uma situação do “presente real”: *N misti djuga* (‘eu quero jogar’), *No pudi kunsá* (‘podemos começar’). No entanto, ao nosso conhecimento, não existem ainda estudos especificamente sobre este assunto, pelo que nos interessa abordá-lo em pesquisas futuras.

(1) N kume pis.

1PS comer peixe

Eu comi peixe.

(2) No *ta* kume pis.

1PL TMA comer peixe

Nós comemos peixe

(temos o hábito de comer peixe).

(3) N kume *ba* pis.

1PS comer TMA peixe

Tinha comido peixe.

(4) N *na* kume pis.

1PS TMA comer peixe

Eu vou comer peixe.

Creemos ter mostrado, de forma geral, as características estruturais e socio-históricas dos crioulos. Vejamos, brevemente, algumas das principais hipóteses sobre a sua génese, seguindo a contextualização de Intumbo (2007). Olhando para as condições socio-históricas compreendemos que, na base do surgimento dos crioulos, está um certo hibridismo de línguas numa relação de poder entre povos: se, de acordo com teorias como as dos substratistas (Lefebvre, 1998), ao crioulo a língua do dominador/invasor é o principal fornecedor do léxico – o superstrato; a(s) língua(s) dos povos dominados são a fonte da sua estrutura gramatical, i.e., o substrato.

Numa fase inicial, os crioulos eram explicados quase exclusivamente pelas línguas do superstrato, lexificadoras, atribuindo-se um papel marginal às línguas dos povos dominados. Daí terem sido vistos como “dialetos”, “deformações”, “adulterações” das línguas europeias. Ora, na tentativa de encontrar uma origem comum a todos os crioulos, propondo que sejam línguas tipologicamente distintas de outras línguas e, por isso, formariam uma família linguística, surgiu a teoria monogenética – a monogénese, que terá sido consequência do primeiro encontro dos crioulistas realizado por Le Page em 1959 (Couto, 1996: 159) e segundo a qual todos os crioulos foram formados a partir de um único pidgin português (*Sabir*) relexificado por outras línguas. Posteriormente, muda-se a perspetiva nos estudos de crioulos, passando a destacar na sua formação as influências das línguas do substrato – a teoria substratista, de que Taylor (1971) é um dos principais precursores. Contestando esta hipótese, e tomando por base a gramática generativa de Chomsky, que defende a ideia de que as crianças estão providas de uma faculdade de linguagem, Bickerton (1981, 1984), através da sua *Hipótese do Bioprograma Linguístico (Language Bioprogram Hypothesis, LBH)*, argumenta que as crianças, ao adquirirem o crioulo como sua língua materna, num contexto de crioulição, não tiveram um modelo em que se basear e, com efeito, fazem uso da sua capacidade inata para transformar o pidgin numa língua

natural (Couto, 1996: 168), complexificando-a e nivelando-a sistematicamente. É o que se viria a chamar a Teoria Universalista, que, à semelhança da Gramática Universal, propõe traços linguísticos que seriam comuns a todos os crioulos.⁷

Ainda no debate sobre a identidade dos crioulos, McWhorter (1998, *apud* Intumbo, 2007: 24; Rodrigues, 2019: 47) retoma a ideia do protótipo de crioulo, propondo três características principais que distinguem as línguas crioulas das não crioulas, a saber: a pouca ou total ausência de flexão por afixação, o pouco ou nenhum recurso ao tom para contrastar monossílabos do ponto de vista semântico e, por fim, do ponto de vista morfológico, a existência de uma afixação transparente e regular devido à sua idade relativamente jovem. Para uma visão mais alargada sobre as hipóteses de formação dos crioulos, consulte-se Couto (1996).

No mundo, existem crioulos de diversas bases lexicais, nomeadamente portuguesa, espanhola, francesa, inglesa e holandesa. Além destes, que são de base indo-europeia, isto é, resultantes geralmente dos contactos entre os colonizadores da Europa Ocidental e os diversos povos da África, Ásia, América e Oceânia, existem outros crioulos de base não indo-europeia, de que não falaremos aqui. Dos crioulos de base espanhola, os mais conhecidos são falados sobretudo nas ilhas Curaçau, Aruba e Bonaire (*Papiamentu*⁸), em Porto Rico (*Bozal*) e na Colômbia (crioulo de San Basílio); o *Jamaicano* ou *bungo* (Jamaica), o *Tok Pisin* (Nova Guiné), o *guyanese* (Guiana), o *Krio* (Serra Leoa), entre outros, são crioulos de base inglesa; os de base francesa são falados na América (nas ilhas de Martinica, Guadalupe, no Haiti, etc.) e no Oceano

⁷ Além dessas hipóteses, já em 1978, Naro (*apud* Rougé, 1986, Intumbo, 2007, Costa, 2014...) propunha a explicação da origem dos crioulos da África Ocidental, onde se inclui o Kriol, não pelos primeiros contactos comerciais entre europeus e africanos, mas como resultado de um pidgin português, ao qual chamou “linguagem de reconhecimento”, que teria sido usada em Portugal a partir de 1440 por brancos e negros e, depois, teria sido trazida para a África pelos lançados (o mesmo teria sido denotado por Teyssier, 1959, que fala de “Língua de Pretu”, Jacobs, 2010: 293). Esta hipótese não é aqui considerada, com base na questão levantada por Rougé (1986): “como compreender que os africanos levados para Portugal para serem formados como intérpretes não aprenderam o português, enquanto certas explicações mostram que, menos de um século depois, africanos falavam corretamente essa língua?” (*idem*: 30). Note-se ainda que “os exemplos da linguagem de reconhecimento citados por Naro foram extraídos de peças de teatro”, além de que os lançados de que fala Naro “não tinham frequentado em Portugal os lugares onde viviam os primeiros africanos capturados nas costas de África, e que deviam falar esta linguagem de reconhecimento” (*idem*: 30-31).

⁸ O *Papiamentu* é considerado por alguns linguistas como crioulo de base lexical ibérica, porque teria sido resultado da fusão de dois pidgins ou crioulos de base portuguesa e espanhola (Bull, 1989: 52, Pereira, 2006: 64). Segundo esta autora, o este crioulo apresenta grandes semelhanças com o crioulo de Cabo Verde quer a nível lexical quer a nível gramatical.

índico (nas ilhas Maurícia, Rodrigues, Reunião e no arquipélago das Seychelles); nas Ilhas Virgens e de St. Tomas, etc., falam-se crioulos de base holandesa. Dado que o nosso objeto de estudo é o Kriol, apresentaremos na subsecção seguinte, de uma forma inventariada, os crioulos de base lexical portuguesa.

1.1.2. Crioulos de base lexical portuguesa

Já vimos na secção anterior que os crioulos são línguas naturais de formação rápida e resultam, em geral, do contacto entre dois ou mais povos, numa relação de domínio de um sobre outro(s). Os crioulos de base portuguesa, tal como muitos crioulos de base indo-europeia, são fruto de relações comerciais e de escravatura, em que o português era a língua dominante, a língua dos senhores. Um crioulo é de “base lexical portuguesa” quando as unidades lexicais são evidentemente de origem portuguesa na sua maioria, embora, “na sua estrutura, se rejam por regras fonológicas e morfológicas próprias, possam ter significados diferentes e impliquem construções sintáticas diferentes” (Pereira, 2006: 47). Isto é, o léxico dessa nova língua, devido à sua interação com outras línguas, nomeadamente as dos povos dominados (o *substrato*, que, no caso da Guiné-Bissau, são mais de uma dezena de línguas) ao longo do processo da sua formação, vai-se enriquecendo, ganhando outras estruturas e dando origem a novas unidades com sons e significados diferentes, conseqüentemente.

À semelhança do que fez Pereira (2006) em relação ao crioulo de Cabo Verde, se observarmos esta frase do Kriol,

Mas ora ku u sta na un ambienti, pur ezemplu, kil ku no ta fala menus informal, ambienti familiar o di bankadas, kon serteza si u papia kriol djintis ma na dau valor (hl2_30_bud_lebi_uni_bs, apêndice 6) (‘Mas quando estás em ambientes, por exemplo, menos formais, ambiente familiar ou de bancadas, se falares Kriol as pessoas valorizam-te mais’)

encontraremos facilmente, para a maioria das palavras que nela ocorrem, as suas correspondentes em português⁹. Temos casos em que há uma correspondência direta nas duas línguas, quer a nível das formas fónicas quer a nível léxico-semântico:

⁹ Nota-se que o facto de essa frase ser produzida por um falante nativo jovem e estudante universitário pode facilitar ainda mais essa correspondência lexical, como defendemos na secção sobre a variação interna do Kriol.

mas – mas; ora – hora; na – na ('em a); un – um; ambiēti – ambiente; ?; pur – por; ezemplu – exemplo; fala – fala(r) [= dizer]; menus – menos; informal – informal; familiar – familiar; bancadas – bancadas; kon serteza - com certeza; si – se. Há outros casos em que as palavras sofrem alterações sobretudo fônicas mas mantêm o seu significado: *ki – que; o – ou; djintis – gentes; kil – aquele?, sta – está (r).* Não encontramos, porém, um étimo português da palavra como *u* (forma reduzida do pronome pessoal *bu*), que provavelmente vem de uma das línguas de substrato.

Situações linguísticas como estas que acabamos de ver são o que Rougé (1989) chama de “africanização” do nível superficial das formas (decorrida no processo da criouliização), em que não só há um encontro – parcial ou total – das formas lexicais – como também há uma adaptação dos sons do português. Para esse autor, o Kriol (e o mesmo se diga em relação aos crioulos de Cabo Verde, de São Tomé...) “conservou do português, unicamente, os sons que os africanos podiam pronunciar” (*idem*: 43), ou seja, conservou tudo quanto ao português e às línguas africanas era comum. No caso particular do crioulo guineense, e ainda em acordo com Rougé (1986), esses dois campos, lexical e fonológico, constituem os principais domínios mais evidentes da africanização das formas, reinterpretadas lexicalmente à luz das línguas africanas.

Outros casos ainda existem em que, no processo de criouliização, as palavras reconhecidamente de origem portuguesa, passam a ter dois ou mais significados, como *fiu* – que, sendo proveniente *feio* e tendo esse significado, significa também *fio*; e *bias*, que quer dizer *vez* e *viagem* – a este caso, segundo Rougé (*idem*: 48), dá-se o nome de “calco [sic] semântico”¹⁰, sendo que se encontram em várias línguas africanas a noção de “viagem” e de “vez” exprimidas por uma mesma palavra. Em Mandjaku (ou Manjaco), por exemplo, a palavra correspondente a essa noção é a mesma com a do Kriol, *bias*. Voltaremos a estas questões na secção sobre a origem e a formação do Kriol.

Ainda em relação à questão de “base lexical”, importa realçar que os crioulos que se formam a partir da mesma base podem conservar a mesma unidade lexical, embora com diferenças fonológicas. É o caso da palavra portuguesa *falar*, que no Kriol corresponde *fala* (‘falar’, mas sobretudo ‘dizer’) como vimos na frase anterior, e que,

¹⁰ Decalque semântico.

segundo Pereira (2006: 49), em Cabo Verde corresponde a *fla, falá*; no Príncipe *fa, fala*; em Korlai (Índia), *hala*; no Angolar (São Tomé), *faa, fala* ou *fará*; no Forro (São Tomé), *fla, fada*; e no Papiia Kristang (Malaca), *falá*.

Os crioulos de base lexical portuguesa estão presentes em África e na Ásia. A sua classificação habitual baseia-se sobretudo em critérios geográficos, havendo, em alguns casos, uma correlação entre estes e o tipo de línguas de substrato.

Assim, em África, formaram-se dois grupos de crioulos:

a) **Crioulos da Alta-Guiné**, os mais antigos que se conhecem, incluem os crioulos de Cabo Verde, da Guiné-Bissau (**Kriol**) e de Casamansa (Senegal) e, em termos linguísticos, as línguas do substrato como Wolof (da família Oeste-Atlântica) e o Mandiga (da família Mandé), entre outras, parecem ter um papel proeminente na sua formação (cf. Hagemeyer, 2016). O crioulo de Cabo Verde é língua materna de toda a população cabo-verdiana e compreende duas grandes variedades, a do Barlavento (em São Vicente, São Nicolau, Sal, Boa Vista, e Santo Antão) – que seria a mais próxima do português (cf. Pereira, 2006: 60; Castro, 2006: 45) e a de Sotavento (nas ilhas de Santiago, Fogo, Maio e Brava), além de ser também falado na sua diáspora (em São Tomé e Príncipe, em Portugal, nos Estados Unidos...). O da Guiné-Bissau não é a língua materna de toda a população, apesar de ser falada por mais de 90% dos guineenses; convive com dezenas de línguas africanas e é igualmente falado na diáspora guineense (no Senegal, em Portugal, no Brasil...). O crioulo de Casamansa é falado como L1 pela população (mais idosa) de Ziguinchor e apresenta um baixo número de falantes.

b) **Crioulos do Golfo da Guiné**, mutuamente ininteligíveis, compreendem o **Forro** ou **Santomense** (falado na ilha de São Tomé), o **Angolar** ou **N Gola** (falado no sudeste da ilha de São Tomé), o **Lung'ie** ('língua da ilha', do Príncipe) e o **Fa d'Ambô** ('fala.r do Ano Bom', falado na Guiné Equatorial). Segundo Hagemeyer (2016: 45), existem evidências históricas e linguísticas que favorecem a ideia de uma origem partilhada dessas quatro línguas numa subfamília linguística, que seria um proto-crioulo formado no nordeste da ilha de S. Tomé e, no século XVI, devido à "dispersão populacional" e à "fuga de escravos" (no caso do angolar), ter-se-ia ramificado para as ilhas do Príncipe e do Ano Bom e outras zonas de ilha são-tomense.

Do seu substrato, o Edo (da família Edóide, Nigéria), o Quinongo e Quimbundo (línguas Bantu do Congo e de Angola) são as línguas com maior proeminência.

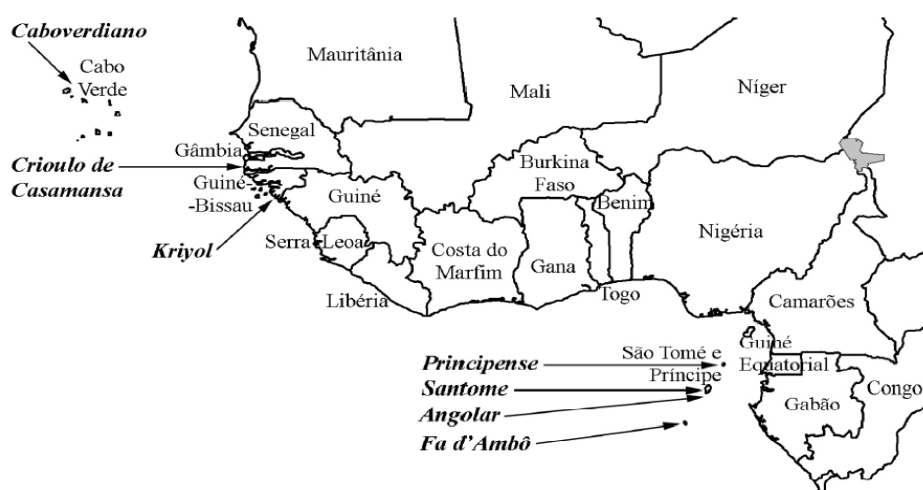
Na Ásia, onde os crioulos de base lexical portuguesa foram perdendo a vitalidade em detrimento das línguas mais funcionais como Malaio e Guzerate, existem três subfamílias seguintes, de acordo com Cardoso et al. (2015):

a) **Crioulos indo-portugueses:** dos vários crioulos dessa subfamília, sobrevivem atualmente os de Diu, o de Damão e o de Korlai ou **Kristi** (falado ao sul de Bombaim), Cananor e Sri Lanka (antigo Ceilão), este último restrito às cidades de Batticaloa e Trincomalee. São línguas maternas ou de casa de um reduzido número de falantes cristãos, nessa zona da Ásia meridional.

b) **Crioulos malaio-portugueses:** desta subfamília, apenas o **Papia Kristang** ('falar cristão') subsiste, nos dias de hoje, e é falado em Malaca, na península de Malásia, e em locais onde se estabeleceu uma comunidade luso-asiática de Malaca, nomeadamente em Kuala Lumpur e Singapura.

c) **Crioulos sino-portugueses:** apenas o crioulo de Macau subsiste nesta subfamília linguística, mas em estado de obsolescência. Segundo Cardoso et al. (2015: 675), no passado, as comunidades macaenses teriam transportado esse crioulo para locais como Hong-Kong e Xangai.

Mapa 1: Crioulos de base lexical portuguesa da África



[Fonte: Cardoso et al., (2015: 671)]

Mapa 2: Crioulos de base lexical portuguesa da Ásia



(Fonte: Cardoso et al., *ibidem*)

1.1.3. Kriol (crioulo da Guiné-Bissau): origem e a formação

Nesta parte do trabalho, apresentam-se sumariamente, e numa perspetiva de contextualização, as hipóteses que têm sido levantadas para a explicação da origem e formação do Kriol, aquele que é hoje, repetimo-lo, a língua franca/veicular – i.e., a língua de comunicação interétnica/intercomunitária – e nacional da Guiné-Bissau, falada, como L1, L2 ou até L3, por mais de 90% dos guineenses, no país e na diáspora.

O Kriol, à semelhança dos outros crioulos de base Lexical portuguesa, surgiu num contexto de relações comerciais e de escravatura, do contacto entre os portugueses e os diversos povos africanos autóctones no século XV. No entanto, é ainda muito discutível o local onde terá surgido. Ao longo dos anos, foram surgindo várias hipóteses que, devido à ligação histórica entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde, relacionam os crioulos falados nestes dois países. Assim, além da já refutada explicação de Naro (1987), existem fundamentalmente duas hipóteses de origem do Kriol.

Se, por um lado, Silva (1957)¹¹, Carreira (1986) e, mais recentemente, Jacobs (2010) argumentam em favor do surgimento de um crioulo em Santiago (Cabo Verde), que depois teria sido levado e disseminado na Guiné-Bissau, a partir de Cacheu, Rougé (1995), retomando e esclarecendo a sua posição num artigo de 1986, sublinha que, embora não seja plausível considerar que os dois crioulos tenham surgido e evoluído independentemente um do outro, não se pode considerar que o crioulo da Guiné-Bissau seja “pura e simplesmente importado de Cabo Verde” (*Idem*: 81-82); teriam partilhado o mesmo material linguístico de base, o (pidgin) português, tratando-o de forma diferenciada, de acordo com as características sociolinguísticas dos povos que habitam esses dois países (Rougé, 1995: 91-92). Bull (1989) escreve com base em relatos de De la Courbe que “Cacheu foi o berço da cultura crioula da Guiné[-Bissau]” (*idem*: 63), podendo deduzir-se com isso que o crioulo continental surja na GB, em Cacheu – tal como teriam defendido diversos autores (Doneux e Rougé, 1988; Santos, 1979; Khim, 1989; Couto, 1994; e Scantambulo, 1981, 1999, *apud* Jacobs, 2010: 295) – mas não que tenha sido trazido de CV.

Esses dissensos encontrarão os seus fundamentos em factos históricos como o de *descobrimento* da atual Guiné-Bissau em 1446 e de Cabo Verde (desabitado) em 1460, a não dominação pelos colonos dos indígenas em Cacheu (que teriam o mandinga como a língua veicular), o papel e o peso demográfico dos cabo-verdianos na colonização da GB (Jacobs, 2010: 299), o papel das praças e presídios e da cristianização, etc. O certo é que, há, desde o século XVI, nos escritos de viajantes e missionários portugueses referências implícitas e explícitas ao termo ‘crioulo’, falado em Cacheu:

o em 1594, André Álvares de Almada fala em negros “que sabem falar a **nossa língua**”, provavelmente um “**crioulo-português**” (Bull, 1989: 71; Couto, 1994: 34-35, *apud* Intumbo, 2007: 27);

¹¹ A posição de Silva (1957), que Rougé (1995: 82) vê como “peremptória” e que seria depois retomada e discutida por outros autores, resume-se nesta frase: “Suponho que o crioulo falado na Guiné é, não uma criação resultante directamente do contacto do indígena com o português, mas sim o crioulo caboverdiano de Sotavento levado pelos colonos idos do arquipélago e que, com o tempo, se foi diversificando e adquirindo caracteres próprios sob influência das línguas nativas” (Silva, *idem*:31). O mesmo é defendido por Carreira (1986) com base em considerações unicamente históricas (ver pgs. 26, 33, 44-53 e 62).

o a primeira referência explícita, segundo Teixeira da Mota (1974: 70, nota (7)) terá sido de 1684 e é atribuída a Francisco Lemos Coelho, que, falando dos povos banhus, diz que “fazem **algvas erróneas** [palavras de crioulo de Cachéu] (Pereira, 2006: 21);

o em 1685, num relato da sua viagem a Cacheu, La Courbe refere que “há entre eles, certos **negros e mulatos que se dizem Portugueses**, porque são descendentes de alguns Portugueses que por lá viveram outrora; essa gente, além da língua do país, **falam certa algarvia**, que se chama **crioulo**”; esse autor acrescenta ainda o seguinte: “quando cheguei a Cacheu, pela primeira vez, como não compreendia a língua portuguesa, falava latim; porém, além dos religiosos, eu encontrava pouca gente que o percebesse; havia, no entanto, alguns oficiais da **Praça** que o falavam um pouco; o capitão-mor, que também percebia de latim, disse a propósito que eu falava ‘latim-português’ e ele ‘**latim-crioulo**’” (Bull, *idem*: 83; Pereira, *idem*: 21).

o em 1694, Frei Vitoriano Portuense, então bispo de Cabo Verde, na carta dirigida a «sua majestade El-Rei D. Pedro II», em que narra a sua «missão e visita ao Sertão, Cacheo e Reino de Bissau», diz do Rei dos Papéis, Bacampolo Có: “entende muito bem a língua portuguesa, e poderá falar o **crioulo** se quisera; porém, entre todos aqueles reis gentios está introduzido por gravidade o falarem **por intérprete ou cholona**» (Mota, 1974: 70, nota 7).

As conclusões a que podemos chegar com essas referências é que, como aliás salientava Bull (1989: 62), independentemente da disputa sobre o local do seu surgimento – que é, para usar os termos de Rougé (1986), de nenhum interesse científico – Cacheu é o berço do crioulo hoje falado na GB; entre os séculos XVII e XVIII, ainda não era claro que o Kriol era uma realidade linguística diferente e autónoma do português; era mais ou menos perceptível que não eram a mesma língua – aliás, os crioulos, como vimos, não eram considerados como tal, daí termos como “algvas erróneas”, “certa algarvia”. Quem seriam então os primeiros falantes dessa língua; que estatuto teriam eles?

Nas praças da atual GB – Cacheu, Geba, Ziguinchor, Farim... –, viviam essencialmente três classes sociais: a primeira seria constituída pelos portugueses ou assimilados¹² (negros ou mulatos), que viviam “à portuguesa”, “à fracença”, enfim, “à europeia”; a segunda seria a dos soldados e, a terceira, a dos grumetes/gurmetes, que seriam descendentes dos primeiros africanos oriundos de diversas nações e teriam

¹² A classe dos assimilados seria formada pelos antigos grumetes, cabo-verdianos e mulheres africanas que viviam com os portugueses, que os ajudavam no comércio, e os seus descendentes (Rougé, 1986: 35).

servido como marinheiros das canoas/barcos nos rios da África entre o continente e Cabo Verde, sujeitos aos governadores das praças (Rougé, 1986: 34-35). Segundo este autor, “foi nesta sociedade que se desenvolveu o Kriol”, devendo procurar-se as razões da sua formação na categoria social dos grumetes, uma vez que teria pré-existido à dos assimilados. Participariam do contacto linguístico de onde se originou o Kriol línguas africanas de origem Mande, em particular o mandinga, e as Oeste-Atlânticas, em que se incluem Fula, Wolof, Balanta, Pepel, Manjaco, etc., subfamílias do Níger-Congo.

Do ponto de vista linguístico, explica Rougé (*op. cit., idem*: 38-42) a formação do Kriol teria passado por diversos processos, nomeadamente pela homogeneização das formas e pela africanização. Em Kriol, o sistema verbal do proto-crioulo português foi sobretudo o mais afetado e reinterpretado, com a eliminação do <r> final, aquisição e generalização da forma do participio passado *-do* a todos os verbos do Kriol, inclusive aos que não são de origem portuguesa (*djagasidu* < *djagasi* ‘misturar’ – wolof: *jaxase*; *banhun*: *bajagasin*; *fasidu* < *fasi* (PEC ‘fazer’), além da formação do causativo, sintetizada pela seguinte fórmula: verbo + nt/nd+V (harmonizada sobre a última vogal do tema). Assim, o causativo dos verbos *piridi* ‘perder’ e *ientra* ‘entrar’ seriam *pirinti* e *ientranda*, respetivamente, aparecendo a forma *nd* quando há um /t/ no radical ou em algumas palavras comportando uma oclusiva velar (*pega* ‘pegar’ > *peganda*). Será através do segundo processo – a **africanização** – que o Kriol, a par do crioulo de Casamansa, terá adquirido o seu “caráter africano”, a nível superficial e a nível profundo.

A nível superficial, a pronúncia, o encontro e a reinterpretação das formas (léxico) são os domínios mais evidentes. A título exemplificativo deste último caso, palavras como *bin* (*vir*, do PEC) e *djus* (*a querela*), as quais poderiam ser vistas como provenientes do português, encontram-se nas línguas africanas guineenses: *bi*, em balanta significa *vir* (em manjaco, a forma correspondente é *bili*) e, em mandinga, *djusu* significa *fígado*, donde *djusbó* ‘jangan-se’ ou *djudimin* ‘a raiva’. A nível gramatical, a africanização evidencia-se sobretudo na gramática, nomeadamente no sistema verbal (a perda da flexão, aglutinada em morfemas de TMA), nos adjetivos (que, em Kriol, podem receber características aspetuais e temporais – *e rapas bunitu ba* ‘este rapaz era bonito’) e no “calco[sic] semântico” – em Kriol, a forma *bias*, que se originaria da

forma portuguesa arcaica referente a ‘viagem’ e que existe em línguas como manjaco (*bias*) e wolof (*yoon-bi*), significa ao mesmo tempo ‘viagem’ e ‘vez’: *m bai bias* ‘viajei’ vs. *i ten ba um bias* ‘era uma vez’).

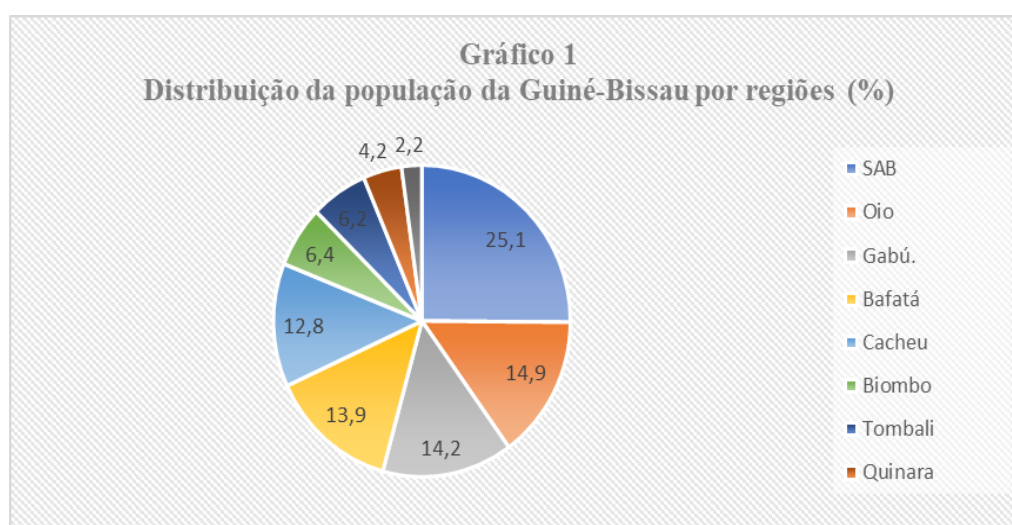
Em suma, como nota Rougé (1986), poder-se-ia dizer que o Kriol é uma língua de léxico de origem portuguesa numa gramática profundamente africana, dado que, ao nível estrutural, se encontram mais semelhanças entre as línguas africanas e o Kriol do que entre este e o português. Ou seja, apesar de o Kriol ter pedido emprestado o material – o léxico – ao português, os seus falantes utilizam-no com a sua visão do mundo, atribuindo-o a outras interpretações, outros significados. A discussão sobre a sua origem justificar-se-á pelo paradoxo que os CBLP em geral apresentam: se, por um lado, são os mais antigos, i.e., os primeiros – eles ou as suas proto-formas – a aparecer no seguimento histórico em que apareceram crioulos de outras bases e, portanto, determinantes talvez no aparecimento dos outros; eles são também, por outro lado, os menos estudados (Andrade e Khim, 1992: 191). E o Kriol, em relação aos crioulos luso-atlânticos, é provavelmente um dos menos estudados em todos os aspetos, apesar da sua indiscutível vitalidade e do papel que desempenha na gestão sociolinguística das comunidades guineenses.

1.2. O Kriol: da convivência multiétnica e multilinguística

1.2.1. Situação geográfica

A Guiné-Bissau é um país da costa atlântica ocidental da África que foi “descoberto” em 1446 e, posteriormente, colonizado pelos colonialistas portugueses, tendo conquistado a sua independência de Portugal em Setembro de 1973, na sequência de uma luta armada de Libertação Nacional. Limitada a norte pelo Senegal, a sul e a leste pela Guiné (-Conacri) e ao oeste pelo Oceano Atlântico, e constituído por 36.125 km² e cerca de 2 milhões de habitantes (1.520.830, segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE) – Recenseamento Geral da População e Habitação, RGPB-2009: 2), este país é heterogéneo do ponto de vista das suas tradições e culturas, o que se materializa, de certa forma, na sua repartição étnica e religiosa dando azo ao multilinguismo e ao multiculturalismo pelos quais se define.

Além do Sector Autónomo de Bissau (SAB), a capital, o país é administrativamente dividido em oito regiões, nomeadamente as regiões de Biombo, Cacheu e Oio, a norte; as regiões de Bafatá e Gabú, a leste; e as regiões de Bolama, Quinara e Tombali a sul; sendo cada uma delas dirigida por um governador. Segundo os dados do RGPH-2009, ¼ da população guineense reside no SAB, que alberga um total de 25,1%¹³ dos guineenses de diferentes grupos étnicos – o que faz deste setor um mosaico linguístico-cultural – sendo (o arquipélago de) Bolama/Bijagós a região com a menor proporção residente, i.e., 2% da população total, conforme se vê no gráfico seguinte:



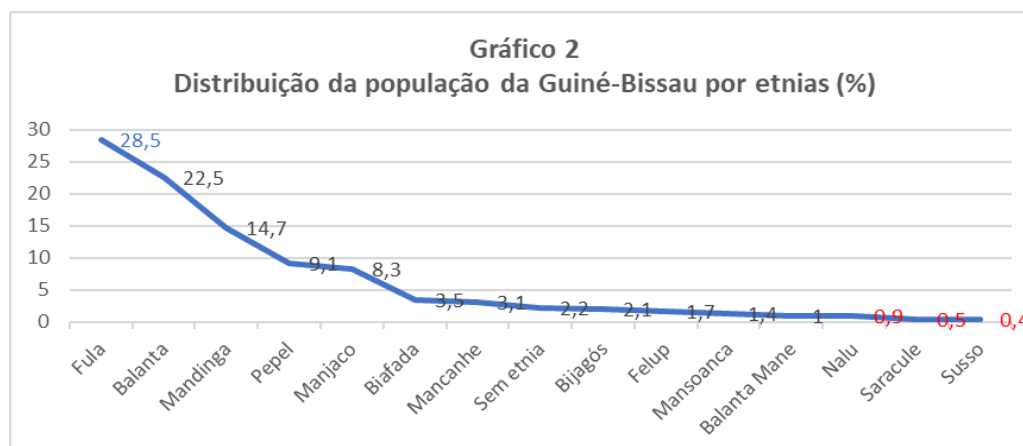
[Fonte: Adaptado do RGPH, 2009: 21]

1.2.2. O Kriol e a situação sociolinguística da Guiné-Bissau

Como veremos logo a seguir, a heterogeneidade da população guineense materializa-se na sua repartição étnico-linguística, com dezenas de grupos étnicos a habitar (e a coabitar uns com os outros) nas oito regiões do país, além da capital Bissau. De acordo com os dados oficiais publicados pelo INE (RGPH-2009: 22), estima-se que 2,2% da população guineense não pertence a nenhuma etnia, sendo que, das mais de duas dezenas de grupos étnicos, os Fulas correspondem à etnia com maior expressão no país (28,5%), seguindo-se a etnia Balanta com 22,5%, Mandinga com 14,7%, Papel com 9,1%, Manjaco com 8,3% e as etnias Nalu, Saracule e Sosso

¹³ Uma consulta ao site oficial do Instituto Nacional de Estatística, INE, <https://www.stat-guinebissau.com/> mostra que, atualmente e de acordo com os Dados da Projeção Demográfica, em 2023, o SAB contém um total de 25,2% da população guineense, tendo Bolama 2,2%.

apresentam proporções abaixo de 1%. O gráfico a seguir resume essa distribuição populacional da Guiné-Bissau por etnia.



[Fonte: Adaptado do RGPB-2009:22]

Somando as percentagens de cada um desses 14 grupos étnicos da GB – sem contar com o grupo “sem etnia” – concluiremos que eles compõem um total de 97,7% da população guineense. É seguramente por isso que são apresentados como as principais etnias do país.

Geograficamente, os 14 grupos étnicos com maior expressão populacional encontram-se quase um pouco por todo o país. No entanto, a etnia Balanta é aquela que se distribui por mais regiões, reunindo 46,9% da população de Tombali, 35,2% de Quinara, 43,6% de Oio, 19,4% de Biombo, 28,8% de Cacheu e 20,5% de Bissau (RGPB, 2009: 28). Enquanto a etnia Bijagós habita maioritariamente a região (ilhas) de Bolama-Bijagós (64,3%), nas regiões de Bafatá e Gabu, leste, os grupos Fula e Mandinga são mais expressivos, totalizando 60% e 22,9% em Bafatá e 79,6% e 14,2% em Gabu respetivamente – o grupo Fula corresponde a 20,9% da população de Tombali e 18% em Bissau e o Mandiga 32,9% em Oio. A região de Cacheu, proporcionalmente, é habitada maioritariamente pelos Manjacos (36,8%), tendo os Papeis uma expressão de 64,7% da população de Biombo e 15,7% de Bissau. Na figura em baixo pode-se ver detalhadamente a distribuição da população guineense.

Figura 2: Distribuição da população guineense em regiões por etnia

Etnia	Região																			
	Guiné-Bissau		Tombali		Quinara		Oio		Biombo		B. Bijagos		Bafatá		Gabú		Cacheu		SAB	
	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%	Efectivos	%
Total	1442227	6,2	60624	4,2	214791	14,9	92665	6,4	32140	2,2	200242	13,9	204814	14,2	184124	12,8	362699	25,1		
Sem Etnia	32098	3,8	505	1,6	1097	3,4	612	1,9	602	1,9	2909	9,1	3237	10,1	3783	11,8	18138	56,5		
Balanta	323948	42,276	13,1	21329	6,6	93737	28,9	17983	5,6	1403	0,4	16094	5,0	3734	1,2	53072	16,4	74320	22,9	
Fula	410560	18,861	4,6	4788	1,2	2980	0,7	4065	1,0	1154	0,3	120183	29,3	162970	39,7	9142	2,2	65417	15,9	
Mandinga	212269	4,386	2,1	3041	1,4	70739	33,3	1503	0,7	1462	0,7	45818	21,6	29017	13,7	1460	0,7	44843	21,1	
Manjaco	119808	10,42	0,9	1650	1,4	6561	5,5	2487	2,1	893	0,7	4498	3,8	916	0,8	67726	56,5	34035	28,4	
Mancanha	44829	2,80	0,6	749	1,7	1391	3,1	2539	5,7	1676	3,7	788	1,8	452	1,0	8304	18,5	28650	63,9	
Papel	130651	14,37	1,1	2088	1,6	1587	1,2	59995	45,9	1805	1,4	2191	1,7	526	0,4	4206	3,2	56816	43,5	
Bijagos	30294	1,165	3,8	1491	4,9	147	0,5	849	2,8	20670	68,2	202	0,7	395	1,3	260	0,9	5115	16,9	
Beafada	50543	5,156	10,2	22231	44,0	2186	4,3	451	0,9	2004	4,0	2567	5,1	613	1,2	744	1,5	14591	28,9	
Felupe	24892	58	0,2	63	0,3	158	0,6	930	3,7	110	0,4	145	0,6	55	0,2	16713	67,1	6660	26,8	
Mansoanca	20456	7,11	3,5	2215	10,8	8029	39,3	708	3,5	60	0,3	1878	9,2	904	4,4	1049	5,1	4902	24,0	
BalantaMane	14460	148	1,0	17	0,1	4530	31,3	151	1,0	5	0,0	555	3,8	153	1,1	7064	48,9	1837	12,7	
Nalu	13420	10498	78,2	218	1,6	55	0,4	149	1,1	69	0,5	159	1,2	253	1,9	109	0,8	1910	14,2	
Sussu	5318	2700	50,8	175	3,3	112	2,1	60	1,1	122	2,3	257	4,8	206	3,9	106	2,0	1580	29,7	
Saracule	7407	128	1,7	47	0,6	437	5,9	75	1,0	55	0,7	1920	25,9	1331	18,0	286	3,9	3128	42,2	
ND	1274	67	5,3	17	1,3	45	3,5	108	8,5	50	3,9	78	6,1	52	4,1	100	7,8	757	59,4	

[Fonte: RGPH, 2009: 70]

No Recenseamento Geral da População de 2009, foram mencionadas apenas as acima etnias apresentadas. No entanto, existem outros tantos grupos socioculturais – com as suas línguas diferenciadas, embora com um número muito pequeno de falantes – pelo menos a julgar pelos dados do RGPH-1991. É possível, a partir desses dados, contar um total de 27 grupos étnicos, dos quais se excluem cinco do que supomos ser as ramificações do grupo Fula, i.e., “Fula-de-Boé”, “Fula-de-Futa”, “Fula-de-Forro”, “Fula-de-Toro” e “Fula-Preto”. Essa divisão, embora não explicada nos censos em causa, pode ser entendida, de ponto de vista linguístico, da seguinte maneira: uma vez que os grupos étnicos têm cada um a sua língua, geralmente diferentes uma da outra, é provável que algumas línguas desses grupos tenham seus dialetos – daí as designações como “Fula-de-Boé” – que corresponderão à localização geográfica desses subgrupos étnico-linguísticos (tal como no caso do grupo Fula, existem “Manjaco de Caió”, “Manjaco de Pandim”, etc. que são quase todas intercompreensíveis, e os nomes “Caió” e “Pandim” designam localidades onde se falam esses dialetos). Além disso, é muito provável que a designação “Fula-Preto” tenha muito a ver com a cor de pele desse subgrupo fula. Os grupos étnicos que, apesar de aparecerem no RGPH de 1991, não foram referenciados nos censos de 2009 são os seguintes: *Baga, Baiote, Bambara, Banhum, Brame, Kaboiana, Kasanga, Kunante, Fula-de-Boé, Fula-de-Futa, Fula-do-Toro, Fula-Forro, Fula-Preto, Jacanka, Jaloto, Landuna, Pajadinka, Surua, Tanda, e Temene.*

A figura (3) em baixo apresenta, *ipsis verbis*, a enumeração de todos os grupos étnicos apresentados pelo RGPH-1991, com os respectivos números da população.

Tabela 1: Grupos étnicos e a respetiva população segundo RGPH, 1991

Etnia	TOTAL		Menos de 10 Anos		10 - 14 Anos		15 - 24 Anos		25 - 44 Anos		45 - 64 Anos	
	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H	HM	H
	TOTAL DO PAIS											
TOTAL	97920 3	47256 0	33696 0	17033 0	1198 86	6197 2	16365 8	7561 6	21337 2	9314 9	9617 4	4553 2
Baga	349	171	83	44	43	22	57	29	93	44	42	15
Baiote	5144	2605	1942	1008	514	310	700	387	946	385	650	296

Balanta	23264 3	11047 1	76687	38847	2498 2	1295 8	37682	1661 9	55549	2326 8	2560 3	1254 9
Balanta -Mane	9110	4274	3511	1698	902	480	1354	617	2003	837	842	381
Bambar a	254	125	76	36	25	14	34	13	73	35	30	18
Banhum	317	159	102	48	33	18	55	32	71	33	36	16
Beafada	31457	15107	11206	5605	4497	2358	5385	2499	6216	2655	2645	1250
Bijago	20530	9981	6117	3144	2534	1274	3653	1634	4482	2033	2613	1225
Brame	34683	16260	11560	5772	4948	2474	6418	2904	7263	3153	3309	1389
Caboian a	539	252	169	83	64	33	102	45	111	44	58	25
Cassang a	991	458	358	176	132	68	130	66	205	75	100	39
Cunante	13169	6285	4620	2318	1650	846	2170	1021	2848	1232	1195	543
Felupe	13971	7166	4610	2409	1800	1000	2381	1226	3118	1395	1396	760
Fula	24055 7	11906 2	87211	44178	2953 7	1531 4	40241	1898 2	51551	2364 3	2076 7	1032 3
Fula -de -Boe	347	157	141	63	44	26	47	25	72	29	32	11
Fula -de -Futa	7257	3624	2638	1359	861	441	1145	518	1579	715	690	365
Fula -do -Toro	135	72	48	22	17	10	21	13	27	15	14	6
Fula -Forro	92	47	32	14	11	7	15	11	23	7	10	7
Fula -Preto	588	279	228	109	60	32	100	51	109	43	56	24
Jacanca	2659	1376	947	504	387	210	483	242	527	259	219	102
Jaloto	238	104	73	38	35	16	31	11	63	23	19	7
Landuna	477	238	177	86	54	26	76	37	103	54	42	20
Mandin ga	13432 5	65368	50655	25840	1646 7	8707	21042	9682	27403	1184 5	1178 4	5594
Manjaco	90803	42112	28827	14368	1166 8	5978	15315	7392	18245	7404	1035 0	4010

Nalu	8728	4205	2994	1521	1095	533	1522	680	1802	842	794	357
Pajadinc a	1766	885	618	322	207	124	304	140	379	154	176	93
Papel	88324	42015	28408	14254	1187 1	5984	15946	7260	19254	8384	9250	4286
Saracole	4501	2165	1624	808	607	276	761	344	926	433	393	205
Sosso	3347	1773	1143	582	430	234	559	264	797	428	253	150
Surua	206	108	47	21	25	11	43	23	61	42	18	10
Tanda	528	246	209	98	56	25	73	36	114	48	39	19
Temene	124	66	50	24	15	13	13	7	27	15	16	6
Sem -Rel -Etnia	7876	4037	1861	904	871	445	1499	735	2382	1269	920	525
Outras Etnias	5115	2658	1696	902	659	363	776	398	1244	592	507	282
Mixta	15774	7555	5669	2825	2463	1192	3067	1455	3165	1454	1051	493
Não Especific	2279	1094	623	300	322	150	458	218	541	262	255	131

[Fonte: RGPH, 1991: 29]

É importante referir que, depois de 1991, não há mais dados oficiais sobre a distribuição étnica-populacional na GB. Como notaram Couto e Embalo (2010: 29), não se sabe se, em 2009, houve ou não uma decisão deliberada de não se retratar todas as etnias existentes no país, possivelmente para evitar o aproveitamento político para fins eleitorais, como tem sido a prática na nossa recente história política. A ser assim, a decisão terá resolvido o problema político, mas empobreceu (e ainda empobrece) a história sociolinguística e cultural do país.

Se assumirmos que cada grupo étnico tem a sua própria língua – pese embora o facto de muitas delas serem próximas e, eventualmente, subdivisões do mesmo grupo, é minimamente aceitável afirmar que, na Guiné-Bissau, pelo menos até 1991, há 27¹⁴

¹⁴ A questão do número de línguas existentes na Guiné-Bissau, considerando a quantidade dos grupos étnicos, é bastante complexa. Não há dados concretos, ou pelo menos oficializados. Embora não seja o objetivo deste trabalho, note-se que tanto nos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística, INE (RGPH, 2009) quanto em estudos sociolinguísticos, fala-se apenas em grupos étnicos presentes e em línguas ou dialetos mais falados no país. Por exemplo, Intumbo (2007: 4), citando Grimes (1988), escreve

línguas, além do Kriol e do português, e outras línguas estrangeiras como o francês e inglês. É facto, porém, que muitas dessas línguas, se ainda não desapareceram por completo, estarão em risco de extinção. “Kansanga”, falada sobretudo no norte do país, em Sedengal, pequena aldeia situada entre Ingoré e São Domingos, onde estivemos diversas vezes entre 2012 e 2014, é apenas um exemplo claro desse triste fenómeno. No entanto, só um amplo estudo de campo atualizado poderá confirmar esses dados.

Segundo Intumbo (2007: 2-3), o multilinguismo na Guiné-Bissau resulta, por um lado, da imigração de outros povos africanos (oriundos nomeadamente dos impérios de Mali e do Gabú, este último situado no Leste da atual Guiné-Bissau) e, por outro lado, da própria geografia do país, que é, nas palavras de Intumbo, um “pântano banhado de rios”. Nesse mosaico étnico-cultural, composto por dezenas de línguas (pertencentes aos grupos linguísticos de Oeste-Atlântico e Mande, ambos da família Níger-Gongo, Intumbo, *op. cit.*) temos ainda o Kriol, língua franca, e o português, língua oficial. Contrariamente ao Kriol, que, pelo menos até 2009, é falado por 90,4% da população guineense, entre falantes nativos e não nativos das diferentes línguas étnicas do país (INE, RGPB-2009: 36 ss.) – percentagem muito superior àquela (75% a 80%) que é referida por Couto e Embalo (2010:30) – o português, além de não ser a língua vernácula do país, é falado por apenas 27,1% da população¹⁵ (*idem*: 32 ss.), o que o faz oscilar proporcionalmente entre a quarta e quinta língua mais falada no país,

que “actualmente, a Guiné-Bissau tem cerca de 22 línguas, embora nem sempre seja claro quantas destas são apenas variedades de uma mesma língua”, o que aparecerá em Costa (2014: 61); mais tarde, em Couto e Embalo (2010: 28), lê-se que “no pequeno território da atual Guiné-Bissau, são faladas cerca de 20 línguas [para além do Kriol e do português], muitas delas pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua”; já Scantamburlo (2013: 21) refere que “na Guiné-Bissau são faladas outras 25 línguas étnicas [para além do Kriol e do português]”, apontando, porém, que existem “cerca de 30 grupos étnicos” (*idem*: 16), o que poderá pressupor que línguas de alguns grupos étnicos serão considerados por esse autor variedades de mesma língua.

Uma outra questão digna de nota aqui é o facto de se defender que línguas como Manjaco, Mancanhe e Pepel são dialetos de uma mesma língua, por supostamente terem uma fonologia idêntica (Couto e Embalo, 2010: 31; Costa, 2014: 65). Esse não é o nosso entendimento. Enquanto falante nativo de Manjaco, podemos afirmar que essas línguas não são intercompreensíveis, apesar das semelhanças léxico-fonológicas que possam ter, pelo que é arriscado fazer tal afirmação.

¹⁵ Duvidamos da exatidão desses dados em relação à língua portuguesa. É hábito assumir-se na Guiné-Bissau que todos os estudantes do secundário e universitários falam português, o que não é necessariamente um facto. Os próprios alunos assumem-no, mesmo quando não conseguem formar “corretamente” uma frase em português (pelo menos na Norma Padrão do PE, que é aquela que é ensinada no país).

ao lado de línguas como Fula, Balanta, Mandiga e Manjaco – as quatro línguas africanas no país com maior número de falantes nativos.

Nesta realidade sociolinguística, o Kriol é o principal meio de comunicação interétnica, falada em todas as regiões e aldeias da Guiné-Bissau, sendo-lhe reservado o estatuto de “língua nacional” desde os primórdios da Independência. Enquanto tal, o Kriol é a língua mais usada diariamente, nas ruas e nos bairros, nos meios de comunicação social e, conseqüentemente, em quase todas as instituições do Estado, apesar da sua não oficialização. O português, porém, tal como nas demais ex-colônias portuguesas de África, tem o estatuto de língua oficial e é, paradoxalmente, a única língua do ensino¹⁶, de administração e de cooperação internacional, sendo utilizado quase exclusivamente em contextos oficiais, em alguns programas radiofónicos e televisivos, na imprensa escrita, entre outros contextos de comunicação oficial e de divulgação de conhecimento.

A partir desses censos de 2009, últimos realizados até então, não é claro se todos esses falantes adquiriram o português como língua nativa, tal como não é claro em relação ao Kriol ou em relação às outras dezenas de línguas étnicas. Isso não invalida, contudo, o facto de o português ser, no mínimo, a terceira língua¹⁷ para muitos dos seus falantes no país, tendo em conta que, primeiro, aprendem uma ou mais línguas africanas (sua(s) língua(s) materno-étnica(s)), depois o Kriol e, quase só por via da escola, adquirem o português. Acrescente-se que o português na Guiné-Bissau, como lembram Couto e Embaló (2010), é adquirido como língua primeira/materna “por uma insignificante franja de filhos de guineenses que, tendo estudado em Portugal ou no Brasil, o adotaram como língua de comunicação familiar, ou por filhos de casais mistos de guineenses com falantes de português de outras nacionalidades” e por “filhos de portugueses residentes na Guiné-Bissau ou, então, de

¹⁶ Note-se, porém, que, apesar de oficialmente proibido, os professores fazem uso do kriol para alfabetizar as crianças em português e para ensinar, em quase todos os níveis do ensino básico e secundário.

¹⁷ Para nós, o facto de o português ser a língua oficial e de ensino (escolarização) da GB não faz dele automaticamente a L2, como é em contextos de língua-alvo. Uma grande parte da população guineense onde nos incluímos, apesar de o português ser a única língua de ensino, tem como sua(s) língua(s) materna(S) o Kriol e mais uma língua africana local, geralmente a língua de um dos pais.

filhos de outros estrangeiros que por um motivo ou outro falem português em casa (Couto e Embalo, 2010: 47 ss.).

No que diz respeito ao ensino, devemos notar que a variedade do português ensinado no país, quer nas instituições do ensino público quer nas privadas ou nos centros de línguas, não corresponde àquela que os guineenses falam efetivamente, que seria um “português acrioulado” nas palavras de Couto e Embaló (2010: 35), mas sim à norma padrão do Português Europeu. cremos que isso se deve, por um lado, à não existência de políticas educativas nesse sentido e, por outro, à escassez de descrições linguísticas capazes de padronizar esta variedade do português, contrariamente àquilo que se vê, por exemplo, em Angola ou Moçambique, onde o português é não apenas a língua oficial como também a língua nacional, com suas características devidamente documentadas (cf. Brito, 2001, 2002; Kapetula, 2010; Hagemeyer, 2016). Dos poucos estudos que existem¹⁸, muitos são sobre a situação sociolinguística do país, pelo que não têm como objetivo descrever esta variedade do português.

Em nota de conclusão desta secção, lembra-se que os dados aqui apresentados, com base nos dados oficiais, sobre as línguas existentes na Guiné-Bissau e os seus respetivos falantes em termos percentuais devem ser vistos como um todo, no qual se inclui falantes monolíngues, bilingues, trilingues e até quadrilingues, de acordo com o número de línguas em que se declaram competentes (Scantamburlo, 2013: 28).

1.2.3. Etnia, identidade e língua

Propusemo-nos aqui, brevemente, debruçar sobre o conceito «etnia», donde «grupo étnico», que na Guiné-Bissau se utiliza para distinguir os vários povos que compõem o país. Segundo o antropólogo Ramiro Delgado Salazar (1991: 70s), quando pensamos em «etnia», somos imediatamente levados a pensar em «diversidade», «pluralidade», e «diferença dos indivíduos», embora «etnia» seja um dos conceitos

¹⁸ Existe uma bibliografia disponibilizada pela Cátedra de Português Língua Segunda e Estrangeira da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, sobre o português na Guiné-Bissau disponível em <https://catedraportugues.uem.mz/bibliography-search/3>. Esta lista bibliográfica conta com 19 estudos, entre artigos científicos, capítulos de livros e dissertações, que discutem questões ligadas ao ensino do português, políticas linguísticas, contacto do português com outras línguas (nomeadamente com o crioulo) e, alguns, oferecem algumas descrições fonológicas e morfosintáticas.

ideológica e historicamente forjados para classificar e manipular as sociedades africanas, nomeadamente através da colonização¹⁹, e, com efeito, negue a diversidade e promova a universalidade. De acordo com Nsume Mbongo (1985, *apud* Delgado Salazar, *ibidem*), “os índices essenciais da etnia são: a autoconsciência étnica (na qual a ideia de comunidade de origem e de destinos históricos desempenha um papel); a **língua materna** e o território; as particularidades da psique, da cultura e do sistema de vida”. O que mais nos interessa nessa observação é essa inter-relação entre a «língua» e o «território». As dominações de povos, as lutas pela sobrevivência e contra a expansão islâmica, por um lado, contra as potências europeio-cristãs, por outro, explicam em parte essa situação (Scantamburlo, 2013: 11). O exemplo prático disso é o já citado grupo «Fula», repartido em 5 outros subgrupos pelos censos de 1991, muito provavelmente por critérios territoriais, identitários, modos de ocupação e de organização, com ou sem grandes diferenças linguísticas como já referimos.

Scantamburlo (2013), depois de citar os vários períodos de emigração e as consequentes lutas dos povos Fulas e Mandingas no território da Guiné-Bissau, entre os séculos XIII e XIX, lembra-nos que, destruída a potência mandinga no Gabú (onde curiosamente os dois grupos coabitam até hoje, embora a maioria da população seja Fula) na batalha de Kansala (1867-1869), se iniciou “uma forte imigração Fula no território da Guiné-Bissau, obrigando as populações que habitavam essas regiões a deslocar-se ainda mais para o litoral pantanoso” (*idem*: 12). Além disso, é preciso lembrar que as estruturas espaciais e as delimitações cosmogónicas antigamente existentes na África, em geral, foram desmembradas pela Conferência de Berlim (1885), donde resultou a fixação e a imposição de novas fronteiras artificiais (Salgado Salazar, 1991: 76-77) e, até certo ponto, um agrupamento de diversas comunidades/grupos sociais em mesmas regiões e países – Manjacos e Fulas, p.e., são algumas das comunidades que também existem no Senegal, e Fulas e Mandingas, na Guiné (Conacri), Mali, etc.

¹⁹ Nota-se que, no período pré-colonial, “existia uma inter-relação entre as diversas comunidades africanas a nível endógeno e exógeno”, tendo o poder colonial estimulado a reprodução das questões étnicas, conferindo-lhes novos significados (que ultrapassam questões de parentesco, língua e de religião) sobretudo políticos (Delgado Salazar, 1991: 73).

Como vimos, a ter em conta a heterogeneidade étnica já explicada, existem, neste país africano, mais de duas dezenas de línguas, além do Kriol e do português e de outras línguas estrangeiras como o Inglês e Francês. No entanto, se é verdade que podemos, até certo ponto, associar certos grupos étnico-linguísticos a uma determinada região ou província (por exemplo, os Fulas e Mandingas são maioritariamente das regiões de Gabú e Bafatá, leste; os Balantas, do Tombali e Quinara, sul; os Manjacos, os Pepéis e os Mancanhes..., das regiões de Cacheu e Biombo, do norte), essa associação pode ou não ser válida se aplicada às pessoas, em relação às suas línguas maternas, que podem ser ou não iguais às suas línguas étnicas, a(s) língua(s) dos pais. Esse facto é devido sobretudo às questões identitárias, e não propriamente linguísticas, uma vez que há muitos guineenses que se apresentam como Manjaco, Balanta, Mandinga, mesmo quando não falam essa língua, bastando para tal os pais (ou um dos pais) serem manjacos, balantas, mandingas.

Além disso, atendendo ao conceito de “etnia” e a sua aplicação no contexto guineense, existe a possibilidade de um guineense se declarar competente numa ou noutra língua étnica, sem pertencer culturalmente à etnia em causa²⁰, facto que é confirmado pelo RGPH-2009: “constata-se que, de uma maneira geral, a maioria da população de todas as etnias considera o seu dialecto [língua] como principal dialecto [língua materna] falado” (INE, RGPH-2009: 32); no entanto, “entre a população da etnia Nalu, 24,2% consideram o dialecto [língua] Sosso como principal. Cerca de 15% da população da etnia Mancanha, 11,5% da etnia Mansoanca e 69,2% da população Sem Etnia, não consideram nenhum dialecto [língua] como principal” (*idem*: 33).

Na Guiné-Bissau como em muitos países africanos, a língua, espacialmente determinada ou não, continuará a ser uma das principais condições para a determinação de um grupo étnico, uma vez que é difícil falar da “etnia” sem falar da sua “língua” ou da “língua” sem a sua “etnia”, reconhecendo o facto de que o «espaço étnico» “inclui referentes sociais, religiosos, linguísticos, políticos, culturais e económicos que fazem dele um universo válido para os seus membros” e que “por trás

²⁰ A título de exemplo, um dos participantes do estudo (ml1_56_bal/pep/kr_fundu_bas_dj, apêndice 6) declara-se competente em três línguas locais, nomeadamente balanta, pepel e manjaco, tendo aprendido essas duas últimas línguas pela convivência com comunidades onde são faladas como línguas maternas..

da soma das suas componentes é construída uma «identidade étnica» (Salgado Salazar, 1991: 82). Nesta dinâmica de definição do espaço étnico e territórios linguísticos, aliada ao contacto entre as suas distintas línguas e as dos colonizadores (no caso em específico, o português), produziu-se, por via da herança colonial, classificações como “língua oficial (e de ensino)”, “língua nacional”, etc., o que nos leva a seguinte questão: que relação existe entre as diversas línguas faladas na Guiné-Bissau, subcategorizadas em “língua oficial”, “língua nacional” e “língua étnica”?

1.2.4. Relação entre as línguas na Guiné-Bissau: função e prestígio

Considerando as observações feitas até aqui, podemos afirmar que a Guiné-Bissau apresenta uma situação linguística complexa, complexidade essa que envolve a funcionalidade social e/ou política de cada um dos três grupos de línguas do país: línguas africanas locais, o Kriol e o português. Desse ponto de vista, há uma *diglossia* (Ferguson, 1959) – senão *triglossia* – ou diglossia sobreposta no país: por um lado, a relação é entre as línguas africanas e o Kriol e, por outro lado, entre o Kriol e o português.

Tal como acontece em situações de diglossia, seja entre duas ou mais línguas diferentes, seja entre variedades de uma mesma língua, as línguas faladas na GB encontram-se numa distribuição complementar, podendo ser hierarquicamente classificadas – usando a terminologia de Ferguson (1959: 34s) – como ‘H’ (alto prestigiada) e ‘L’ (*low*, baixo prestígio). Assim, entre o Kriol e o português, o português é uma língua ‘H’ (o mesmo em relação às línguas africanas locais) e o Kriol, ‘L’; ao passo que entre o Kriol e as línguas africanas locais, o Kriol corresponde à língua ‘H’ e aquelas ‘L’.

As chamadas “línguas étnicas”, línguas africanas locais, não tendo propriamente um estatuto atribuído pelo Estado, são instrumentos de comunicação diária nas aldeias e zonas periféricas da Guiné-Bissau e são, a nível da aquisição, as línguas maternas de uma grande parte da população guineense. Nas cerimónias tradicionais, no contacto entre a população “urbana” e as comunidades rurais, e os seus familiares particularmente idosos, nas igrejas rurais (cristãs e islâmicas), a comunicação faz-se nessas línguas africanas – há, inclusive, materiais religiosos (de igrejas cristãs particularmente) produzidos nas línguas locais. Políticos e comerciantes utilizam-nas

frequentemente para atingir os seus fins. Além das funções sociopolíticas já mencionadas, essas línguas são, em suma, línguas das comunidades, das famílias – nomeadamente rurais. No entanto, em relação quer com o Kriol quer com o português, as línguas africanas locais encontram-se na base da pirâmide de prestígio, sendo desconhecidas em alguns casos por jovens – sobretudo nas cidades²¹.

Quanto à relação entre o português e o Kriol, a língua portuguesa é claramente a mais prestigiada. Se lhe é reservado o exclusivo estatuto de “língua oficial” e, por consequência, língua de administração, da imprensa escrita e das elites, e a (única) de ensino, ao Kriol reservou-se apenas o papel de “língua de unidade nacional” (Embaló, 2008), devido sobretudo a razões históricas estritamente ligadas à Luta pela Libertação Nacional (1963-1974) e à imperiosa necessidade de “unidade nacional” num contexto de plurilinguismo multiétnico. O contacto com o Kriol, quando não é língua materna, é geralmente iniciado muito cedo, chegando a ser simultânea a sua aquisição com a da (de uma) língua africana local (como é o nosso caso). Nas cidades, no comércio, no Parlamento, na música, nas bandas desenhadas, na literatura – na poesia, particularmente – nas rádios, na televisão e em outros meios de comunicação social há uma predominância do Kriol.

Assim, o Kriol e as línguas étnicas, quando dominadas, são “línguas de casa” ou de família, enquanto o português é a “língua de escola”, de contextos oficiais.

N de ku bu ta papia purtuguis nel gora, so na xkola o u ta papia na kasa?

N ta papial na xkola, n ta papial ora ku n sai di xkola, purki n ta papial ku nha amigas ate ora ku no na bai pa kaza sin. Ora ku n tchiga kaza sertamenti ki n ka ta tene kin ku n na papia purtuguis la. Mas tambí, ki nha ermonsinhos ku ta bai pa xkola, n ta tenta papia ku elis purtuguis. (...) nha mame i un... i ka bai sin xkola sin, no pudi fala sin, i ka bai xkola, el i un analfabeta. N tau pa i papia ku mi

²¹ Por exemplo, dos 10 alunos do ensino secundário entrevistados (todos naturais ou residentes de Bissau), apenas 3 (hl2_17_fula_lebi_sec_can, ml1_19_sussu/kr_lebi_sec_cas, ml1_18_fula/kr_lebi_sec_bs) são falantes nativos de línguas africanas, a par do Kriol, numa situação clara de bilinguismo. De idade compreendida entre 17 e 19 anos, dois são falantes do fula e um do susu, e falam-nas quase exclusivamente em contextos familiares, com os pais mas principalmente avós a desempenharem um papel fundamental na sua aprendizagem. Um quarto participante (ml1_20_kr_lebi_sec_bs), de pais mandingas, diz ser um falante passivo do mandinga. Em contraste, dos 10 estudantes universitários entrevistados, apenas uma (ml1_25_kr_lebi_uni_dj) não falava nenhuma língua africana como língua materna, ainda que saiba passivamente o fula e o pepel.

portuguis i na torna difisil purki i ka aprendi. N tau di la n ta papia son ku nha kolegas. [l1_19_fula/kr_lebi_sec_bs, apêndice 6]

Onde é que tu falas português, só na escola ou também em casa?

Falo-o na escola, falo-o, às vezes, quando saio da escola com as minhas amigas, a caminho de casa. Quando chego a casa, certamente que não tenho com quem falar português, yeah. Mas também, com os meus irmãos que já andam na escola, tento falar com eles o português. (...) a minha mãe é uma... não andou na escola, sim, digamos que ela é analfabeta. Então, ela falar português comigo torna-se difícil, porque não o aprendeu. Daí eu falar [português] só com os meus colegas. [ml1_19_fula/kr_lebi_sec_bs]

Contrariando o desprestígio a que era conectado enquanto língua pelas autoridades coloniais (Bull, 1989: 22), o Kriol tem sido, como já se referiu, o principal meio de comunicação – i. e., “língua veicular” – entre as dezenas de grupos étnico-linguísticos do país. Se antes da Independência o Kriol conheceu um meio de comunicação privilegiado nas “praças”/cidades como Bafatá, Gabú e Geba, a leste; Bolama e Bubaque a sul; e Cacheu e Farim, a norte; da Independência à atualidade, esse privilégio ser-lhe-ia atribuído não só pela capital Bissau, a cidade com mais etnias no país, mas também em todo o território nacional onde convivam, pelo menos, dois grupos com línguas diferentes. Eis as “condições sociopolíticas e económicas” às quais se deveu esse prestígio, segundo Scantamburlo (2013: 35):

☒ «depois da *Independência*, foi reconhecido ao Crioulo Guineense o *estatuto de língua nacional*, sendo a língua capaz de se impor em todo o território nacional e de assumir também o papel de símbolo nacional;

☒ Os responsáveis políticos do Governo e os locutores das várias Rádios Emissoras têm sido obrigados a *escolher o Crioulo Guineense* para uma melhor compreensão e uma maior eficácia dos próprios discursos e programas.

☐ Em 1987 houve uma liberalização económica que teve como consequência a *urbanização e a imigração dos outros países vizinhos*. A cidade de Bissau passou de 112.140 habitantes, em 1979, para 387.909 em 2009, que têm utilizado uma língua comum como instrumento de comunicação num contexto multilingue».

Apesar deste cenário de crescimento de falantes do Kriol, o prestígio do português – uma sobreposição paradoxal e não natural em relação a todas as línguas

guineenses – faz-se ainda sentir nos dias de hoje e pode ser resumido pela sua associação a uma certa “intelectualidade”, “inteligência”, fruto do processo histórico de colonização como reconhecem os participantes no estudo. Vejamos alguns exemplos:

Ma ke ku pui, suma ku n na fala, ke ku pui, pur izemplu, na un spasu suma kila, bu papia portuguis djintis ta djubiu ku utru udju, i sinal di kuma, kerzer, bu ta pasa dja um utru mensajen ku na moxta kuma abo dja i alguin ku bai skola. I pabia di kila ku pui alguin ta mixti tambi papia portuguis, kerzer suma um forma di ronka si nivel [di skolaridadi] tambi. Pabia tambi e ta djubi, e ta midi pezu di lingua. Kerzer portuguis i mas tene... es i pa utrus, i mas tene pezu en relason a kriol.

Pesu na kuma, pezu na kal sintidu?

M bon, pezu na na, na sintidu, kerzer di, di... m pudi falau es i efeitus psikolojikus di kolonizason. Pabia kuma elis, normalmenti elis [kolonus] e ta tenta inferioriza tudu kil ki di nos, pa eleva mas di elis. Kerzer, si kriol dja ka konsideradu suma un lingua ate... e ku manda logu u ta moxta kuma si n bon si bu papia ki lingua portuguis, en relason a kriol i mas tene pezu [...]. [hl2_30_bud_lebi_uni_bs]

[Tradução]

«Mas o que faz com que, como te disse, por exemplo, num espaço como aquele [familiar ou de associativismo], se falares português as pessoas olham para ti de uma maneira diferente é porque a mensagem que tu passas é de seres uma pessoa escolarizada, culta. É por isso que as pessoas querem também falar português, quer dizer, como forma de exibir o seu nível [de escolaridade]. [...] Porque também, atualmente, as línguas pesam, quer dizer, o português, para muitos, pesa mais do que o kriol.

Pesa mais em que sentido?

Bem, peso no sentido de... posso dizer que são efeitos psicológicos da colonização, porque tentam inferiorizar tudo o que é nosso para elevar o que é deles [os colonizadores]. Quer dizer, se até como uma língua o kriol não é considerado... é por isso que falar português tem mais peso em relação a falar kriol [...] [hl2_30_bud_lebi_uni_bs]

Ou ainda:

Di faktu, sin, djinti ma ta dan balur ora k na papia [portuguis]. Pabia di ke? Ano no tene un sosidadi ki, ki n pudi fala di certa forma, i kolonalizadu. N ton sendu konalizadu [kolonizadu], i obrigadu e adota un utru kultura nu kual no kriol tambe, di certa forma, e ta, e ta sinti ki kuma sin... ora ku na papia kriol na... pur izemplu na un inxtituson e ta djubiu tipu un alguin ki ka... i ka panha

pe [...]. Ora ku bu misti un kuza sin, pur izemplu na un inxtituson, si u papia portuguis abo u ma na privileziadu di ki kin k na papia kriol.

[Tradução]

De facto, as pessoas valorizam-te mais quando falas [português]. Porquê? Nós temos uma sociedade que, posso dizer, ainda está colonizada. Então, sendo colonizada, fomos obrigados a adotar uma outra cultura na qual falar Kriol, de certa forma... quando falas Kriol numa instituição, por exemplo, és visto como “não civilizado” [...]. Se falares português és logo mais privilegiado do que quem fala Kriol. [hl2_27_bal_lebi_uni_ka]

Se nas “cerimónias tradicionais”, nas aldeias, falar Kriol pode ser objeto de ridicularização; se, nas praças/cidades, falar línguas africanas pode causar estranheza, mas não ridicularização (a título exemplificativo, os comerciantes fulas falam frequentemente fula em Bandé; os manjacos, *idem*); falar português, por exemplo, num transporte público como “toka-toka” pode ser ridicularizado ou, daí o prestígio, pode causar admiração. O mesmo acontece nas atividades juvenis, de carácter associativo ou académico, como se exemplifica a seguir:

La alguin ka ta prekupa ku pasa mensajen, pabia i sibi kuma si i papia na kriol, kon serteza i ma na pasa mensajen, ate i ma na sta inspiradu pa papia. [...] Mas pabia di ki mixti ronku, di ki mixti afirma, bu ta pifiri papia portuguis.

Lá ninguém se preocupa em passar mensagem, porque sabe que se falar kriol, com certeza, transmite melhor a mensagem e até pode sentir-se mais inspirado. [...] Mas porque querem mostrar, querem afirmar-se, preferem falar português. [hl2_30_bud_lebi_uni_bs]

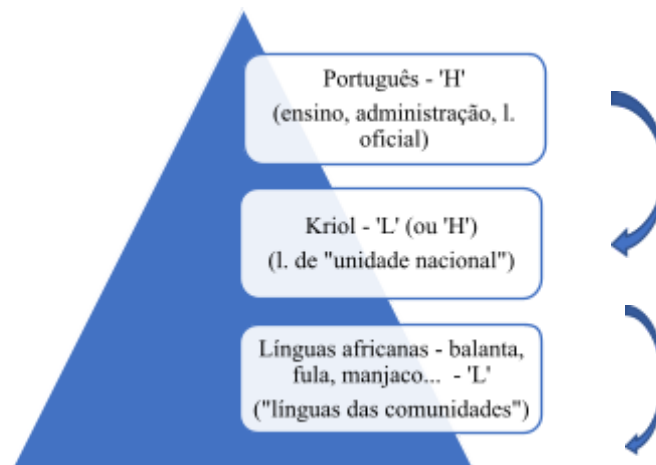
É importante referir que o uso do português resultou também de uma opção de política de língua, visando, por exemplo, as relações internacionais. E, por isso, talvez o seu prestígio não seja apenas 'trauma da colonização' ou 'restos de imagem psicológica' desse período. Aliás, mesmo antes da independência, Cabral (1974: 214) afirmava que “o português (língua) é uma das melhores coisas que os tugas nos deixaram”, pois “a língua não é prova de mais nada senão um instrumento, para os homens se relacionarem uns com os outros, é um instrumento, um meio para falar, para exprimir as realidades da vida e do mundo”.

Ora, devido ao processo histórico de que decorreu o uso do português na Guiné-Bissau, tal afirmação é um equívoco e tem sido mal interpretada pelos decisores políticos guineenses, fazendo perpetuar o papel que a língua portuguesa tinha desde

os tempos coloniais no país – a “língua dos civilizados” ou, nos dias de hoje, a “língua dos inteligentes, do conhecimento”, etc. A questão é mal interpretada porque, seguramente, Cabral teria em consideração o facto de o português ter uma gramática já profundamente estudada, que facilita(va) o processo de ensino e aprendizagem, diferentemente das línguas locais guineenses e do Kriol. Quando dizemos que o argumento de Cabral tem sido mal interpretado, pensamos no facto de ele, em relação à implementação futura de uma língua nacional no ensino, ter afirmado o seguinte: “até um dia em que, de facto, tendo estudado profundamente o crioulo, encontramos todas as regras de fonética boas para o crioulo, possamos passar a escrever o crioulo” (*op. cit.:* 216), mostrando a sua consciência sobre a necessidade de um ensino de língua que, adequado às dinâmicas sociolinguísticas dos povos da Guiné-Bissau, seja rigoroso e científico.

Em síntese, a relação das línguas da GB pode ser explicada pela figura 2, em que o Kriol pode corresponder a ‘H’ (em relação às línguas africanas) ou ‘L’ (em relação ao português), enquanto as línguas africanas correspondem a línguas com menos prestígio tanto em relação ao Kriol quanto em relação ao português.

Figura 3: Diglossia das línguas na Guiné-Bissau



2. Metodologia

2.1. Pressupostos de investigação

A principal questão de investigação deste trabalho é a variação em Kriol, em particular a fonológica; mas também lexical e sintática. Além da análise qualitativa dos dados, que consistiu na descrição dos fenómenos de variação encontrados no Kriol, tanto em relação ao português quanto em relação às características sociais dos seus falantes, sem descurar - quando justificável - a distribuição territorial (local de proveniência) dos seus falantes, foi realizado um tratamento quantitativo dos dados, através da construção da tabela de inovações e que serve de base à análise qualitativa.

Além da amostra analisada, foram consultadas outras investigações anteriores - de caráter geral - sobre a fonologia do Kriol, em particular os trabalhos de Costa (2014) e Chapouto (2014), dois dos mais recentes estudos sobre a fonologia do Kriol. Tal como lembra Intumbo et. al. (2013), ainda não existem estudos abrangentes sobre variedades influenciadas pelas línguas étnicas dos seus falantes, muito menos estudos sobre o grau dessa influência. Além disso, essas possíveis variações são não raras vezes estigmatizadas. Com efeito, procuramos problematizar e apresentar características (fonéticas, fonológicas, lexicais, entre outras) que nos parecem gerais no que diz respeito à variação entre as gerações e às características socioculturais dos falantes do Kriol, seguindo a classificação tradicional e presumivelmente conhecidas pelos falantes *kriolus* (mas não profundamente estudada) como a referência a um “Kriol Fundu” e um “Kriol Lebi” (Khim, 1994; Couto, 1994). É o que de inédito tem este trabalho.

2.2. Participantes

Pretendendo obter uma amostra diversificada e representativa, que permita não só fazer uma descrição mais fiel à realidade linguística do país, no que diz respeito ao Kriol, como também apresentar mais generalizações específicas para cada fenómeno, entrevistou-se três grupos de falantes do Kriol: o primeiro grupo é constituído por dez (10) estudantes universitários; o segundo é constituído por dez alunos do secundário e o terceiro e último, por oito (8) adultos, correspondendo um total de 28 entrevistados.

Para a seleção de falantes, foram considerados como critérios os fatores de **escolaridade, idade e sexo**, que correspondem às hipóteses de variação. No que diz respeito à escolaridade, os estudantes universitários frequentavam o nível de licenciatura em diferentes cursos e diferentes anos. A escolha de adultos (com mais de 50 anos) teve como critério serem falantes preferencialmente não escolarizados ou, quando sim, com grau mínimo de escolaridade. A nossa hipótese é que, mesmo nos casos em que é escolarizado, este grupo seria aquele cuja variedade do Kriol é menos “contaminada” pelo português, língua de ensino e de maior prestígio. Por isso, conservaria os traços daquilo que seria **Kriol fundu**, em oposição ao **Kriol lebi**, falado, crê-se, pelos mais jovens/escolarizados.

Quanto à categoria **idade**, os alunos do secundário tinham entre 17 e 22 anos; os universitários tinham de 22 a 30 anos; e os adultos tinham uma idade mínima de 56 anos. Os três grupos são paritários, sendo os dois primeiros constituídos por cinco mulheres e cinco homens cada e o último, quatro respetivamente.

Para a seleção de falantes, contou-se, no caso dos universitários, com a ajuda de um Professor da respetiva universidade, facilitando a identificação dos mesmos; sendo que, depois, lhes foi entregue uma nota de esclarecimento e um inquérito sociolinguístico, que preencheram e assinaram como termo de consentimento. Quanto aos alunos do secundário, o consentimento foi dado pela Direção da Escola, através do seu diretor, sendo os alunos posteriormente informados dos objetivos da pesquisa pela respetiva associação de estudantes e pelo pesquisador. Os adultos, com exceção de um, foram localizados com a ajuda de um primo nosso e dos dois grupos de estudantes, sendo seus familiares ou vizinhos. Em todos esses casos, os critérios de escolha de falantes foram os já referidos nos parágrafos anteriores, que foram previamente comunicados aos facilitadores.

Todos os alunos do secundário, com exceção de um falante, são falantes nativos do Kriol (L1). Entre os universitários, apenas um é falante nativo do Kriol (L1), sendo L2 para os outros. Nos adultos, há apenas um falante nativo (L1) e L3, respetivamente, e seis (6) outros falam-no como L2. A tabela em baixo contém dados sintetizados dos falantes, de acordo com o inquérito sociolinguístico por eles preenchido.

Tabela 2: Síntese de dados sociolinguísticos dos participantes

ID	Género	Aquisição de kriol	Idade	Língua materna	Variante	Escolaridade	Proveniência
1	M	L1	18	Kriol	lebi	secundário	Região de Tombali
2	H	L1	22	Kriol	lebi	secundário	Bissau
3	M	L1	20	Kriol	lebi	secundário	Bissau
4	H	L2	17	Fula/Kriol	lebi	secundário	Cansonco (Xitóle)
5	M	L1	19	Sussu / Kriol	lebi	secundário	Cassacá
6	M	L1	18	Fula / Kriol	lebi	secundário	Bissau
7	H	L1	21	Kriol	lebi	secundário	Bissau
8	H	L1	19	Kriol	lebi	secundário	Bissau
9	H	L1	20	Kriol	lebi	secundário	Bissau
10	M	L1	21	Kriol	lebi	secundário	Catió
11	H	L2	30	Budjugu	lebi	universitário	Bissau
12	M	L2	29	Balanta	lebi	universitário	Ingoré
13	H	L2	27	Biafada	lebi	universitário	Brandão (Tite)
14	M	L2	28	Mansoanka	lebi	universitário	Região de Cacheu
15	H	L2	29	Fulup	lebi	universitário	São Domingos
16	M	L2	26	Mandjaku / Kriol	lebi	universitário	Djeta
17	H	L2	26	Fula / Kriol	lebi	universitário	Bissau
18	M	L1	25	Kriol	lebi	universitário	Djeta
19	M	L2	22	Mandjaku / Kriol	lebi	universitário	Cacnhungo
20	H	L2	27	Balanta	lebi	universitário	Kabuxanki (Bedanda)
21	H	L2	63	Fula	fundu	não escolarizado	Gabú
22	M	L2	(+ 80)	Mandinga	fundu	não escolarizado	Nema (Bafatá)
23	H	L1	56	Balanta / Pepel / Kriol	fundu	básico	Djaal
24	H	L2	NA	Pepel	fundu	não escolarizado	Safim
25	M	L3	58	mandinga	fundu	básico	Djaima (Gabú)
26	H	L2	61	Fulup	fundu	básico	Bulol (Suzana)
27	M	L2	58	Mankanh	fundu	básico	Safim
28	M	L2	58	Balanta	fundu	básico	Incheia

2.3. Métodos de recolha de dados

Os dados em que se baseia esta pesquisa foram recolhidos através de entrevistas espontâneas, para que as amostras se aproximassem mais da gramática implícita dos falantes. Do modo geral, cada entrevista teve três momentos, além do já referido preenchimento de inquérito sociolinguístico. Num primeiro momento, foi-lhes pedido que se apresentassem, dizendo o que fazem e os seus gostos para, a seguir, responder às seguintes questões previamente elaboradas:

- sente que é mais valorizado/a falando Português ou Kriol? Porquê?
- acha que há alguma diferença entre o Kriol falado pelos nossos avós/o vosso Kriol e o Kriol da nossa/minha geração?
- qual deles é que acha que é “um bom kriol”?
- diz-se “vida” ou “bida”?; “caSa” ou “caZa”; “juventudi” ou “djubentudi”?
- Já alguma vez assistiu a algum acidente (de carro, incêndio, desabamento...)?
Explica-me, por favor, como aconteceu.

A segunda fase da entrevista consistiu na nomeação de um conjunto de 14 imagens, nomeadamente imagens de uma boca, uma cama, uma casa, um guarda-chuva, etc. (ver o apêndice 4). Com alguns idosos não foi possível a realização dessa tarefa, devido sobretudo ao facto de não reconhecerem certas imagens e às condições climáticas. A terceira parte foi a leitura de um texto escrito, em Kriol, por nós (apêndice 6), tarefa realizada apenas pelos falantes do ensino secundário e universitário. Quer a nomeação de imagens quer a leitura do texto permitiram o uso de muitos fonemas e palavras previamente selecionadas, tal como resposta a algumas perguntas da conversa livre e espontânea, através da qual os participantes também emitiram juízos de valor.

As amostras, que constituem um total de 8 horas e 33 minutos, foram recolhidas entre os dias 9 e 19 de novembro de 2022, em três espaços: na Universidade Amílcar Cabral (em salas de aulas e em espaços próximos, ao ar livre), no Centro de Formação Brandão (em sala) e, no caso dos adultos, nas respectivas casas e postos de trabalho/venda em diferentes bairros de Bissau e em Canchungo (um falante), com recurso a um gravador digital Sony 1201374 e ao telemóvel.

Situações como a desmarcação de dia e/ou hora combinada, a qualidade de espaço onde foram feitas as entrevistas e a identificação de entrevistados mais velhos, foram alguns dos principais desafios enfrentados durante a recolha, além do facto de que, em algumas vezes, o percurso às casas dos participantes era feito a pé, de bairro em bairro.

2.4. Métodos de análise qualitativa de dados

A análise qualitativa dos dados passou por duas fases, nomeadamente a transcrição ortográfica manual das entrevistas em Kriol e, depois, a sua tradução do Kriol para o português e, finalmente, a identificação dos processos ou inovações.

Relativamente à transcrição ortográfica, importa notar desde já o seguinte. Apesar de o Kriol continuar até aos dias de hoje uma língua (quase) exclusivamente oral, existem várias propostas de grafia para o Kriol. Uma delas é a chamada *escrita filo-portuguesa*, batizada e seguida pelo padre Dionísio Ferraro na tradução de textos bíblicos (1991, *apud* Couto, 1994: 46; Intumbo, 2007: 13), baseando-se na convenção ortográfica do português europeu. Em 1981, numa conferência sobre as línguas da Guiné-Bissau, o Ministério da Educação Nacional, lançou a *Proposta de Uniformização da Escrita do Crioulo* (PUEC). A PEUC assenta no princípio de correspondência unívoca entre um grafema e um fonema; não considerando, no entanto, alguns fonemas vistos como importações recentes do português (Intumbo, *op.cit.*). A esta proposta, segue-se a de Doneux e Rougé (1988), que, além da referida correspondência unívoca entre um grafema e um fonema, inclui dígrafos para a representação das sequências consonânticas pré-nasais (Intumbo, *ibidem*) e, em 1999, a de Scantamburlo.

As entrevistas que constituem o *corpus* deste trabalho foram transcritas segundo a proposta de Scantamburlo (1999), *Proposta de Grafia do Crioulo Guineense* (PGCG), que é uma revisão e aprofundamento da grafia oficializada pelo Ministério da Educação, Cultura e Desporto em 1987. Última até então, a PGCG contém 27 grafemas para representar 33 fonemas que, segundo o mesmo autor, compõem o inventário fonológico do Kriol, fundamentando-se nos seguintes princípios (*idem*: 14, *sic*):

PRINCÍPIO 1: o princípio de não contradição, porque cada fonema comum (ou equivalente) à língua portuguesa e à língua guineense deve ser representado pelo

mesmo signo gráfico. Quando o Português apresenta mais que um signo para o mesmo fonema, é escolhido para o Guineense o signo gráfico mais conveniente.

PRINCÍPIO 2: o sistema gráfico adoptado é um sistema fonémico, quer dizer cada fonema (ou som) é representado por um único signo gráfico, composto de uma ou duas letras do alfabeto: por isso, o signo "tch" (três letras), apesar da sua popularidade, é substituído por "tc"(duas letras).

PRINCÍPIO 3: o Guineense moderno tem pedido emprestado à língua portuguesa novas palavras, que acrescentaram cinco fonemas (ou sons) não apreciados pela grafia do 1987.

PRINCÍPIO 4: as línguas oeste-atlânticas presentes na Guiné-Bissau podem ser escritas adoptando também uma grafia "não em contradição" com a grafia do Guineense (por exemplo, a língua bijagó de Canhabaque e de Orangozinho-Canogo-Meneque foi escrita conforme o Princípio 1).

A tabela a seguir apresenta a grafia adotada por Scantamburlo (1999; 2018).

Tabela 3: Grafia do Kriol adotado para a transcrição de dado

	Fonema e exemplo	Grafia do Kriol	Equivalente PE
Consoantes	/p/ /pa'pɛ/	<i>p</i> pape	<i>p</i> pai
	/t/ /'tiu/	<i>t</i> tiu	<i>t</i> tio
	/k/ /'kusa/ /ku/	<i>k</i> kussa	<i>c</i> coisa
			<i>ku</i> ku
	/b/ /ba'tata/	<i>b</i> batata	<i>b</i> batata
	/d/ /'dana/	<i>d</i> dana	<i>d</i> danar
	/g/ /'gɔsta/ /'gɛra/	<i>g</i> gosta	<i>g</i> gostar
		<i>gu</i> guera	<i>gu</i> guerra
	/f/ /'fatu/	<i>f</i> fatu	<i>f</i> fato
	/s/ /'seku/ /'segu/ /'kalsa/	<i>s</i> seku	<i>s</i> seco
		<i>s</i> segu	<i>c</i> cego
		<i>s</i> kalsa	<i>ç</i> calça
	/ʃ/ /ʃa/ /'ʃe'lin/	<i>ch</i> cha	<i>ch</i> chá
		<i>ch</i> chelin	<i>x</i> xelim
	/v/ /'vivi/	<i>v</i> vivi	<i>v</i> viver
	/z/ /'zinka/ /'kaza/ /'i'zami/	<i>z</i> zinka	<i>z</i> zincar
		<i>z</i> kaza	<i>s</i> casar
		<i>z</i> izami	<i>x</i> exame
	/ʒ/ /'bɛʒu/ /'ʒe'ral/	<i>j</i> beju	<i>j</i> beijo
		<i>j</i> jeral	<i>g</i> geral
	/tʃ/ /'tʃuba/	tch tchuba	-- chuva
	/dʒ/ /'dʒuda/	dj djuda	-- ajudar

	/m/	/ma'mɛ/	m	mame	m	mãe
	/n/	/'nɔbu/	n	nobu	n	novo
	/ɲ/	/ɲa/	nh	nha	nh	minha
	/ŋ/	/ŋ'bai/	n'	n' bai	--	eu vou
		/ŋ'ɔɾɔtɔ/		n'oroto	--	foice
	/l/	/'libru/	l	libru	l	livro
	/ʎ/	/vanʒɛliu/	li	vanjeliu	r	lh
	/r/	/'rema/	rema		r	remar
Semivogais	/w/	/w'aga/	u	uaga	--	semear
	/y/	/'y'agu/	i	iagu	--	água
		/y'ɔga/	i	ioga	Y	yoga
Vogais	/i/	/'misa/	i	misa	i	missa
	/u/	/'la'gua/	u	lagua	u	lagoa
	/e/	/'sera/	e	sera	e	cera
	/a/	/'kala/	a	kala	--	trança
	/o/	/'bota/	a	kala	a	calar
			o	bota	o	botar

Fonte: Adaptado de Scantamburlo (1999; 2018)

Para a transcrição ortográfica dos dados, foram feitas algumas adaptações da proposta acima apresentada. O grafema <tc>, utilizado por aquele autor para representar a africada surda /tʃ/, como em *tcuba* [tʃu.ba], foi substituído pelo <tch>, *tchuba*. Esta opção justifica-se pelo seguinte: 1) se, de acordo com o princípio 1 de Scantamburlo (1999), “cada fonema comum (ou equivalente) à língua portuguesa e à língua guineense deve ser representado pelo mesmo signo gráfico”, então a consoante africada pré-palatal /tʃ/ deve ser grafada com <ch>, como no português médio e clássico do século XIII a XIX (Castro, 2013: 198) – que corresponde às formas do português levado para a Guiné (-Bissau), no início da colonização nos finais do século XV (Bull, 1989) –, e não <tc>, como defende este autor; 2) a ser deste modo, haveria confusão e seria impossível diferenciar graficamente o /tʃ/ do /ʃ/, fonema atualmente existente em Kriol (*cha*, *chapeu*). Ainda sobre a fricativa /ʃ/, note-se que, em alguns casos, foi representada com <x>, sobretudo na coda silábica como em *xtuda*, *mixti*, *goxta*, e, alguns raros casos, no ataque como em *dixa* (*disa* > deixar). Para distinguir falantes que realizam as codas sibilantes sem palatabilidade, escolhemos o <s> gráfico.

Optamos também pela não utilização de apóstrofo antes da consoante nasal velar /ŋ/, mesmo quando marca o pronome pessoal (1ª pessoa do singular), como em

n bai (> *n' bai*), escrevendo-a separadamente (utilizando, de mesma maneira, <m> antes de /p/ e /b/). Os morfemas de Tempo, Modo, Aspeto (TMA) *ta*, *na*, *ba* e o advérbio de negação *na* são escritos como palavras autónomas. As vogais – que, segundo a nossa intuição, têm apenas três graus de abertura e não quatro como defendem vários autores (Scantamburlo, 1999; 2018; Costa, 2014) – e as semivogais foram grafados como <a, e, i, o, u>. Por fim, de acordo com PUEC, as formas da 1ª, 2ª e 3ª pessoa do singular e a 1ª do plural do complemento direto (e indireto) são escritas como sufixo, formando uma única palavra com o verbo (*I fasin, no dau, e diskisinu* - ‘fiz-me’, ‘demos-te’, ‘esqueceram-se de nós’).

Note-se ainda que, devido ao volume de dados, foi feita apenas a transcrição ortográfica de forma a agilizar o processo. No entanto, a ortografia usada foi próxima à fonética para potenciar a sua conversão futura através de expressões REGEX (expressões regulares), ou seja, processos automatizados de conversão de grafemas em fones: *word_list = [re.sub("nh","ɲ", i) for i in word_list] / word_list = [re.sub("lh","ʎ", i) for i in word_list]*.

Quanto à segunda fase da análise qualitativa, a identificação dos processos (inovações), salienta-se que todas as inovações aqui tratadas – quer entre o Kriol e o português quer entre os falantes do Kriol (isto é, a variação interna) – foram identificadas manualmente, analisando cada entrevista através de inspeção visual; os processos e os respetivos exemplos foram depois inseridos em folha de cálculo (ver o apêndice 6).

2.5. Métodos de análise quantitativa

2.5.1. Preparação de dados

Identificados todos os processos, foram construídas as tabelas de inovações com todos os participantes. Primeiro, procurou-se identificar quais as inovações que cada participante apresenta em relação ao português e, posteriormente, as inovações internas. Foram atribuídos os seguintes valores: 0 quando o falante não apresenta nenhuma inovação e o valor 1 quando há inovação, como se vê, a título de exemplo, na tabela a seguir. Dado que, em determinadas inovações, os falantes apresentam

variação inerente, foi atribuído o valor 0,5 quando uma inovação é incompleta (por exemplo, quando o falante ora diz *bida* ora diz *vida*, ora diz *kasa* ora diz *kaza*).

Tabela 4: Exemplo de tabela de inovações

Categoria Linguística	Inovações	ml1_18_kr_l ebi_sec_tom	hl1_22_kr_l ebi_sec_bs	ml1_20_kr_l ebi_sec_bs	hl2_17_fula_l ebi_sec_can	ml1_19_sussu/ kr_lebi_sec_cas
Consoantes	/v/ para /b/	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5
Consoantes	/ʒ/ para ∅	1	0	0	0	0,5
Consoantes	/ʒ/ para /z/	0	0	0	0	0
Consoantes	/ʒ/ para /dʒ/	0,5	0,5	0,5	0,5	0,5

Para além disso, foi feita uma tabela para cada falante em que foram registadas todas as palavras das entrevistas em que ocorreu cada um dos fenómenos. Ou seja, foram inseridas em cada tabela todas as palavras com /v/, /b/, /ʒ/, /dʒ/, etc. (ver o apêndice 6), tendo sido a partir dessas tabelas que foi calculada a frequência de cada um desses fonemas, como se vê na secção 3.5.

2.5.2. Cálculos

Pela soma dos valores de cada coluna, detetamos qual o falante mais e menos inovador: os valores mais altos correspondem a um maior número de inovações e os valores mais baixos identificam falantes menos inovadores. Assim, quanto maior é o número de inovações apresentadas pelo falante, mais esse falante se afasta do português, enquadrando-se no chamado “Kriol fundu”; e, quanto menor é o número de inovações, mais o falante se aproxima do português sendo, por isso, enquadrado no “Kriol lebi” ou “Kriol aportuguesado”, como muitas vezes é identificado. Note-se que os valores de inovação são usados para estabelecer relações com os dados sociolinguísticos, como veremos na secção 3.6.

Para além disso, a partir das tabelas em que se registaram as palavras que refletem cada processo para cada falante, foi calculada a variação específica de cada inovação. Mais especificamente, dividimos o número de palavras em que a inovação ocorre efetivamente, pelo número de palavras em que a inovação poderia ocorrer potencialmente.

3. Resultados e discussão

3.1. Kriol vs. Português

Dado que, no seu processo de formação, o português serviu como a língua de superstrato do Kriol, isto é, a língua que lhe “empresta” o léxico, é natural que essas duas línguas apresentem algumas semelhanças, particularmente ao nível lexical. No entanto, do ponto de vista fonológico, ambas se regem por regras diferentes. Isto porque, como observa Rougé (1986), “a formação do Kriol (...) não tem nada a ver com um processo de degradação do português, mas antes se traduziu na homogeneização e na africanização de certos elementos do português”, atendendo às características sociolinguísticas dos seus falantes (das línguas do substrato).

Na subsecção que se segue procuramos mostrar as principais divergências fonético-fonológicas entre o Kriol e o português, tomando em consideração, entre outros, os trabalhos de Opazo (1990), Chapouto (2014) e Costa (2014). Em 3.2, discutem-se as divergências fonológicas entre o português e o Kriol ao nível vocálico; e, em 3.3, ao nível consonântico, apresentando os resultados obtidos da análise do *corpus*.

3.2. Divergências fonológicas entre o português e o Kriol: vocalismo

Ao nível vocálico, há duas grandes divergências entre o português e o Kriol, nomeadamente entre vogais orais e entre ditongos.

3.2.1 Vogais orais²²

O Kriol apresenta um quadro fonológico composto por apenas cinco vogais orais, nomeadamente / a, ε, ɔ, i, u /, tendo conseqüentemente apenas três graus de abertura - contra as sete vogais fonológicas e quatro graus de abertura vocálica do português europeu (PE)²³, na sua norma padrão (Mateus et. al., 1990: 307-308;

²² As vogais nasais não são discutidas aqui porque, tal como em PEC, “Nenhum dos investigadores considera a existência de segmentos vocálicos nasais com estatuto fonológico [no Kriol]. Todos consideram que os segmentos fonéticos nasais são realizações contextuais dos segmentos vocálicos orais correspondentes.” Chapouto (2014: 16).

²³ Mesmo em PE, como explica Mateus (2014), as [e/ε/o/ɔ] são “menos claras nas oposições que formam entre si e pouco produtivas na criação de pares mínimos” (*idem*: 22). Note-se, por exemplo, que Wetzels (1992) defende que, no português do Brasil (PB), existem apenas três graus de abertura

Mateus, 2003: 1000, 1007).

Alguns autores (Wilson, 1962, *apud* Costa, 2014; Scantamburlo, 1999) defendem a existência de sete (7) fonemas vocálicos orais em Kriol; isto é, para esses autores, tal como em português, as vogais médias do Kriol apresentam dois graus de abertura, nomeadamente vogais médias-altas (semifechadas) /e, o/ e médias-baixas (semiabertas) /ɛ, ɔ/. Mais recentemente, Costa (2014: 99, 125-126)²⁴ subscreveu essa análise. Este argumento não é, no entanto, consensual: autores como Mbodj (1979), Rougé (1988), Couto (1994) *apud* Costa, 2014; e Kihm (1994) propõem a existência de apenas cinco fonemas vocálicos em Kriol, posição que, como se explica a seguir, defenderemos neste trabalho.

Opazo (1990), ao afirmar que as vogais /o/ e /ɔ/ do português convergiram no Kriol, deixando igualmente supor que o mesmo se passa com as vogais /e/ e /ɛ/, aponta também para existência de apenas 5 vogais. Assim, como observa Kihm (1994: 14), as vogais médias [e, o] são realizadas com um grau de abertura muito moderado, tornando impossível diferenciar as supostas variações intermédias das mesmas. Nos exemplos - [sera] ‘cera’ e [sɛra] ‘serra’; [bota] ‘deitar fora’ e [’bɔta] ‘bota’ - citados por Scamburlo (1999, 2018), a tal diferença é praticamente inaudível. E isso, a nosso ver, pode ser explicado pela conclusão a que chegou Costa (2014) que, embora considere que existem quatro graus de abertura vocálica, partindo de uma análise fonética de um *corpus* muito reduzido, salienta que a) “foram encontradas realizações das vogais médias que pareciam configurar uma posição intermediária entre o que seria considerado vogal média-alta ou vogal média-baixa” e b) “tal aspecto [a existência de dois graus de abertura das vogais médias] diz respeito às variedades²⁵ do crioulo guineense analisadas neste trabalho, mais próximas do português, podendo não corresponder à realidade de outras variedades da língua” (*idem*: 125-126).

vocálica, sendo indiferenciáveis /e/ e /ɛ/ e /o/ e /ɔ/, argumentando ainda que, no PB, as duas séries de vogais médias são contrastantes apenas em sílabas tónicas. Sublinhe-se, por outro lado, que se se tiver em consideração a proposta de Veloso (1999, 2012, 2013), o inventário fonológico vocálico do PEC seria composto por 9 vogais (incluindo o “cheva subjacente” /i/ e a vogal central /ɐ/) e não apenas sete.

²⁴ Note-se que, apesar da posição defendida, a autora chega a considerar que o fonema /e/ ora se realiza como vogal média alta [e] ora como média baixa [ɛ] (*idem*: 143).

²⁵ “Variedades do kriol” devem ser entendidas como idioletos dos seus cinco informantes, uma vez que não se trata de um estudo sobre as variedades do Kriol (no tempo, no espaço e socialmente).

Ainda sobre este ponto, citemos Chapouto (2014: 62-64), cujas interpretações fonético-fonológicas se afiguram, do nosso ponto de vista, mais plausíveis. Observando as palavras

/báka/ ‘vaca’, */bíka/* ‘tipo de peixe’, */bɔka/* ‘boca’, */sɛku/* ‘seco’, */súku/*; */faládu/* ‘falado’, */filadu/* ‘em frente de’, */fɔladu/* ‘esfolado’, */feradu/* ‘que tem dinheiro’ e */furadu/* ‘furado’

a autora concluiu que a) no contexto da sílaba tónica ocorrem apenas as vogais [a], [ɛ], [i], [ɔ] e [u], estabelecendo oposições distintivas entre si e correspondendo cada uma delas a um segmento fonológico, / a, ɛ, ɔ, i, u / nomeadamente; b) na posição átona pré-tónica, além das cinco vogais acima referidas, verificam-se também realizações fonéticas [ɐ], [e] e [o], manifestando [a] e [ɐ], [e] e [ɛ] e [ɔ] e [o] em mesmos contextos sem, no entanto, apresentarem diferenças ao nível do significado; assim, existem apenas três segmentos de base (/a/, /ɛ/ e /ɔ/) que, na superfície, i.e., no nível fonético, apresentam realizações em variações livres; e c) na posição átona pós-tónica [e final], como em */misti/*, ocorrem apenas [a], [ɐ], [i] e [u], ocorrendo os dois primeiros segmentos em mesmos contextos sem estabelecerem oposição. Nesta posição apenas /a/, /i/ e /u/ correspondem a segmentos fonológicos.

Deste modo, escreve a autora,

propõe-se que o sistema fonológico de vogais orais do guineense [Kriol] seja constituído por cinco segmentos: /a/, /ɛ/, /i/, /ɔ/ e /u/. Todas as unidades fonológicas ocorrem em posição tónica e átona pré-tónica e, em posição átona pós-tónica, encontramos apenas /a/, /i/ e /u/. Relembra-se que, em contexto de sílaba átona pré-tónica, os segmentos /a/, /ɛ/ e /ɔ/ apresentam duas realizações fonéticas em variação livre e, em contexto de sílaba átona pós-tónica, /a/ apresenta também duas variantes fonéticas que não são condicionadas pelo contexto em que o segmento ocorre (Chapouto, 2014: 61-62).

Em suma, as razões pelas quais neste trabalho defendemos a existência de apenas três graus de abertura vocálica em Kriol e, conseqüentemente, consideramos que, da evolução do português para o Kriol, convergiram-se o [e] e [ɛ] em /ɛ/; [o] e [ɔ] em /ɔ/, são as seguintes²⁶:

²⁶ O mesmo pode dizer-se em relação à vogal /a/ que, na superfície, como já se explicou, pode realizar-se como [a] e [ɐ].

1) a maior parte dos autores defende a existência de apenas três graus de abertura (Mbodj, 1979, Rougé, 1988, Couto, 1994 *apud* Costa, 2014; Opazo, 1990, Kinh, 1994; Chapouto, 2014);

2) neste trabalho não foi feita a análise fonético-acústica, o que faz com que auditivamente as eventuais diferenças entre as vogais médias sejam imperceptíveis;

3) as diferenças encontradas nas vogais médias originárias do português são, em Kriol, (quase) sempre neutralizadas; sendo que essas vogais, em muitos casos, sobem para /i/ e /u/ (Opazo, 1990) ou mantêm-se na dispersão fonética no meio do triângulo.

De acordo com esta autora, das vogais médias do português ocorreram as seguintes mudanças na evolução do português para o Kriol:

Em posição tónica

a) o [o], oral ou nasal, que, em muitos casos se conserva, em grau intermediária de abertura, (como em *boka*, *porta*, *mortu*, *moska*, *nomi*, *bola*, *mola*, *rola*, *folá* > *esfolar*, *simola* > *esmola*...), evoluiu em muitos outros casos para /u/, tal como em *dur* < *dor*, *purku* < *porco*, *kurpu* < *corpo*, *furnu* > *forno*, *sakur* > *socorro* *pubis* > *povo*, *lubu* < *lobo*, *rumpi* > *romper*, *dunu* > *dono*, *fugu* < *fogo*, *gustu* < *gosto*... .

b) o [e], oral ou nasal, que em algumas palavras se conserva (como em *pena* = *pena*, *tera* = *terra*, *guera* = *guerra*...), em vários outros casos sobe para /i/, como em *ripindi* > *arrepender*, *risibi* > *receber*, *fasi* > *fazer*, *ninguin* > *ninguém*, *alguin* > *alguém*, *kin* > *quem*, *bin* > *vem*, *dispi* > *despe*, *disti* > *veste*, *kirsi* > *crece*, *pista* > *empresta*, *piska* > *pesca*, etc.

Apesar de em Opazo (1990) não se explicar a razão desta mudança, se olharmos para os exemplos por ele citados, alguns dos quais retomados aqui, podemos chegar às seguintes conclusões:

1) relativamente ao [o], fechado ou semifechado, o único contexto em que se pode afirmar a sua conservação “total” é antes da consoante lateral //l/, como se observa em palavras como *bola*, *mola*, *rola*, *folá* > *esfolar*, *simola* > *esmola*, etc. Em outros casos varia. Não nos parece, porém, coerente determinar os contextos da sua

evolução para /u/. Podia-se pensar que, tal como ilustram alguns exemplos em (a), esta mudança se verifica em final de sílaba em que o [o] é seguido da rótica [r] (*dur, kurpu, furnu, sakur*), mas exemplos como *porta, mortu, sorti, norti* facilmente desmentiram esta conclusão.²⁷ Igualmente, observando palavras como *gustu > gofto, moska > moſca* e *roſtu > rofto*, a hipótese da despalatalização do /ʃ/ não seria sustentável.

2) no que diz respeito ao [e], note-se que a sua evolução para [i] se verifica, regra geral, em três contextos: resultante da queda da consoante rótica final [r], a vogal temática dos verbos do português da segunda conjugação sobe para [i]; quando o [e], antes do [m] ou [n], em português forma o ditongo nasal [ãj], como em /aŋãj/ e, finalmente, o [e] sobe para [i] sempre que, em português, em formas verbais, é antecedido da consoante pré-palatal /ʃ/, que, neste caso, em Kriol, tradicionalmente, se despalataliza, realizando-se como /s/ (*piska > peſca, bisti > veſte...*). Esta mudança não afeta, no entanto, os nomes, como se vê em *fefta* e *seftu* (essa preservação talvez se deva à entrada tardia dessas palavras no léxico do Kriol).

Em posição átona

c) o [e] do português antigo, nesta posição, apresenta três inovações em Kriol: 1) evoluiu para /i/ (como em *djindjirba > gengiva, diskisi > esquecer, intchi > encher, dibi > dever, firbi > ferver'...*); 2) o [e] do português antigo e moderno transforma-se em /u/ (como em *murgudja > mergulha, punta > pergunta, purda > perdoar, rugula > regula, burmedju > vermelho, pusua > pessoa, ruspundi > responde, rukudji > recolher...*); 3) em alguns casos, a vogal [e] do português antigo desceu para /a/, como se vê em *ratadju > retalho, ragasa > arregaça, ragas > regaço, rakada > arrecadar, rapara/da > repara, dalgadu > delgado, bardadi > verdade, rabata > arrebatat, etc.*

d) a vogal [o] do português antigo mas também do moderno sobe igualmente para /u/, como se pode ver nas palavras como *kumbidadu > convidado, kumpanher > companheiro, rumpi > romper.*

²⁷ Pode-se, porém, sugerir que neste caso o [o] conserva-se em Kriol nas palavras de origem portuguesa que aparentam ser recentes, apesar de serem reconhecidas como sendo “totalmente” kriolas.

Como explica Opazo (1999: 32), a transformação da vogal [e] em [i] na posição átona pré-tónica deve-se ao fechamento de um dos seus graus de abertura (aliás, no PEC padrão, o <e> de ‘dever’ e ‘ferver’ realizam-se como [i]). A subida da mesma vogal do português antigo e moderno para [u] em Kriol acontece por influência assimilatória da vogal da sílaba seguinte, sobretudo quando essa vogal é [u] (como em *rugula* > *regula*, *murgudja* > *mergulha*, *punta* > *pergunta*, *purda* > *perdoar*) ou, em alguns casos, por influência da consoante nasal bilabial ou lábio-dental imediatamente anterior ou posterior (como se vê em *burmedju*, *muntrus*, *sumia*, *futseru*). Por fim, a evolução para /a/ acontece frequentemente quando essa vogal está em contacto com a consoante rótica ápico-dental [r] (como em *bardadi* > *verdade*, *sabola* > *cebola*, *padas* > *pedaço*, *rapara* > *reparar*...).

Quando a subida do [o] para /u/, notamos que ela acontece quase sempre em contextos de nasais.

4) A quarta e última razão de defendermos a existência de apenas três graus de abertura vocálica em Kriol é a seguinte: a distinção entre as vogais médias [e/ɛ/o/ɔ], que são “menos claras nas oposições que formam entre si e pouco produtivas na criação de pares mínimos” - funcionam sobretudo na distinção de formas verbais do português, como em [devu] / [dɛvi] e [movu] / [mɔvi] -, constitui “uma particularidade do português [europeu] que não se verifica em muitas outras línguas” (Mateus, 2014: 22-23, 31).

Observemos, sumariamente, a distribuição fonética das vogais do PEC. Contrariamente ao que acontece em Kriol, como vimos, em português europeu contemporâneo (PEC), de acordo com Mateus (1990: 306-307)²⁸, além das vogais orais [a], [ɛ], [i], [ɔ] e [u] (/‘taɫɐ ‘talha’, ‘sɛdi, ‘biku, ‘bɔla, ‘bulɐ/), também ocorrem na posição tónica as vogais [ɐ], [e], e [o], como em /‘tɐɫɐ ‘telha’, ‘sedi e bola/. Na posição átona pré-tónica, além de todas as vogais que encontramos na posição tónica, a grande diferença a notar é a ocorrência da vogal média central alta [i], como em /mizijɐ/, que

²⁸ Neste trabalho o [ə] utilizado em Mateus (1990) foi substituído pelo [i] para representar a vogal central alta, seguindo a representação de Veloso (1999); seguindo igualmente a nota de Mira Mateus (2014) em como “a utilização de [i] responde melhor a representação das características da vogal neutra do português europeu, de acordo com afirmações de foneticistas e dialectólogos” (*idem*: 36).

não existe em Kriol. Finalmente, na posição pós-tónica e final, em PEC, encontramos igualmente a vogal [i] (/látigu/ e /ábrĩ/), além de [e] e [u] (/ilíeku, má[kulu]). Nesta posição, a vogal [i] pode ocorrer no fim de palavra em Kriol, como em /misti ou kiri ‘querer’/, diferentemente do que acontece em PEC²⁹.

Em conformidade com o que vimos até aqui, e com base sobretudo nas explicações de Chapouto (2014) e as de e Opazo (1990) acima referidas – ou ainda de acordo com Rougé (1995), que sublinha que o Kriol “possui apenas cinco [vogais], sendo reduzida a oposição entre vogais semi-abertas e semi-fechadas” (*idem*: 85) – cremos que as variações que ocorrerão ao nível fonético e, eventualmente, correspondem a diferentes segmentos subjacentes ao nível fonológico (isto é, /e/ ≠ /ɛ/, /o/ ≠ /ɔ/ ou /a/ ≠ /ə/) resultarão não propriamente das peculiaridades individuais e/ou regionais, mas sobretudo das peculiaridades sociais e do meio de comunicação utilizado. Ou seja: as potenciais variações fonéticas /o/ e /e/, se se confirmarem futuramente, decorrerão do contacto cada vez mais nítido entre o Kriol e o português – devido ao prestígio deste, como vimos na secção 1.4. – e, deste modo, seriam mais facilmente identificáveis nos falantes mais jovens e escolarizados. No entanto, atendendo às limitações deste trabalho, esses possíveis segmentos serão considerados inexistentes em Kriol.

Assim, em coerência com as explicações supra, as principais diferenças fonológicas vocálicas entre o português e o Kriol resumem-se nas tabelas abaixo.

Tabela 5 As vogais orais do PEC³⁰

Altas (fechadas)	i	*i	u
Médias-altas (semifechadas)	e	*e	o
Médias-baixas (semiabertas)	ɛ		ɔ

²⁹ Salvo em palavras importadas ou cultas, como [taksi] e [uri], o que constitui uma exceção (Mateus, 2003: 992, nota 6; Mateus, 2014: 38, nota 23). Observe-se, porém, que Veloso (2012: 235) transcreve esta vogal como [i], propondo a sua inclusão no inventário fonológico do PEC enquanto vogal não marcada desta língua, que seria encontrada “nomeadamente nas palavras gramaticais átonas do PEC (*dɛ* [di] (= /di/), *me* [mi] (= /mi/), *que* [ki] (= /ki/) e como realização da vogal temática nominal dos nomes de tema em /E/” (*idem*: 236). Ainda segundo Mateus (2003: 1011, nota 30) a vogal fonológica /i/, em posição final de formas verbais, realiza-se como [i], como em [‘partɨ] *parte*.

³⁰ A proposta de inclusão das vogais centrais /e/ e /i/ no inventário fonológico do PEC são de Veloso (1999, 2012).

Baixa (aberta)		a	
	anteriores	centrais	recuados
	não arredondadas		arredondadas

Fonte: Veloso, 1999, 2012; Mateus, 1990, 200

Tabela 6: As vogais orais do Kriol

Altas (fechadas)	i		u
Médias	ɛ		ɔ
baixa (aberta)		a	
	anteriores	centrais	recuados
	não arredondadas		arredondadas

Nota final: Como já referimos acima, as vogais médias do português [/e/, /ɛ/, /o/ e /ɔ/, em Kriol, convergem-se em apenas duas vogais fonológicas, nomeadamente /ɛ/ e /ɔ/. Deve realçar-se, no entanto, que, apesar de não ter havido recurso a uma análise acústica, esses fonemas são pronunciados com maior ou menor abertura, o que não justifica considerar essas realizações como dois fonemas distintos. A vogais /ɛ, e/ ou /i/ das variedades padrão do PB e PEC, além de em muitos casos subir para /i/ (como em *kila* > 'aquele.a, *firbi* > ferver, *konsidju* > conselho, *tchiga* > chegar...) ou /u/ (como em *burmedju* < vermelho, *sugundu* > segundo, *sumana* > semana, *muntrus* > mentiroso...), desce em um número reduzido de palavras para /a/: do *corpus*, encontramos palavras *bardadi* > verdade, *sabola* > cebola, *rapada* > repara.r, *padas* > pedaço e *lanta* > levantar e as suas flexões (repare-se que o mesmo fenómeno ocorre nas variedades setentrionais do PEC, com palavras como *burmelho*, *sumana*, *sabola*). Este último caso, embora pouco representativo em termos de quantidade de ocorrência, é mais um argumento a favor da não existência do fonema /i/ em Kriol.

3.2.2. Terminações nasais

Uma outra inovação do Kriol em relação ao português é o tratamento das terminações nasais. Tal como observado por Opazo (1990: 31), as terminações nasais do português antigo – *-om*, *-am* e *-ão* (-ã, -õ, -ã-u) –, uniformizadas, a partir do português médio, em *-ão* [ãw] (Castro, 2006: 161) – aparecem no Kriol confundidas

em *-on*³¹. Trata-se, segundo aquele autor, da “generalização da terminação das palavras que em latim acabavam em *-one* (leone < *leom*)” (*op. cit.: ibidem*). Em suma, houve uma uniformização dessas formas latinas ou, mais concretamente em comparação com o português, a evolução do ditongo [ãw] para [õ]³². Vejam-se os seguintes exemplos.

Exs.: *pon* < pão; *mon* < mão; *lingron* < lingueirão; *tchon* < chão; *fugon* < fugão; *kamaron* < camarão; *lion* < leão; *kaleron* < caldeirão; *kriason* < criação; *pilon* < pilão; *kondison* < condição; *ermon* < irmão; *djorson* < geração... (Opazo, *ibidem*).

Tal como as consoantes /b/ e /v/, que em muitos casos não se distinguem, como se verá em 3.3., as terminações nasais no Kriol têm uma realização mais ou menos idêntica ao português da região norte de Portugal, o que, até certo ponto, pode ser indicador do que a variedade do português lexicalizadora do Kriol seja a do Norte (Silva 2023: 123-125, no prelo).

3.3. Divergências fonológicas entre o português e o Kriol: consonantismo

Para uma melhor compreensão das diferenças fonético-fonológicas, ao nível consonântico, que existem entre o PEC e o Kriol, consideremos as seguintes notas. O inventário fonológico consonântico do PEC é composto por 19 fonemas. Do ponto de vista fonético, esses segmentos são tradicionalmente classificados como oclusivas ([p], [b], [t], [d], [k] e [g]), fricativas ([f], [v], [s], [z], [ʃ] e [ʒ]), nasais ([m], [n] e [ɲ]), laterais ([l] e [ʎ]) e vibrantes([r] e [R])³³, tendo em conta o seu modo de articulação.

A nível da sua distribuição, com a exceção da ápico-dental [r], da predorso-pré-palatal [ʎ] e da dorso-palatal [ɲ], todas as outras consoantes ocorrem na posição inicial; na posição medial ocorrem todas as consoantes e, na posição final, apenas ocorrem as consoantes [r], que pode terminar a palavra ou a sílaba e iniciar a sílaba ([‘mar], [‘ka.ru]) e [ʃ], que igualmente ocorre em final de palavra ou de sílaba ([suʃ. ‘pi.ru] - quando a consoante a seguir é sonora, alterna-se com o [ʒ], como em

³¹ No original, Opazo refere que essas terminações aparecem confundidas com *-om*. No entanto, os dados linguísticos demonstram que, no Kriol, elas unificaram-se em *-on*, tal como os exemplos citados por esse autor sugerem.

³² Note-se, no entanto, que, sobretudo nas palavras monossilábicas – como *mon* ‘mão’, *pon* ‘pão’, *tchon* ‘chão’ – e em todas terminadas com <n>, a consoante final /n/ parece realizar-se como [ɲ], o que deverá ser testado/confirmado com uma análise acústica futura.

³³ Em Mateus (2003: 1001) as róticas [r] e [R] aparecem classificadas como Líquidas, tal como [l] e [ʎ].

[liʒ. boɐ]) - além de [ʈ], que é uma realização fonética velarizada/alofone do /l/ e que ocorre em final de palavra ou de sílaba, e. g. [ˈmaʈ], [maʈ.dadi] (Mateus, 2003: 992-995).

Na tabela a seguir, apresenta-se a classificação tradicional dos fonemas consonânticos do PEC (norma padrão), de acordo com os seus modos e pontos de articulação, estando as consoantes surdas/não vozeadas à esquerda e, à direita, as sonoras/vozeadas, com base em Veloso (1999).

Tabela 7: Classificação articulatória das consoantes do PEC (norma padrão)

	Bilabiais	Lábio-dentais	Ápico-dentais	Predorso-alveolares	Predorso-pré-palatais	Dorso-palatais	Posdorso-velares	Posdorso-uvulares
Oclusivas	p b		t d				k g	
Fricativas		f v		s z	ʃ ʒ			
Nasais		m		n			ŋ	
Laterais				l		λ		
Róticas				r				R

Fonte: Veloso (1999)

Posto isto, observemos o que se passa em Kriol. Dos estudos fonético-fonológicos existentes sobre o Kriol, não há consenso sobre quais podem ser considerados ou não fonemas consonânticos do Kriol. Chapouto (2014) e Costa (2014), duas das investigações fonético-fonológicas mais recentes do Kriol, apresentaram um resumo das posições que, ao longo dos anos, os investigadores têm tido sobre o consonantismo dessa língua. Chapouto (2014: 15) nota que

Todos os investigadores apresentam no quadro fonológico consonântico os segmentos /p, t, k, b, d, g, tʃ, dʒ, f, s, m, n, ɲ, ɳ, ʀ, l/. Couto (1994, p. 68) defende que o sistema fonológico do guineense é composto apenas por estes segmentos consonânticos; Scantamburlo (1999, p. 127), além destes segmentos, considera também /v, z, ʃ, ʒ, λ, ks/ e Kihm (1994, p. 15) também apresenta /v, z, ʃ, ʒ, λ, / no sistema fonológico do guineense, mas ressalva que estes segmentos se encontram apenas em palavras de origem portuguesa que entraram recentemente no crioulo.

Os segmentos pré-nasalizados /mp, mb, nt, nd, ŋg, ŋk, ntʃ, ndʒ, nf, nv, ns, nz/ são considerados segmentos fonológicos apenas por Avram (2010, pp. 203-214). Os demais investigadores admitem a existência de segmentos consonânticos pré-nasalizados no nível fonético, mas interpretam-nos como o resultado do processo de expansão da nasalidade que ocorre sempre que, em

estrutura de base, se encontra uma sequência de segmento consonântico nasal e segmento consonântico oral.

Costa (2014: 100-103), além dos autores referidos em Chapouto (2014), cita Wilson (1962), Mbodj (1979) e Scantamburlo (1981), concluindo que esses autores 1) convergem na interpretação das consoantes oclusivas (/p, t, k, b, d, g/), nasais (m, n, ɲ, ŋ/) e africadas (/tʃ, dʒ/), divergindo nas restantes. Todos eles consideram os fonemas do Kriol as fricativas /f/ e /s/, mas apenas em Scantamburlo (1981, 1999) e Khim (1994) /v, z, ʃ, ʒ/ são incluídos. No tocante às consoantes laterais, se o /l/ é considerado fonema do Kriol por todos esses autores, o /ʎ/ foi igualmente incluído apenas por Scantamburlo (1981, 1999) e Khim (1994), este último considerando-o, tal como as fricativas /v, z, ʃ, ʒ/, fruto de empréstimo do português ou de palavras crioulizadas retomando o seu étimo.

Tomando como ponto de partida as consoantes do PEC, percebe-se que, do ponto de vista histórico, a falta de consenso entre os estudiosos do Kriol tem residido sobretudo nas consoantes fricativas, nomeadamente as sonoras labiodental /v/ e predorso-alveolar /z/, as predorso-prepalatais surda e sonora /ʃ/ e /ʒ/, mas também se discute a inclusão ou não da lateral predorso-prepalatal sonora /ʎ/ no inventário fonológico consonântico desta língua. Do mesmo modo, as duas recentes propostas já referidas apresentam algumas divergências entre si.

Se para Chapouto (*idem*: 54), existem apenas 15 fonemas consonânticos em Kriol, nomeadamente os oclusivos /p, b, t, d, k, g/, nasais /m, n, ɲ/, africados /tʃ, dʒ/, fricativos /f, s/, lateral /l/ e vibrante /r/, Costa (2014) defende um sistema consonântico constituído por 18 fonemas, dos quais constam os fricativos /v/ e /z/ e a nasal velar /ŋ/, além dos outros fonemas propostos por Chapouto (2014). Costa (*idem*) justifica a inclusão do /v/ e /z/ por ter encontrado “muitas ocorrências dos mesmos no corpus analisado, com as quais foi possível formar pares mínimos e análogos em contraste com outros segmentos fonológicos da língua” e porque “os informantes afirmaram que alguns itens lexicais por eles produzidos com /z/ ou /v/ já estavam assim cristalizados na língua” (*idem*: 113). O argumento similar é utilizado a favor da inclusão do /ŋ/ no inventário fonológico do Kriol: os informantes tê-lo-ão identificado “como um som pertencente à sua língua” (*idem*: 106).

Em ambos os trabalhos, as consoantes fricativas /ʃ/ e /ʒ/ e a lateral /ʎ/ do PEC não foram igualmente considerados fonemas do Kriol, devido ao facto de a ocorrência das duas primeiras ser em “casos isolados”, além de em alguns casos coexistirem com as africadas /tʃ/ e /dʒ/ ([tʃ]okolati, [ʃ]okolati, [ʒ]oven/[dʒ]oben) e pela impossibilidade de se formar pares mínimos e, no caso de /ʎ/, devido à sua coexistência/comutação com a africada [dʒ] (*filhu*, *fidju*) (Costa 2014: 114; Chapouto, *op. cit.*: 54). Essas consoantes são por estas autoras vistas como empréstimos recentes do português, tal como as fricativas /v/ e /z/, que, para Chapouto (*idem*: 52-54), seriam realizações fonéticas da oclusiva bilabial sonora /b/ e da fricativa predorso-alveolar surda /s/³⁴, respetivamente.

Ainda sobre as consoantes fricativas, note-se que em Costa (2014) encontramos oposições de fonemas através dos pares mínimos /z/:/f/ - /zɛru/ - /fɛru/; /z/:/m/ - /maNga/ ‘aborrecimento’ - /maNga/ ‘manga (de camisa)’, /v/:/s/ - /vɛu/ - /sɛu/ ‘céu’, /v/:/b/ - /vivi/ ‘viver’ - /bibi/ ‘beber’, /nɔvi/ - /ɔbi/ ‘ouvir’ (*idem*: 118-119), mas o mesmo não se verifica entre /z/ - /s/. Do exemplo /lizu/ ‘liso’ - /risu/ ‘rijo’ (*idem*: 119), *liso* pode ser considerado um empréstimo recente do português e utilizado quase apenas por jovens, além de que essas duas palavras não constituem um par mínimo.

Tal como fizemos em relação às vogais, consideramos, por coerência de análise teórica, que os fonemas do PEC /v, z, ʃ, ʒ, ʎ/ ainda não entraram por completo no inventário fonológico do Kriol. Aparecem em número ainda não muito significativo de palavras e, neste casos, com algumas exceções como em /vivi/ e /lizu/, têm seus alofones e a sua comutação não altera significados das respetivas palavras. Voltaremos a esta questão na secção 4.5., onde se discute a variação interna em Kriol a partir dos dados concretos desta pesquisa.

Partindo das observações feitas até aqui, percebe-se que o PEC e o Kriol convergem totalmente apenas nas consoantes oclusivas (/p, b, t, d, k, g/), divergindo nas restantes quer porque o Kriol conserva certas características do Português Antigo

³⁴ Segundo Chapouto (*idem*), o “/s/ realiza-se como [s] em início de sílaba; em empréstimos recentes de origem portuguesa, pode apresentar as realizações [z] e [ʃ]; em posição de fim de sílaba interior, a realização fonética de /s/ é determinada pelo valor do traço [vozeado] do segmento consonântico adjacente à direita e, em posição de fim de palavra, apresenta duas realizações fonéticas, [s] ou [ʃ], em variação livre” (*idem*: 52).

quer porque, em muitos casos, neutraliza determinadas oposições entre fonemas. Sintetizemos então as principais diferenças, a nível consonântico, entre o PEC e o Kriol.

1) Consoantes africadas

Apenas no Kriol existem consoantes africadas, /tʃ/ e /dʒ/. Note-se, porém, que essas duas consoantes existiam no Português Antigo (séc. XIII)³⁵. Segundo Castro (2006), “o Português antigo possuía quatro consoantes africadas [/ts, dz, tʃ e dʒ/] que desapareceram pouco depois, com excepção de uma, a africada palatal surda [tʃ] que permaneceu na língua da capital até ao séc. XVIII” (*idem*: 144). Martins (2016) esclarece que esses fonemas

são o produto de processos de palatalização que originaram, mais extensivamente, um conjunto de consoantes palatais (/ʃ/, /ʒ/, /tʃ/, /dʒ/, /ɲ/, /ɲ/) caracteristicamente românicos, pois o sistema consonântico do latim clássico não fazia uso do ponto de articulação palatal (exceto se o /j/ for incluído na classe das consoantes (*idem*: 5).

Acrescente-se ainda que a oposição entre /ʒ/ e /dʒ/ muito cedo se neutraliza, estendendo-se a todo o território português, ao passo que “a oposição fonológica entre o par de consoantes surdas (/ʃ/ e /tʃ/), pelo contrário, persiste na língua padrão até ao português clássico” (*idem*: 5), refletindo-se na distinção gráfica entre <x> e <ch>. Atualmente, embora não sendo padrão, essa oposição mantém-se no Norte/Nordeste de Portugal, sendo uma das características dos dialetos setentrionais (Martins, *ibidem*; Castro, 2006: 144). Com isso, não queremos dizer que fonemas /tʃ/ e /dʒ/ sejam necessariamente originários do Português. Segundo Couto (1994, *apud* Costa, 2014: 106) esses fonemas existem em grande parte das línguas de substrato mandes e atlânticas; no entanto, se considerarmos que, no séc. XVI, os mesmos existiam no Norte de Portugal e /tʃ/ no Sul, veremos como possível a origem portuguesa de ambos (/tʃ/ e /dʒ/), apoiando mais uma vez a hipótese de a variedade do Norte ser a lexilizadora do Kriol (Silva, 2023: 123-125, no prelo).

2) Consoantes fricativas

Como vimos, o PEC possui 6 consoantes fricativas, nomeadamente /f, v, s, z, ʃ, ʒ/. Dessas consoantes, apenas /f/ e /s/ existem de forma consistente no Kriol, sendo

³⁵ A existência de /dʒ/ é apenas uma suposição. Na verdade, nunca foi atestado nenhum texto com este fonema no português antigo ou galego-português (Paz, 1998).

reconhecidas por todos os seus estudiosos. Os fonemas /v, z, ʃ, ʒ/ do PEC, pelo contrário, são vistos no Kriol como realizações do [b], [s], [tʃ] e [dʒ], respetivamente, coexistindo, fruto de empréstimos recentes do português. Palavras como <bida> / <vida>; <kasa> / <kaza>; <guarda-tchuba> / <guarda-chuva>; <djoben> / <joven> são alguns dos exemplos mais flagrantes dessa coexistência, particularmente na população mais jovem e escolarizada.

É provavelmente por essa razão que, já em 1990, nas suas *Notas Sobre a Evolução Fonética do Português para o Kriol*, Elly M. Opazo, partindo de exemplos como *bua* < voa, *bari* < varre, *basora* < vassoura..., *koba* < cova, *kumbida* < convida, *labra* < lavarar..., e *disa* < deixa (v), *lagartisa* < lagartixa, *bas* < baixo, *sinelu* < chinelo..., *susa* < sujo, *aos* < hoje, *fusi* < foge..., afirma que

as consoantes do criol não incluem o fonema [v]. Nas palavras em que em português antigo e padrão aparece [v], este fonema, em qualquer posição, evoluiu para [b] (tal como aconteceu nos dialectos portugueses setentrionais desde o período galego-português inicial) (*idem*: 37)

as consoantes fricativas palatais sonoras e surdas do português padrão actual [ʃ] e [ʒ] (graficamente *x*, *j*, *g^{ei}* e por vezes *ch*) corresponde[m] em criol à fricativa dental [s] quando essas consoantes provêm de uma evolução do latim ao português. Isto é: em relação ao português antigo, produziu-se um fenómeno de ensurdecimento [ʒ] > [s] e de despalatalização [ʃ] > [s] em geral que conduziu à convergência de todo este grupo de fonemas no fonema único [s] (*ibidem*).

apontando, igualmente, para a conservação, em Kriol, como vimos, da “articulação africada sonora da consoante [dʒ]”, que substituiria a fricativa predorso-prepalatal [ʒ] em todas as posições, como em *djuda* < ajudar, *lundju* < longe, *disdja* < desejar, etc., e da consoante africada palatal [tʃ] do PEC, igualmente em todas as posições, como em *tchabi* < chave, *tcheru* < cheiro, *katchu* < cacho, *bitchu* < bicho, etc. (*idem*: 38-39).³⁶

3) Consoantes nasais

³⁶ Os fonemas /tʃ/ e /dʒ/ são representados por <c> e <j> em Opazo (1990), mas neste trabalho são graficamente codificados com <tch> e <dj>, respetivamente, tal como se explicou na metodologia.

Ainda à propósito de fonemas fricativos, Rougé (1995), num artigo sobre a origem do Kriol, sublinha: “o crioulo da Guiné[-Bissau], como a maior parte das línguas africanas da região, não possui nenhuma [sic] vogal fricativa sonora”, “não possui consoante contínua, fricativa, palatal, surda [ʃ]” (*idem*: 86), sendo de uma maior consequência influência das línguas africanas sobre o crioulo do continente” em comparação com o Kabuverdianu, crioulo de Cabo Verde (*ibidem*). A discussão sobre as fricativas será retomada na secção sobre a variação interna do Kriol.

O Kriol contém 4 consoantes nasais (/m, n, ɲ, ŋ/), contra as 3 do PEC (/m, n, ɲ/). Apenas Chapouto (2014) não inclui a velar /ŋ/ no inventário fonológico consonântico do Kriol, sob o argumento de que esta seja verificada apenas num “grupo restrito de palavras, grafadas com <n’> (que escrevemos sem <’>), cuja maioria provém do mandinga, em posição de início de palavra”, podendo “ser identificadas como empréstimos que mantiveram a forma fonética da língua de origem” (*idem*: 45). Essas palavras seriam <n’uri> ‘apanhar o resto’, <n’alu> ‘cova pequena’ e <lun’a> ‘lua’. Segundo a mesma autora (*ibidem*),

O facto de não ser possível opor [ɲ] e [ŋ], e atendendo a que só em posição de início de palavra e num reduzido número de vocábulos ocorrem as duas realizações fonéticas em Ataque de sílaba, embora não se tenha definido o que motiva a ocorrência de cada realização, leva-nos a propor que, em estrutura de base, exista apenas um segmento fonológico, /ɲ/. A escolha de /ɲ/ em vez de /ŋ/ foi motivada pelo facto de a realização [ɲ] ser mais frequente e de se associar sempre ao Ataque de uma sílaba (*idem*: 45).

No entanto, esse argumento falha pela seguinte razão: embora seja impossível encontrar pares mínimos para [ɲ] e [ŋ], a comutação dos dois, na posição inicial, p.e., não é igualmente possível (*n alu* [’ɲalu], *n uri* [’ɲuri], *n atinha* [ɲatɪɲa] ‘engatinhar’ são gramaticais, mas **nhalu* [’ɲalu], **nhuri* [’ɲuri], **nhatinha* [ɲatɪɲa] são agramaticais). Além disso, o som [ŋ], sem comutar-se com [ɲ], ocorre geralmente antes das oclusivas posdorso-velares [k] e [g], em palavras como <taba[ɲ]ka> ‘aldeia’, <ma[ɲ]ku>, <dju[ɲ]gutu> ‘acocorar-se’, <bri[ɲ]ka>, nas formas do pronome pessoal primeira pessoa do singular (pretérito perfeito): *n kume* [ɲ’kume] ‘comi’, *n guli* [ɲ’guli] ‘engoli.r’, *n kanta* [ɲ’kãnta] ‘cantei/encantar’, *n kuri* [ɲ’kuri] ‘corri’, etc. ou, ainda, no fim da sílaba de muitas palavras (geralmente monossilábicas): *biɲ* ‘vir’, *si[ɲ]* ‘sim’, *ki[ɲ]*, *da[ɲ]*.

Note-se ainda que se a oposição entre [ɲ] e [ŋ] é praticamente inexistente, embora a sua comutação resulte na agramaticalidade como vimos, a oposição entre [ɲ] e [m] ou entre [ɲ] e [n] é possível, como se vê em *n uri* [’ɲuri] e *muri* [’muri] ou *n alu* [’ɲalu] e *nalu* [’nalu] ‘nalu, nome de grupo étnico’. Em suma, /ŋ/ é fonema nas palavras crioulas de origem africana, mas não nas do português, pelo que é consoante do Kriol, tal como é reconhecido por quase todos os estudiosos.

Uma outra diferença entre o PEC e o Kriol são os já referidos segmentos pré-nasalizados ([mp, mb, nt, nd, ŋg, ŋk, ntʃ, ndʒ, nf, nv, ns, nz]), que ocorrem em

palavras como em *m pasa* ‘passei’, *n sinta* ‘estou sentado’... . Recordamos, subscrevendo, a conclusão de Chapouto (2014) que propõe que “as consoantes fonéticas pré-nasalizadas sejam interpretadas como o resultado de processos fonológicos de nasalização e que correspondam, no nível subjacente, a uma sequência de segmento consonântico nasal e de segmento consonântico oral” (*idem*: 43).

4) Consoantes laterais

As consoantes laterais do PEC são a ápico-dental /l/, que na posição final de palavra ou de sílaba se realiza como [ɫ], e a predorso-prepalatal [λ]. No Kriol apenas /l/ existe, mas sem alofone. /λ/ aparece, excepcionalmente na população jovem e escolarizada, em palavras manifestamente portuguesas, coexistindo com a africada [dʒ] (*fidju* - filho). Opazo (1990: 38) resume esta mudança com as seguintes palavras:

a consoante lateral palatal do português antigo e padrão [λ] (graficamente *lh*) corresponde à africada palatal sonora [dʒ], devida ao esforço articulatorio da semi-vogal palatal resultante da vocalização da consoante lateral. Assim, [badʒa] < [baja] < [baλa] = balha.

Na verdade, da passagem do [λ] para [dʒ] é mais provável ter sido direta do que por via de [j], pois a africada sonora é o equivalente palatal mais próximo de [λ] nas línguas nativas da Guiné-Bissau.

5) Consoantes róticas

Quanto às consoantes róticas, é consensual que a oposição existente no PEC entre a vibrante simples ápico-dental /r/ e a vibrante múltipla posdorso-uvular/R/ é neutralizada no Kriol, existindo apenas a ápico-dental /r/. Assim, quando um guineense diz *karu* ‘carro’, percebe-se ‘caro’ em português.

Note-se, com Castro (2006), que, no Português Antigo, a vibrante múltipla do PEC “tinha uma articulação ápico-alveolar (ápico-dental) que durou ainda muito tempo na língua, mas hoje se encontra no grupo etário mais elevado da pronúncia padrão” (*idem*: 144). A explicação idêntica é encontrada em Martins (2016), que caracteriza a distinção entre as duas róticas do PEC como “a mais tardia das mudanças fonológicas”, concluindo que “a oposição entre vibrante simples e vibrante múltipla, de articulação

alveolar, mantém-se em dialetos do português europeu mas a sua área não está delimitada e a variação poderá ser mais sociolinguística do que geográfica” (*idem*: 6).

Apresentados os argumentos a favor ou não da inclusão de determinados segmentos no inventário fonológico do Kriol, vejamos agora como é que esses fonemas se distribuem foneticamente.

(1) Consoantes iniciais

[p] pata [‘pata] ‘planta de pé’	[b] bata [bata] ‘bata’
[t] tudu [‘tudu] ‘tudo’	[d] dudu [‘dudu] ‘doido’
[k] kola [‘kɔla] ‘cola.r’ (n., v.)	[g] gala [‘gala] ‘gala’
[f] fala [‘fala] ‘fala’	[s] sala [‘sala] ‘sala’
[dʒ] djubi [‘dʒubi] ‘ver’	[tʃ] tchubi [‘tʃubi] ‘chover’
[m] mau [‘mau] ‘mau’	[n] nau [‘nau] ‘não’
[ŋ] n uri [‘ŋuri] ‘apanhar o resto’	[m] muri [‘muri] ‘morrer’
[m] ma [‘ma] ‘mas’	[ŋ] nha [‘ŋa] ‘mas’
[l] lestu [‘lestu] ‘depressa’	[r] restu [‘restu] ‘resto’

(2) Consoantes mediais

[p] kapa [‘kapa] ‘kapa	[b] kaba [‘kaba] ‘acabar’
[t] kata [‘kata] ‘apanhar’	[d] kada [‘kada] ‘cada’
[k] paka [‘paka] ‘bater algo nas mãos de alguém intencionalmente	[g] paga [‘paga]
[f] safá [‘safa] ‘safar-se’	[s] kasa [‘kasa] ‘casa’
[dʒ] odja [o’dʒa] ‘ver’	[tʃ] otcha [o’tʃa] ‘quando, ter’
[m] kama [‘kama] ‘cama’	[n] kana [‘kana] ‘cana’
[n] kana [‘kana] ‘cana farinha’	[ŋ] kanha [kaŋa] ‘tipo de comida feita com
[l] kala [‘kala] ‘calar	[r] kara [‘kara] ‘cara’

(3) Consoantes finais

[l] falta [‘falta] ‘faltar’	[r] farta [‘farta] ‘fartar’
[s] fresku [‘fresku] ‘fresco’, rapas [‘rapas] ‘rapaz’	

[ŋ] bin ['biŋ] 'vir'

[f] fat ['fat] 'muito rápido', fit [fit] 'com velocidade'

[k] pak ['pak] 'movimento de intensidade'

Os exemplos (1) e (2) mostram que todas as consoantes do Kriol ocorrem na posição inicial e medial, ocorrendo apenas [t], [k], [s], [ŋ], [l] e [r] na posição final. Com isso, considerando apenas os fonemas existentes em Kriol, há duas diferenças entre o PEC e o Kriol: por um lado, a vibrante simples [r], no Kriol, ocorre em todas as posições, ao passo que no PEC apenas ocorre na posição medial e final; e, na posição final, além de [s], [l] e [r], a ocorrência de [f], [k] e [ŋ] é possível em Kriol, contrariamente ao PEC. Note-se, finalmente, que, na posição medial, é impossível opor [f] e [s] com pares mínimos, recorremos, neste caso, a par análogo *safa - kasa*. O quadro seguinte apresenta as consoantes do Kriol, tem em conta as observações feitas até aqui, pondo de lado a variação.

Tabela 8: Classificação articulatória das consoantes do Kriol

	Bilabiais	Lábio-dentais	Ápico-dentais	Predorso-alveolares	Predorso-palatais	Dorso-palatais	Posdorso-velares
Oclusivas	p b		t d				k g
Fricativas		f		s	ʃ ʒ		
Africadas					tʃ dʒ		
Nasais	m		n			ɲ	ŋ
Laterais			l				
Róticas			r				

3.4. Fenómenos de adição e apagamento segmental

Tal como se fez em relação às vogais e às consoantes, procederemos nesta secção à análise dos principais processos fonológicos que marcaram os processos da formação do Kriol, decorridos do contacto entre o português antigo e várias outras línguas africanas. Num primeiro momento, serão analisados os processos de adição e apagamento segmental: trata-se, por um lado, da prótese e epêntese (adição de segmento) e, por outro lado, de aférese, síncope e apócope (apagamento segmental). Posteriormente, será analisada a despalatalização do /s/ (processo de assimilação de

traço) e a monotongação. Com a exceção da prótese, que vemos de forma mais clara em Costa (2014), todos esses processos foram tratados por Opazo (1990) e Costa (2014). São retomados neste trabalho para, de modo comparativo, compreender se aquilo que, na teoria, é tomado como facto consumado e geral³⁷ na língua (Kriol, neste caso) se mantém nos dias de hoje, tendo em conta as características socioculturais dos falantes do Kriol, como é objetivo central deste estudo. Todas as inovações que foram encontradas em relação a esses processos diacrónicos, que nos remetem ao período da formação da língua, serão discutidas na secção sobre a variação interna do Kriol, dado que se trata de mudanças sincrónicas “em movimento contrário, em direção ao português”.

3.4.1. Processos de adição de segmento

3.4.1.1 Prótese

Costa (2014: 201), citando Kihm (1994) e Scantamburlo (1981), sublinha que a prótese é um processo fonológico do Kriol segundo o qual se adiciona uma semivogal [j] no início de algumas palavras, sendo que essas palavras teriam sido incorporadas assim na língua, com essa semi-vogal/glide protética. Observem-se os exemplos (4) - (7) (Costa: *ibidem*):

- (4) [‘jentra] ~ [i’entra] - /ieNtra/ ‘entrar’
- (5) [‘jabri] ~ [i’abri] - /iabri/ ‘abrir’
- (6) [‘jagu] ~ [i’agu] - /iagu/ ‘água’
- (7) [janga’sa] ~ [ianga’sa] /iaNgasa/ ‘alcançar’

Ao que parece, e uma consulta ao Dicionário Crioulo-Português/Dicionário Português-Crioulo de Scantamburlo (s.d.: 255-260) prova-o, não é de facto um processo produtivo. Podemos acrescentar a esta lista apenas as seguintes palavras: *ianda* > andar, *iarmadu* > armado, *ialsa* > alçar, *iama* > amar (ser ama), *iasa* > assar, *iasadera* > assadeira, *iara* > errar e *iardansa* > herança, e os seus compostos como *iantranda.du* ‘fazer entrar’, *iabridu* ‘ser aberto’, *iangasadu* ‘ser alcançado’, *ibandanta.du* ‘fazer andar’, *iangasadu* ‘ser alcançado’, *ialsadu* ‘ser alçado’, *iamadu* ser amado’, *iasadu* ‘ser assado’, *iaradu* ‘errado’, *iarantadu* ‘ter sido feito errar’.

³⁷ A título de exemplo, Opazo (1990) refere-se aos processos de apagamento e de adição de segmento como “fenómenos «gerais»” do Kriol, afirmando que apócope (de [u] final depois de qualquer consoante) “aparece totalmente consumado” e que a síncope é frequente (*idem*: 35) e aférese é “um fenómeno extraordinariamente frequente” (*idem*: 34) no Kriol.

Olhando para os exemplos apresentados (que seriam o conjunto total de palavras em que ocorre esse processo), pode concluir-se que as palavras portuguesas que entraram para o Kriol com uma vogal protética se iniciam com a vogal /a/, com a exceção do verbos ‘entrar’ > *ientra*³⁸ e ‘errar’ > *iara* e do nome ‘herança’ > *iardansa*, seguida de uma consoante oclusiva ou líquida ([l] e [r]).

3.4.1.2. Epêntese

Sincronicamente, durante o período da formação do Kriol, várias palavras do português passaram para essa língua com uma vogal epentética que, com efeito, desfaz o grupo consonântico. Como descreve Opazo (1990: 36), o mesmo acontece em PE e, com mais frequência, na linguagem coloquial do português brasileiro, donde *ritimo* < ritmo, *adimirar* < admirar, etc. Em Kriol, distinguem-se dois tipos de adição de segmentos em grupos consonânticos:

1) o primeiro, que seria o “verdadeiro caso de epêntese” como Opazo (1990) deixa supor e que se observa quase sempre (e talvez só) em palavras portuguesas com encontros consonantais cuja segunda consoante é <r> (geralmente, em grupos *br*, *tr*, *kr*, *gr* e *fr*). Acrescente-se que, neste caso, a vogal inserida é sempre igual à vogal a seguir ao grupo consonântico e as duas consoantes passam a pertencer a sílabas diferentes, conforme se vê nos exemplos a seguir.

(8) *firia* < esfriar, *foronta* < afronta; *firiu* < frio; *garandi* < grande; *garan* < grão; *garasa* < graça; *n turudu* < entrudo; *tarata* < trata; *maltarata* < maltrata.r; *kiria* < cria; *m burudju* < embrulho; *dimira* < admirar, etc. (Opazo, *op.cit.*: 36).

2) o segundo tipo é o que Opazo (*ibidem*) chama de “Intervenção”: observada igualmente e quase sempre em grupos consonânticos cuja segunda consoante é <r>, nomeadamente nos grupos *pr*, *tr*, *dr*, *kr*, *gr* e *fr*, ocorre a inserção de uma “vogal de timbre” condicionada pela consoante inicial do grupo. Note-se, adicionalmente, que nestes casos a vogal inserida pode ou não ser igual à vogal a seguir ao grupo consonântico e as duas consoantes, contrariamente ao que acontece no primeiro tipo, continuam na mesma sílaba. Observem-se os exemplos em (9):

³⁸ Não nos parece que haja prótese nessa palavra, assim como em *ermon* que, segundo a abra citada, seriam *iarmon*.

(9) *purmeru* < primeiro; *pirsis* < preciso; *pirmi* < espremer; *purba* < provar; *perga* < pregar; *purpara* < preparar; *purblema* < problema; *pirmiti* < prometer; *pursenta* < apresentar; *pursor* < professor; *kursa* < cruza; *kursamentu* < cruzamento; *kirsi* < crescer; *skirbi* < escrever; *guirta* < gritar; *tarbesa* < atravessar; *turpes* < tropeça; *n terga* < entregar; *tarbadja* < trabalhar; *tarbada* < trovoada; *tarbadja* < atrapalhar; *tarpaseru* < trapaceiro; *tirmi* < tremer; *torkia* < trocar; *ferga* < esfregar; *gardisi* < agradecer; *mandurgada* < madrugada; *fertcha* < frecha, etc. (*idem*: 36).

3.4.2. Processos de apagamento de segmento

3.4.2.1. Aférese

Do processo de lexificação, muitas palavras portuguesas passaram para o Kriol com fonemas iniciais suprimidos, tornando a aférese um processo “extraordinariamente frequente” nessa língua. Essa supressão pode incidir sobre uma vogal, oral ou nasal, ou sobre uma sílaba³⁹ (Opazo, 1990: 34). Olhando para exemplos citados quer por Opazo (*idem*: 35) quer por Costa (2014: 198-200), alguns dos quais retomados em (10) - (12), conclui-se que, no caso da supressão de vogal, se apaga geralmente a vogal fonológica /e/ ou a nasal /ẽ/, de que resultam alguns dos segmentos pré-nasalizados referidos anteriormente.

Supressão de vogal

(10) *sta* < estar; *storia* < história; *skirvi* < escrever; *studa* < estudar; *skola* < escola; *stadu* < estado; *strada* < estrada; *skada* < escada; *spiritu* < espírito...

(11) *m barka* < embarcar; *m borka* < emborcar; *m pina* < empinar; *n turudu* < entrudo; *n tudju* > entulho; *n tera* < enterrar; *n tindi* < entender; *n tola* < entolar; *n kostu* < encostar...

Os exemplos como os incluídos em (11) merecem uma breve observação. Do ponto de vista fonético, os verbos [s'kirbi], [s'tuda], [s'kɔla], entre outros, diferem essencialmente dos seus cognatos portugueses – [ʃkri'ver], [ʃtu'dar], [ʃkɔlɐ] – pela substituição da fricativa palatal surda [ʃ] (português) pela alveolar [s] na primeira sílaba; no nível fonológico, porém, a sua diferença reside na redução vocálica da sílaba (perda da vogal fonológica) inicial em Kriol, /skirbi/ < /escrever/, /studa/ < /estudar/, além da marca do infinitivo em PEC, [r] (Costa, 2014: 198).

³⁹ Note-se que em Costa (2014: 198) este processo foi tratado sob o mesmo rótulo (“redução ou apagamento silábico”) com apócope silábica, citando como exemplos de síncope *djudu* < ajudar, *kaba* < acabar, *gosi* < agora, que perderam a vogal baixa central do português, ou *sta* < estar, *skola* < escola..., dos quais se apagaram o /e/ fonológico.

Os exemplos a seguir mostram os casos de supressão silábica (além dos verbos, que em Kriol perderam o [r] final, suprime-se geralmente a sílaba constituída apenas pela vogal baixa central do português [ɐ] (como é o caso de quase todos os verbos portugueses iniciados por esta vogal) ou a sílaba inicial iniciada por vogal + [ʃ]).

Supressão de sílaba

(13) *djuda* < ajudar; *kaba* < acabar; *randja* < arranjar; *panha* < apanhar; *gudja* < agulha; *kila* < aquile.a; *bafa* < abafar; *bana* < abanar; *foronta* < afronta; *korda* < akordar; *kudi* < acoder; *konsidja* < aconselhar; *mara* < amarrar; *perta* < apertar; *rabata* < arrebatat; *padjiga* < espalhar; *panta* < espantar; *pera* < esperar; *pista* < emprestar; *pirmi* < espremer; *kapli* < escapulir...

3.4.2.2. Síncope

Conforme nota Opazo (1990: 35), os casos em que se suprime fonemas no interior de uma palavra são frequentes em Kriol. Observem-se os exemplos (14) a (17):

(14) *darma* < derramar; *djurmenta* < juramentar; *karmusa* < escaramuçar; *karga* > carregar; *tempratura* < temperatura; *djorson* < geração; *korson* < coração; *burfa* < borrifar; *sirmonia* < cerimónia; *durba* < derrubar; ...;

(15) *kunsi* < conhecer; *mansi* < amanhecer; *notsi* < anoitecer; *parsi* < parecer; *falsi* < falecer; *moli* < amolecer; *maduru* < amadurecer; *muntrus* < mentiroso; *kunsa* < começar; *kumte* < comité; *lanta* < levantar; *punta* < perguntar; *kunha* < cozinhar...;

(16) *malgueta* < malagueta; *folgu* < fôlego; *vulsidadi* < velocidade; *kolsensa* < com licença; *flanu* < fulano; *simblu* < simbolo; *blanha* < bolanha; *oklu* < óculo; *kalklu* < cálculo; *kapli* < escapulir...;

(17) *pursor* < professor; *guinensi* < guineense; *disdja* < desejar; *ospri* < hóspede...

Desses exemplos, podemos tirar as seguintes conclusões: a) suprime-se geralmente a vogal pré-tónica em contacto como as róticas [r] e [R], podendo ser a vogal baixa central do [ɐ] (sobretudo), a vogal alta [i] ou [u], exemplos (14); b) elimina-se a sílaba precedida pelo sufixo <ecer> ou alguns fonemas antes em contacto com consoantes nasais, exemplos (15); c) eliminam-se as vogais não tónicas seguidas da consoante lateral [l], exemplos (16).

3.4.2.3. Apócope

O único caso de apócope descrito por Opazo (*op.cit.*: 35) é o de [u] final depois de qualquer consoante, sendo, de acordo com esse autor, totalmente consumado em Kriol, como demonstram os exemplos (18) - (20). Esse fenómeno ocorre mais nas

palavras terminadas em <oso>, <sso>, <aço>, ou seja, quando o /u/ é antecedido pelos fonemas /z/ e /s/ (exemplos 18); mas também ocorre em algumas palavras em que o /u/ é antecedido pelas róticas /r, R/ ou pela lateral /l/ (exemplos 19 e 20).

(18) *furmus* < formoso; *gustus* < gostoso; *temus* < teimoso; *karanguis* < carangueijo; *lens* < lenço; *malgos* < amargoso; *muntrus* < mentiroso; *pes* < peso; *gros* < grosso; *os* < osso; *kalabus* < calabouço; *karus* < caroço; *padas* < pedaço; *ragas* < regaço...;

(19) *katar* < catarro; *katchur* < cachorro; *sakur* < socorro; *tchur* < choro; *futser* < feiticeiro; *karnel* < carneiro;

(20) *forel* < farelo; *martel* < martelo (Opazo, *ibidem*).

Podemos acrescentar a esses exemplos umas poucas palavras portuguesas que, em Kriol, perderam a sílaba final, em consequência da despalatalização ou do ensurdecimento ou eliminação do /ʃ/, [s] (*bas* < baixo; *pis* < pis; *anti* < antes; *atrave* < através) ou em palavras como *es* < este; *pa* < para, *palas* palácio; *tambi* < também (neste último caso, desnasalizou-se a vogal /ẽ/ e foi transformada em /i/).

3.4.3. Despalatalização

A despalatalização pode ser explicada pelo facto de, como se viu na subsecção 4.3., não existirem as fricativas palatais /ʃ/ e /ʒ/, em Kriol. Retomemos o já citado texto de Opazo de 1990, que resume a questão com as seguintes palavras:

as consoantes fricativas palatais sonoras do português padrão actual [ʃ], [ʒ] (graficamente *x*, *j*, *g^e*, *i*, e por vezes *ch*) correspondem em Kriol à fricativa dental [s] quando essas consoantes provêm de uma evolução do latim ao português. Isto é: em relação ao português antigo, produziu-se um fenómeno de ensurdecimento [ʒ] > [ʃ] e de despalatalização [ʒ, ʃ > s] em geral que conduziu à convergência de todo este grupo de fonemas no fonema único [s] (*idem*: 37).

Ou seja: quando – particularmente na coda silábica – em português temos o /s/ fonológico realizado foneticamente como [ʃ], *pesca* [‘pɛʃkɐ] (ou como [ʒ], quando a consoante a seguir é sonora: *Lisboa* [liʒ’bɔɐ], em Kriol essas realizações unificaram-se em /s/, fonética e fonologicamente, perdendo-se igualmente a oposição entre as consoantes predorso-alveolares [s] - [z] do português. Refira-se que, além de as consoantes fricativas surdas serem mais comuns nas línguas, a despalatalização desses fonemas ([ʃ] e [ʒ]) em Kriol deve ser atribuída às línguas do substrato, sendo atestada, entre outras, em línguas como wolof, fula, bambara (Senegal), mandinga e fula

(Guiné-Bissau) e outras línguas bantas do Congo-Kinshasa, nomeadamente akan, ga e ioruba (Rougé, Parkvall, 2012, *apud* Costa, 2014: 203 ss.).

Pode acrescentar-se a esta explicação o seguinte: a despalatalização do /j/ e /ʒ/ e o ensurdecimento do /z/ podem, em muitos casos, ser vistos como consequências da ocorrência de alguns processos de apagamento e de adição de segmentos (aférese, epêntese e apócope sobretudo) em Kriol. Quando, por exemplo, em apresentar > *pursenta*; cruza > *kursa*; cruzamento > *kursamentu*; preciso > *pirsis*; gostoso > *gustus* é inserida a vogal epentética, que desfaz os grupos consonânticos <cr> e <pr>, e é eliminado o [u] final, o /s/ já não se encontra na posição intervocálica; em crescer > *kirsi*; escrever > *skirbi*; estudar > *studa*, em que a vogal epentética desfaz os grupos consonânticos <cr> e se suprimiu o /e/ fonológico no início da sílaba, a inserção dessa vogal epentética e o apagamento do núcleo silábico influenciam diretamente a conservação do /s/ fonológico.

3.4.4. Monotongação

Uma outra inovação ocorrida em Kriol, em comparação com o português, sua língua lexificadora, é a monotongação dos ditongos, nomeadamente /ei/, /ou/ – os mais produtivos, e /oi/. Costa (2014), citando particularmente exemplos com o ditongo /ei/, observa que “comparativamente ao português, houve um largo processo de monotongação (a partir dos ditongos do português) na formação do crioulo, dando origem a vocábulos hoje já incorporados na língua” (*idem*: 208).

Opazo (1990), em relação aos ditongos /ei/ e /ou/, os únicos aos quais faz referência, explica que “ao ditongo decrescente ei do português antigo, dos actuais dialectos portugueses setentrionais e do português-padrão [...] corresponde sempre em kriol um fonema único, um [e] ou um [i]” (*idem*: 33). No primeiro caso, o ditongo [ei] monotonga em [e], tal como se observa em dialetos portugueses centro-meridionais – o que não é um argumento para o Kriol ter origem nestes dialetos – e, no segundo, ter-se-á dado a evolução do [e]⁴⁰, que resultou da monotongação do [ei], para [i], facto que não se verifica nos dialetos portugueses europeus. Quanto ao ditongo [ow], graficamente <ou>, em Kriol aparece monotongado em [o], tal como em

⁴⁰ A representação do /e/ por [e] não tem qualquer significado fonológico em Kriol, dado que, neste trabalho, como já se explicou, é considerada inexistente a oposição entre [e] e [ɛ].

português europeu padrão e no PB, que depois evoluiu para [u] (Opazo, *idem*: 34). Este último caso, que é uma inovação do Kriol, é o resultado do fechamento total da vogal [o] (como se explicou na secção sobre as vogais, a vogal média [o] do português, em muitos casos, fecha-se completamente em Kriol, *kõ.pe. 'ɲɐj.ru > kũmpaɲɛr*).

Os exemplos em (21) e (22) mostram a monotongação do ditongo /ei/ em /e/ e a evolução deste para /i/ e os de (23) e (24) ilustram os casos do ditongo /ou/, todos retirados em Opazo (*op.cit.* 34-35).

(21) *bera* < beira; *asnera* < asneira; *bidera* < videira; *kansera* < canseira; *kosera* < coceira; *kadera* < cadeira; *fera* < feira; *fereru* < ferreiro; *stera* < esteira; *manera* < maneira; *purmeru* < primeiro; *palmera* < palmeira; *sapateru* < sapateiro; *madera* < madeira; *bandera* < bandeira; *dinheru* < dinheiro; *temus* < teimoso; *seta* < aceitar...

(22) *dita* < deitar; *disa* < deixar; *liton* < leitão; *djitu* < jeito; *dritu* < direito; *siti* < azeite; *pitu* < peito; *pidi* < peido; *pis* < peixe; *fiu* < feio; *liti* < leite; *bis* < beirão...

(23) *noti* < noute (port. ant.), *obi* < ouve; *basora* < vassoura; *totis* < toutiço; *osa* < ousar; *ropa* < roupa; *senora* < cenoura; *tisora* < tisoura; *notsi* < noitecer (port. ant.)...

(24) *turu* < touro; *murú* < mouro; *labura* < lavoura; *kuru* < couro; *kubi* < couve; *uru* < ouro; *suta* < açouta; *kalabus* < calabouço; *dus* < duos (port. ant.), *dudu* < doudo (port. ant.); *kusa* < cousa (port. ant.)...

Concluimos a teorização que temos vindo a apresentar ao longo das secções anteriores ressaltando o seguinte: as palavras do Kriol de origem portuguesa sofreram numerosas mudanças fonéticas – próteses, epênteses, apócpes, despalatalização, monotongação, etc., com implicações fonológicas e lexicais muito regulares, como vimos – não só para evitar certos grupos consonânticos (como *pr*, *tr*, *dr*, *cr*, *gr*, *fr*) e as iniciais vocálicas inexistentes nas línguas africanas da região, mas também, e por isso, para se aproximar do padrão silábico CVCV, que é também o do mandinga (Rougé, 1995: 86-87) e padrão silábico estável. Ou seja: não se trata, como já se frisou, da degradação do português, do seu léxico e da sua gramática, mas trata-se, antes, da sua “africanização” (Rougé, 1989: 42 ss.) afetando, por exemplo, a pronúncia, o léxico, a morfologia e a gramática (o sistema verbal, p.e.) – i.e., uma “africanização do nível superficial e do nível profundo” para usar os termos de Rougé (*ibidem*). Todo esse processo, enfim, se deu tendo em conta as características socioculturais dos povos das línguas do substrato, sendo uma delas o multilinguismo.

3.5. Variação interna do Kriol: indícios de uma variação sociolinguística

Nas secções anteriores, com base em diversos autores, discutimos as (principais) divergências fonético-fonológicas entre o Kriol e PEC, apresentando os fonemas que reúnem o maior consenso (no caso do Kriol) ou integram o inventário fonológico de cada uma das duas línguas. De igual modo, retomamos e sistematizamos a análise dos principais processos fonológicos que marcaram a formação do Kriol, com consequências não apenas fonético-fonológicas, mas também lexicais.

O que se viu nessas consequências fonético-fonológicas e lexicais são as mudanças que decorreram do período da formação do Kriol e vistas por muitos dos autores citados como consumadas. Ora, o Kriol, como qualquer língua – e sobretudo porque ainda não possui regras linguísticas estandardizadas, tendo sido o seu uso restringido particularmente à oralidade – está sujeito a outros tipos de variações, quer, por exemplo, a nível geográfico (variação diatópica), quer a nível social (variação social ou diastrática), entendida como a mudança da língua em função, p.e., da idade, do género e da escolaridade (características/estruturas) dos seus falantes (Castro, 2006: 7; Rodrigues, 2016: 98-99).

Apresentaremos nesta secção os resultados obtidos na análise do *corpus*, com especial atenção às terminações nasais, às consoantes e aos processos fonológicos. Dado que, no que diz respeito aos segmentos vocálicos, há um largo consenso sobre a existência de apenas cinco vogais – / a, ε, ɔ, i, u / – este tópico não será retomado aqui. No que às consoantes diz respeito, defenderemos que a divergência de opiniões entre autores sobre as fricativas, p.e., é um argumento a favor da existência de duas grandes variedades do Kriol, *Kriol Fundu* e *Kriol Lebi*, para retomar as nomenclaturas localmente utilizadas, sendo que esta última ganha cada vez mais dinamismo, principalmente nas cidades. Defenderemos ainda, com base nos resultados obtidos, que as consoantes fricativas /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ devem ser incluídas no inventário fonológico do Kriol. O principal ponto a favor desta argumentação é o aumento cada vez mais marcado de empréstimos vocálicos do PEC com esses fonemas que se vão integrando e sendo reconhecidos como vocábulos do Kriol. Além disso, e apesar de, em algumas palavras,

/b/ e /v/, /tʃ/ e /ʃ/ /dʒ/ e /ʒ/ coexistirem, há tantas outras em que se faz uma clara distinção entre esses fonemas e a troca de um pelo outro resulta agramatical.

Para apoiar a tese em favor da existência de duas variedades do Kriol, *Fundu* e *Lebi*, mostraremos que, tal como a unificação das terminações nasais, os processos fonológicos vistos nas secções anteriores e tidos como consumados no Kriol não são totais pelo menos na variedade do *Kriol Lebi* falado por jovens, havendo a coexistência de formas já transformadas e formas iguais às do PEC. Defenderemos, por fim, que a existência dessas duas variedades não se deve às peculiaridades regionais nem ao género dos falantes do Kriol, mas sobretudo às características sociais, com respaldo na **idade, instrução escolar e no maior ou menor contacto com o português.**

Por isso, de acordo com os dados analisados, é a variação diastrática a mais relevante no Kriol, a que mais condiciona a frequência de determinados segmentos/processos fonológicos, que são fortes indicadores de uma mudança linguística sincrónica do Kriol em “direção” ao português, língua de prestígio. Toda esta argumentação tem como objetivo final chamar a atenção para a necessidade cada vez mais maior de, no plano de oficialização e, sobretudo, de unificação e de ensino da língua, se adotarem regras gramaticais que englobem as principais características linguísticas identificadas em cada uma dessas variedades.

3.5.1. Terminações nasais

Em 3.2.2., vimos que as terminações nasais do português antigo – *-om*, *-am* e *-ão* (-ã, -õ, -ã-u) –, uniformizadas, a partir do português médio, em *-ão* [ãw] – aparecem no Kriol confundidas, ou unificadas, em *-on*, como em *pon* ‘pão’ e *son* ‘som’.

É, de facto, o que acontece nos dados de falantes adultos. Além de palavra *son* [sõŋ] ‘som’, na qual ocorre a vogal nasal /õ/ do PEC, podemos observar, perfeitamente, a realização do [ãw] como [on] em 100% dos casos ocorridos nos dados dos oito (8) adultos entrevistados, sem distinção de género e com = / > 56 anos de idade, nomeadamente nas palavras (total de ocorrências)

mon [mõŋ] ‘mão’; *kriston* [kris’tõŋ] ‘cristão’; *tchon* [tʃõŋ] ‘chão’; *rejon* [rɛʒi’õŋ] ‘região’; *ambison* [ãbi’sõŋ] ‘ambiçãõ’; *bidon* [bidõŋ] ‘bidãõ’; *n ton* [ŋ’tõŋ] ‘entãõ’; *kurason* [kura’sõŋ] ‘coraçãõ’; *kiriason* [kiria’sõŋ] ‘criaçãõ’; *patron* [pa’trõŋ] ‘patrãõ’; *ermon* [ɛr’mõŋ] ‘irmãõ’; *kalson* [kal’sõŋ] ‘calçãõ’; *konstruson* [kostru’sõŋ] ‘construçãõ’;

kamaron [kama'rõŋ] 'camarão'; *evuluson* [ɛvulu'sõŋ] 'evolução'; *avion* [avi'õŋ] 'avião'; *porfison* [pɔrfi'sõŋ] 'profissão'; *amistrason* / *mistrason* [a / mistras'sõŋ] 'administração'; *televison* [tɛlɛvi'sõŋ] 'televisão'; *libertason* [libɛrtas'sõŋ] 'libertação'; *edukason* [ɛduka'sõŋ] 'educação'.

No entanto, quando olhamos para os dados dos dois outros grupos de falantes – do ensino secundário e universitário – esse fenómeno ganha outros contornos. Três (, 2 homens, 1 mulher) dos dez falantes universitários apresentaram alguma variação: um (27 anos) realizou o ditongo [ãw] em apenas apenas três palavras – *iniasau* 'iniciação', *razau* 'razão', *kolonizausau* 'colonização', num total de 10 palavras com esse ditongo; os dois outros faltantes (22 anos, mulher; 29 anos, homem) realizaram-no em apenas uma palavra cada, <orasau> 'oração', *edukasau* 'educação', num total de duas (2) e 14 palavras, sendo estatisticamente casos irrelevantes. Nas restantes, tal como os outros oito estudantes, esse ditongo realizou-se como [on], em palavras como

afirmason, siparason, atenson, relason, traduson, kolonizason, relason, adimirason, relason, pupulason, relason, atenson, kamaron, kamaron, tchon, edukason, union, televizon, okupason, koltchon, sekson, ladron, fugon, mon...

Quanto aos estudantes do secundário, dos dez (10) estudantes, apenas em três – (1 falante nativo de fula, homem, 17 anos; dois do Kriol: homem, 22; mulher 21 anos) – essa inovação é completa, nas palavras (total de ocorrência) como *bon, evoluson, fugon; opson, relason, informason, ermon, kiston; tchon, kamaron*, respetivamente. Os restantes 7 estudantes do secundário, alternam entre [on] e [ãw], mas nunca nas mesmas palavras. Dado que, a título de exemplo, palavras como *entau / n tau* 'então', *tau* 'tão', *propursau* 'proporção', *edukasau* 'educação', *nau* 'não', *revisau* 'revisão', *jerasau* 'geração', *junsau* 'junção', foram realizadas sempre com [ãw] e *tchon* 'chão', *kamaron* 'camarão', *xpreson* 'expressão', *evuluson* 'evolução', *konstruson* 'construção', *ligason* 'ligação' realizaram-se com [on], conclui-se que não há um contexto fonético-fonológico relevante para essa variação. Na tabela em baixo resume-se apenas os dados dos estudantes do secundário, os que mais variações apresentam.

Tabela 9: Variação do ditongo [ãw] do PEC em Kriol em estudantes do ensino secundário⁴¹

⁴¹ Nesta e nas tabelas que se apresentam nesta parte do trabalho, o "ID" corresponde ao número identificativo dos falantes apresentado na metodologia (secção 2.2.), "absoluto" ('abs.')

ID	relativo	absoluto	N
1	66,67%	2	3
2	100,00%	3	3
3	85,71%	6	7
4	100,00%	6	6
5	22,22%	2	9
6	46,67%	14	30
7	50,00%	2	4
8	20,00%	9	45
9	25,00%	6	24
10	100,00%	2	2
Média total	39%		

O que esses dados nos sugerem é que a substituição do ditongo /ãõ/] do PEC para /on/ no Kriol, que nos falantes mais velhos (= / > 56 anos) se consumou e, nos jovens universitários (22 – 30 anos) está praticamente consumada, está longe de se consumir nos falantes mais jovens (17–22 anos). Em certas palavras portuguesas, estes falantes realizam-no como [ãw] e, em outras, como [on], sendo o [ãw] aquele que, proporcionalmente, regista o maior número de ocorrências. Observe-se, no entanto, que nesse mesmo grupo, os valores variam muito: as falantes 1 e 3 (ambas falantes nativas do Kriol, 18 e 20 anos) apresentam uma inovação de [ãw] > [on] de 66,67% e 85,71%; os falantes 6 (mulher, falante nativa do fula e Kriol) e 7 (homem, falante nativo do Kriol), apresentam essa inovação em 46,67% e 50% , respetivamente, e os falantes 5, 8 e 9 (homens) apresentam a mesma inovação num valor não superior a 25%. Pode presumir-se com isso que falantes homens são, relativamente, os menos inovadores nesse grupo de falantes, i.e., são aqueles que mais tendem a distinguir o [ãw] do [on].

Em suma, pode dizer-se que há uma mudança em curso em direção ao português (uma média de 61% de realização de /ãõ/), devido seguramente ao seu privilégio, sendo em geral mais sensíveis a esta mudança os falantes mais jovens de ambos os géneros (mais nos homens do que nas mulheres). A língua materna, nos três grupos de falantes, só pode ter alguma influência se aplicada à aquisição do Kriol enquanto L1, L2 ou L3: nos falantes mais velhos, que o adquiriram na sua maioria como L2, a mudança está, como dissemos, consumada, [ãw] > [on].

refere-se ao número de palavras em que o falante apresenta inovações sendo “relativo” o número da respetiva percentagem e “N” o número total de instâncias em que é esperada uma inovação.

3.5.2. Consoantes

Quanto ao consonantismo, como vimos, as discordâncias residem particularmente nos segmentos fricativos (/v/, /z/, /ʃ/, /ʒ/, /ʎ/). Uma boa parte dos investigadores defende a sua inexistência no Kriol, salvo em “raros casos de empréstimos recentes” do PEC, coexistindo, nestes casos, com os fonemas /b/, /s/, /tʃ/, /dʒ/ e /ʎ/ respetivamente. Os dados, no entanto, contrariam de alguma forma essa teorização. Observem-se as seguintes tabelas, que resumem o número relativo e absoluto e o total de ocorrências (N) de casos em que o /v/ > /b/, /z/ > /s/, /ʒ/ > /tʃ/, /ʃ/ > /tʃ/ e /ʎ/ > /dʒ/, e a média ponderada de conservação de cada fonema.

Tabela 10: Frequência das consoantes /v/, /z/, /ʒ/, /ʃ/ e /ʎ/ em Kriol em estudantes do ensino secundário

ID	/v/ > /b/			/z/ > /s/			/ʒ/ > /dʒ/			/ʃ/ > /tʃ/			/ʎ/ > /dʒ/		
	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N
1	54,55%	24	44	47,37%	9	19	69,23%	9	13	75,00%	12	16	80,95%	17	21
2	34,48%	20	58	32,35%	11	34	85,71%	12	14	82,61%	19	23	94,29%	33	35
3	60,00%	27	45	31,03%	9	29	72,22%	13	18	75,00%	12	16	94,12%	16	17
4	56,52%	26	46	48,21%	27	56	67,86%	19	28	92,59%	25	27	100,00%	32	32
5	58,33%	14	24	34,21%	13	38	85,71%	12	14	53,33%	8	15	100,00%	8	8
6	37,60%	47	125	22,45%	22	98	85,29%	29	34	91,18%	31	34	90,70%	39	43
7	54,55%	24	44	50,00%	19	38	72,22%	13	18	86,67%	13	15	100,00%	15	15
8	46,90%	53	113	30,94%	43	139	76,09%	35	46	78,38%	58	74	93,65%	59	63
9	31,15%	19	61	22,45%	11	49	72,73%	24	33	76,47%	13	17	88,00%	22	25
10	53,85%	21	39	60,00%	12	20	83,33%	10	12	88,24%	15	17	100,00%	25	25
Média total	46%			34%			77%			81%			94%		

Tabela 11: Frequência das consoantes /v/, /z/, /ʒ/, /ʃ/ e /ʎ/ em Kriol em estudantes universitários

ID	/v/ > /b/			/z/ > /s/			/ʒ/ > /dʒ/			/ʃ/ > /tʃ/			/ʎ/ > /dʒ/		
	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N
11	39,66%	23	58	20,00%	16	80	78,26%	36	46	77,78%	14	18	91,67%	22	24
12	50,00%	15	30	18,92%	7	37	93,33%	28	30	96,00%	24	25	93,55%	29	31
13	70,00%	21	30	53,85%	14	26	92,00%	23	25	88,24%	15	17	100,00%	34	34
14	36,21%	21	58	38,33%	23	60	76,00%	19	25	73,91%	17	23	96,43%	27	28
15	64,29%	54	84	59,30%	51	86	77,78%	28	36	94,12%	48	51	100,00%	45	45
16	59,57%	28	47	30,56%	11	36	96,77%	30	31	74,29%	26	35	100,00%	13	13
17	41,07%	23	56	21,88%	7	32	77,78%	28	36	68,18%	15	22	82,50%	33	40
18	56,52%	39	69	51,52%	17	33	85,00%	34	40	91,67%	33	36	97,06%	33	34
19	58,14%	25	43	53,85%	7	13	83,33%	15	18	81,25%	13	16	93,33%	14	15
20	52,63%	30	57	51,72%	30	58	93,75%	15	16	100,00%	14	14	100,00%	36	36

Média total	52%	40%	84%	85%	95%
-------------	-----	-----	-----	-----	-----

Tabela 12: Frequência das consoantes /v/, /z/, /ʒ/, /ʃ/ e /ʎ/ em Kriol em adultos

ID	/v/ > /b/			/z/ > /s/			/ʒ/ > /dʒ/			/ʃ/ > /tʃ/			/ʎ/ > /dʒ/		
	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N
21	90,83%	109	120	100,00%	52	52	92,98%	53	57	100,00%	10	10	100,00%	65	65
22	100,00%	64	64	100,00%	105	105	100,00%	15	15	100,00%	66	66	100,00%	20	20
23	71,70%	38	53	69,81%	37	53	82,86%	29	35	73,33%	22	30	100,00%	26	26
24	92,45%	49	53	100,00%	17	17	97,37%	37	38	100,00%	11	11	100,00%	27	27
25	89,29%	25	28	100,00%	13	13	100,00%	7	7	100,00%	7	7	100,00%	23	23
26	81,48%	44	54	58,33%	28	48	90,63%	29	32	74,19%	23	31	100,00%	29	29
27	87,10%	27	31	76,47%	26	34	100,00%	10	10	100,00%	10	10	100,00%	63	63
28	88,89%	8	9	90,00%	9	10	100,00%	2	2	94,12%	16	17	100,00%	15	15
Média total	88%			86%			93%			91%			100%		

As tabelas (10) a (12) mostram-nos que, com a exceção da uma falante (mulher, + 80 anos, ID 22), em que a substituição dos fonemas /v/, /z/, /ʃ/, /ʒ/ e /ʎ/ por /b/, /s/, /tʃ/, /dʒ/ e /dʒ/, respetivamente, é totalmente consumada, nos restantes 27 falantes – do ensino secundário, universitário e adultos (+ 56 anos, alfabetizados ou não) – esta substituição é incompleta, quer porque, em alguns casos, usam indistintamente os dois segmentos, quer porque, em casos onde se esperaria a substituição, tal facto não se verifica. Podemos, em termos gerais, concluir que

a) as consoantes /v/ e /z/ são as que menos transformação sofreram, particularmente em falantes jovens escolarizados (46% e 34%, nos do secundário, e 52% e 40% nos universitários, respetivamente), não se opondo /z/ ao /s/ em maioria dos casos (no entanto, palavras como *utiliza*, *apezar*, *kaza* ‘casa / casar’, *kuza* ‘coisa’... são mais frequentemente realizadas com /z/ do que com /s/);

b) o fonema /ʎ/ é aquele que menos vezes aparece nos três grupos de falantes, sendo substituído por /dʒ/ em 94% (secundário), 95% (universitários) e 100% (adultos) dos casos. Em falantes mais velhos, encontramos 3 palavras – *bileti* ou *bilgueti* ‘bilhete’, *konseliu* ‘conselho’ e *grelia* ‘grelha’ – em que, perçetivamente, parece haver uma substituição desse fonema por /l/. Nos do ensino secundário e universitário, que recorrentemente utilizaram as palavras *olhos*, *olhar*, *semelhança.nte*, *partilha*, *repolho*, *velho*, *milho*, *espelho.ar*, *conselho*, *velho*, *ilha*, embora não tenha sido feita

uma análise acústica, mais facilmente se ouve um /λ/ (com um /i/ epentética) do que um /l/. São empréstimos recentes e a maioria deles tem o seu cognato em Kriol: *olho* > *udju*; *semelhança* < *parsi*; *repolho* < *repudju* (em desuso); *velho* > *bedju*; *espelho* > *spidju*; *conselho* > *konsidju*; *ilha* > *dju*; o que evidencia a preferência dos jovens, nestes casos, pelas formas do PEC;

c) as poucas formas em o que /ʃ/ e /ʒ/ não são substituídos respetivamente por /tʃ/ e /dʒ/ são, na sua maioria, empréstimos recentes, igualmente mais frequentes em falantes mais jovens: *acha.da*, *guarda-chuva*, *chuva*, *chocolate*, *chepeu* (=chapéu), *chodi*⁴², *chave*, *chapa*, *Cacheu*; *joven*, *juventudi*, *jaru*, *ajuda*, *konjuntu*, *jornal*, *jeitu*, *ja*, *junsau*, *Juka* (nome), *junhu*. Alguns destes empréstimos têm formas correspondentes em Kriol com /tʃ/ e /dʒ/: *guarda-tchuba*, *tchabi*, *Katcheu*, *djoben*, *djaru*, *djornal*, *djitu*, *dja*, *djunta*, *djunhu*. Em *Juka* e *chepeu* a substituição do /ʒ/ por /dʒ/ é, no mínimo, estranha senão agramatical, tal como o é a substituição de /ʃ/ por /tʃ/ em <cha>; *Chapa* ‘uma localização em Bissau’ e *tchapa* ‘apanhar (bola)’ opõem-se.

d) Contudo, em palavras como *zinku*, *beju*, *azeti*, que são de certa forma recorrentes, a substituição é igualmente impossível, podendo constituir-se os seguintes pares mínimos/análogos: *zinku* ‘zinco’ /*sinku* ‘cinco’, *beju* ‘beijo’ /*bedju* ‘velho’, *azeti* ‘azeite’ /*siti* ‘olho de palma’, *zona*⁴³ / *Sonia* (nome). Palavras como *igreja*, *serveja* ‘cerveja’, *inveja*, embora sejam claramente empréstimos recentes, já fazem parte do vocabulário do Kriol; os segmentos [ʒ] e [dʒ] não são comutáveis em nenhuma delas: são agramaticais as formas **igedja*, **servedja*, **invedja*.

e) Quanto ao /v/, em dados dos falantes do ensino secundário e universitário, p.e., observamos que 1) há palavras em que o /v/ é sempre realizado como /b/ (25); 2) há palavras em que o /v/ se realiza sempre como /v/ (26); e, por fim, 3) há outras palavras em que esses dois fonemas alternam, sendo ditas ora com [v] ora com [b] (27)

⁴² Nome utilizado por jovens para se referir a uma rapariga.

⁴³ Além do significado que essa palavras tem português, em Bissau, há bairros com nomes de *Zona 7* e *Zona 8*.

(25) *dibi* ‘deve’, *bin* ‘vem’, *noba* ‘nova (=novidade)’, *bardadi* ‘verdade’, *leba* ‘levar’, *tchuba* ‘chuva’, *tchubi* ‘chove’, *bai* ‘vai’, *sirbi* ‘servir’, *burmedju* ‘vermelho’, *bindi.du* ‘vende.ido’, *firbi* ‘fervir’, *obi* ‘ouvir’, *laba* ‘lavar’, *bua* ‘voar’, *kombersa* ‘conversa’;

(26) *joven*, *nuvela atrivimentu*, *palavra*, *juventudi*, *ivului.du*, *dividi*, *vivi*, *vezis*, *vinti*, *avu*, *universidadi*, *verdaderu*, *fevreru*, *governu*, *universal*, *konserva*, *tevi*, *erva*, *dividi.du*, *reprodutiva*, *verifika.du*, *provoka*, *videus*, *televison*, *volta*, *aproveita*, *avansa*, *verbu*, *intrevixta*, *pusivel.adu*, *nivel*, *salva*, *valoriza*, *talvez*, *revizau*, *xkrivi*, *revi*, *inovasau*, *povu*, *tentativa*, *vira*, *invex*, *inventu.du*, *virajen*, *velusidadi*, *motivuu*, *verdi*, *avansadu*, *eventu*, *porta-chavi*, *komprova*, *stavel*, *disvia*, *gaveta*, *ver*, *favorita*, *kovid*, *koronavirus*, *dizenvolvi.du*, *vaziu*, *luvax*, *duvida*, *autoavalia*, *elevadu*, *verifika*, *suavi*, *aprova*, *n krava.du*, *diverti*, *variu*, *vizinha*,

(27) *balur* (*valor*), *vex* (*bias*), *bentu* (*ventu*), *guarda-tchuba* (*-chuva*), *livru* (*libru*), *bida* (*vida*), *nobu* (*novu*), *levi* (*lebi*), *bali* (*vali*), *pobu* (*povu*), *tchabi* (*chavi*), *baka* (*vaka*), *bedju* (*veliu*)

opondo-se o /v/ ao /b/, p.e., em /vivi/ ‘viver’ - /bibi/ ‘beber’: se em palavras como /vida/ o [v] pode ser realizado quer como [b] quer como [v] – [bida] ~ [vida] –, a troca de um pelo outro em /vivi/ ou /bibi/ resulta na mudança de significado de palavra (*viver*, *beber*) ou na sua agramaticalidade, *bivi, *vibi.

Em suma, considerando as conclusões ora apresentadas, pode dizer-se que na maioria dos casos, no início da palavra ou no meio, sempre em ataque, [ʒ] é alofone do [dʒ]; mas isso só acontece em palavras que entraram na língua na sua fase de formação (hoje, as formas [dʒoben] ~ [joven], [dʒubentudi] ~ [juventudi] coabitam: os falantes mais velhos, geralmente não escolarizados, usam recorrentemente /dʒ/, ao passo que os mais jovens e escolarizados usam preferencialmente o /ʒ/). O mesmo se passa com /j/: *tchiga* > chegar, *tchoma* > chamar, *tchur* > choro... na sua passagem para o Kriol, esse fonema foi substituído por /tʃ/. No entanto, em nomes como <chuva> e <guarda-chuva>, há variação: os falantes mais velhos dizem sempre <tchuba> e <guarda-tchuba>, ao passo que os mais jovens realizam as duas formas, com

predominância desta última. Em todos os casos discutidos nesta subsecção, o fator género é irrelevante.

O que com isso queremos dizer é que, contrariamente ao /ʌ/, os fonemas /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ – que são mais frequentes em falantes mais jovens e escolarizados – não podem ser explicados como manifestações fonéticas de /b/, /s/, /tʃ/ e /dʒ/ (formas mais antigas) apenas, como é amplamente defendido na literatura. A oposição entre esses fonemas parece ultrapassar a dicotomia *Kriol Fundu* vs. *Kriol Lebi*.

3.5.2.1. Casos particulares: uma variação por línguas étnico-maternas

Além dos casos discutidos na secção anterior, verificou-se certas realizações fonéticas que parecem ser idiossincráticas e, talvez, devidas às influências de suas línguas étnico-maternas. Trata-se da comutação – por alguns falantes adultos, não escolarizados ou com ens. básico, e universitários – da oclusiva /k/ por /g/; das fricativas /ʒ/ e /z/, vice-versa, e /ʃ/ por /s/⁴⁴, em ataque inicial ou medial da palavra e, no último caso, apenas em ataque inicial.

Os falantes ID 21 (fula, 63 anos e não escolarizado), ID 25 (mandinga, 58 anos, não escolarizada) e ID 28 (balanta, 58 anos, ens. básico) trocam /g/ pelo /k/, em *garandi* > *karandi*, *lingua* > *lingua*, *siringa* > *sirinka*, *gurupada* > *kurupada*. O mesmo se passa com o falante ID 20 (balanta, 27 anos), *bloku* > *blogu*. No caso da permuta do /ʒ/ e /z/, o falante adulto ID 21 realizou várias vezes palavras *joven*, *jelu* ‘gelo’, *parajen* ‘paragem’ e *loja* como *zoven*, *zelu*, *parazen* e *loza*, respetivamente; e <zona> como *jona*, tal como ID 23 (línguas materna: balanta, pepel e Kriol; 56 anos, ensino básico). Em falantes universitários, encontramos igualmente realizações em que esses fonemas são comutados, nomeadamente em *surzi* (ID 12, balanta, 29 anos), *zoven*, *zaneru*, *privileziadu*, *zerason*, *teknoloziku*, *mazina*, *prendizazen*, *imazen* (ID 20, balanta, 27 anos), para, respetivamente, <*surji*, *joven*, *janeru*, *privilejiadu*, *jerason*, *teknolojiku*, *imajina*, *aprendijajen* e *imajen*>.

Quanto à comutação do /ʃ/ e /s/ e do /s/ e /ʒ/, citem-se as palavras *n asa* ‘eu acho’, *viluxdadi* ‘velocidade’, *guarda suva* ‘guarda-chuva’, *dejmu* ‘décimo’, *lizeu* ‘liceu’ e *prozmu* ‘próximo’, ditas igualmente pelo falante universitário ID 20 (balanta, 27 anos),

⁴⁴ Não confundir com a palatalização, em que o /s/ fonológico se realiza como [ʃ] ou [ʒ].

e que seriam realizadas por outros falantes como *n axa*, *vilusidadi*, *guarda-tchuba/chuva*, *desimu*, *liseu* e *prosimu*.

O que destes exemplos podemos inferir é que esses falantes não distinguem claramente as oclusivas /k, g/⁴⁵, trocam frequentemente o /ʒ/ e /z/ e /ʃ/ por /s/. Note-se que a despalatalização e/ou ensurdecimento de /ʒ/ e /ʃ/, além da sua substituição pelas africadas /dʒ/ e /tʃ/, são um fenómeno bastante comum em Kriol; o que não é comum é a substituição dessas consoantes pela pré-dorso-alveolar sonora /z/, muito menos o é a substituição do /ʃ/ por /S/ em contextos de ataque silábico. Dado que têm em comum o facto de serem falantes nativos do fula e mandinga, por um lado, e do balanta, por outro, e que, com a exceção do falante ID 20, têm uma escolarização máxima correspondente ao ensino básico, podemos concluir que esses traços fonológicos sejam até certo ponto característicos de falantes guineenses cuja língua materna é fula e mandinga, e balanta, tendo adquirido o Kriol como L2 e numa fase adulta e crescido em espaços não urbanos (com a exceção do falante ID 23, que vive em Canchungo, Norte, os outros vivem em Bissau, sendo provenientes de diversas aldeias). O falante universitário ID 20, na entrevista, esclarece que

Ami, un zovem ku sai di tabanka pa bin studa pali, eh n tene difikuldadi na perkursu estudiantil, di faktu. N tchiga pali, kriol k n ta papia i muito, e ta djubil tipu kriol, n ka obi kriol, ne. Sugundu ke ta fala, n ka obi kriol. Pabia di ke? Pabia di nha kriol materna, purki kriol sedu nha lingua segunda | 'eu sou um jovem que veio de aldeia, aldeia, para estudar aqui [em Bissau], eh tenho dificuldades no meu percurso estudiantil, de facto. [Quando] cheguei aqui, o kriol que eu falava era muito, viam-me como quem não sabia falar crioulo, não é. Diziam que não sabia falar kriol. Porquê? Porque o kriol é a minha segunda língua.

Em suma, os breves elementos aqui apresentados podem ser indícios da existência de, mais do que regional, uma variação linguística do Kriol devida às línguas étnico-maternas, constituindo as línguas fula e mandinga um grupo específico tal como o balanta (ressalte-se, no entanto, que a variação por idade – i.e., *Kriol Fundu* vs. *Kriol Lebi* – seria a mais notável). No primeiro grupo, as peculiaridades seriam mais nítidas em falantes adultos sem escolaridade ou com uma escolaridade mínima.

⁴⁵ Segundo Intumbo (2007: 6), em Balanta, [k] e [g] são alofones do mesmo fonema.

3.5.3. Processos fonológicos⁴⁶

A despalatalização e a monotongação merecerão uma especial atenção entre os processos fonológicos analisados nesta secção por serem aqueles em que há mais divergências entre os falantes mais jovens e os mais velhos. Por isso, os processos de adição e de apagamento segmental serão todos tratados sumariamente numa única subsecção.

3.5.3.1. Adição e apagamento segmental

Em geral, a adição do segmento semivocálico [j] no início de palavra é comum a todos os falantes, é pouco produtiva e afeta particularmente palavras iniciadas com a vogal /a/ (**prótese**). Nos adultos e estudantes universitários, está consumada; e em falantes do secundário também, com exceção de uma (ID 3), que utilizou a forma portuguesa *anda*, em vez de *ianda*. A mesma observação se pode fazer sobre a inserção de uma vogal para desfazer grupos consonânticos *pr*, *br*, *tr*, *dr*, *gr*, *kr* e *fr* (**epêntese**): boa parte de palavras portuguesas com esse grupo consonântico entraram para o Kriol com uma vogal epentética, sendo o grupo *gr* (*grasa* > *garasa*, *grande* > *garandi*) o mais transformado. Há, porém, vários casos em que, quer no início quer no meio dessa palavra, esses grupos consonânticos frequentemente não são desfeitos: *pratu*, *kumpra*, *propi*, *iabri*, *febri*, *tris*, *kuadru*, *dentru*, *kriol*, *fraku*, *sufri*, etc.⁴⁷

A supressão da vogal (/e/ ou a nasal /ẽ/) ou da sílaba (formada geralmente pela vogal <a> ou <e> + [j]) no início de palavra (**aférese**) é comum e completa em todos os falantes. Citem-se, entre dezenas de outras, palavras como *inda* < ainda, *korda* < acordar, *djuda* < ajudar, *kila* < aquela.e, *kaba* < acabar, *seta* < aceitar, *panha* < apanhar, *n tindi* < entender, *n ton* < então, *m barka* < embarcar, *pera* < esperar, *panta* < espantar como exemplos desse fenómeno. A supressão de segmentos no interior de palavras

⁴⁶ Um outro processo fonológico brevemente referido por Opazo (1990) é a nasalização das vogais em sílaba inicial da palavra, como em *mindjer* < mulher, *mindjor* < melhor, *mandurgada* < madrugada. Além destas, encontramos outras palavras nos dados em que tal ocorre, nomeadamente em *kunha* < cozinhar, *kunsi* < conhecer, *lanta* < levantar, *mansi* < amanhecer, *kunsa* < começar, *punta* < perguntar, o que nos permite concluir que esse processo, pouco produtivo, resulta, em termos gerais, da síncope de alguns segmentos dessas mesmas palavras colocando a vogal inicial em contacto com uma consoante nasal, que, com efeito, assimila o mesmo traço.

⁴⁷ Note-se que os falantes adultos do grupo étnico-linguístico fula e mandinga – Leste do país – são, entre os entrevistados, aqueles em que a epêntese é mais produtiva, até mesmo nos casos ora referidos como algumas exceções gerais. Podemos, embora seja reduzida a quantidade de dados, apontar isso como um indicador de variação regional com base na língua materna-étnica, facto que só um trabalho futuro poderá confirmar.

(**síncope**) – que, como vimos em 3. 4. 2.1., acontece particularmente em três contextos: apagam-se a vogais pretónicas [e] [i] ou [u] em contacto como as róticas [r] e [R]; a sílaba precedida pelo sufixo <ecer> ou alguns fonemas antes em contacto com consoantes nasais; e vogais não tónicas seguidas da consoante lateral [l] – só é total em falantes adultos (*tempratura* < temperatura, *kunsa* < começar, *punta* < perguntar, *parsi* < parecer, *kunsi* < conhecer, *lanta* < levantar, *vinsinku* < vinte e cinco, *kolsensa* < com licença...). Nos dados de falantes jovens (do ensino secundário e universitário), embora haja a supressão de segmentos nos mesmos contextos (como em *mansi* < amanhecer, *falsi* < falecer, *sugra* < segurar, *pursor* < professor, *flanu* < fulano.a, ...), encontramos algumas palavras em que tal não acontece, nomeadamente <parsi>, <parsidu>, <kuzinha>, <bulanha>, <profesor> e <simbulu>, em vez das formas *parsi*, *parsidu*, *kunha*, *blanha*, *pursor*, *simblu*, respetivamente.

Quanto à **apócope**, o caso em que está praticamente consumada nos três grupos é o de sílaba ou consoante final (geralmente /m/ e /s/), sendo exemplos disso os vocábulos como (*n*)es < (n)este, *tan* ou *tambi* (ou ainda *tambe*⁴⁸, jovens), *atrave* < através, *anti* < antis. Porém, a apócope do [u] final apresenta uma pequena irregularidade nos três grupos. Em todos esses grupos, a palavra *utru* (ou *uturu* em adultos) < outro foi utilizada sempre com o <u> final; em falantes do ensino secundário <kriol> foi realizada, duas vezes, como *krioulu*⁴⁹, mantendo-se não apenas o <u> mas também o ditongo /ou/; o mesmo se verificou em *dinheru* < dinheiro em universitários; e, em adultos, *purmeru* < primeiro. O que parece é que as palavras *utru*, *dinheru* e *purmeru*, se antigamente não se realizavam com /u/ final, sincronicamente ganharam-no em praticamente falantes de todas as faixas etárias, tendo como efeito lexical a sua ressilabação — [...] + ru.

3.5.3.2. Despalatalização

A partir dos dados em análise, distinguem-se três contextos fonético-fonológicos que, em Kriol, favorecem a despalatalização, ensurdecimento ou apagamento das consoantes palatais do PEC: a) /s/ fonológico, que, em coda silábica,

⁴⁸ Foi encontrada, igualmente, a forma <tamben>; e, para ‘palácio’, <palasu> .

⁴⁹ A forma feminina <kriola>, referindo-se à língua, também foi encontrada duas vezes, o que pode ser um indicador da diferenciação do género em falantes mais jovens.

se palataliza em [ʃ] e [ʒ] no PEC, em Kriol despalatalizou-se, realizando-se como /s/, (du[s] < doi[ʃ], pi[s]ka < pe[ʃ]car); b) em ataque silábico, mas nunca no início da palavra, o /ʃ/ e /ʒ/ ensurdece, realizando-se igualmente como /s/ (di[s]a < deixar; ao[s] < hoje, ri[s]u < ri[ʒ]o) – ensurdecimento; e, finalmente, c) além de poder ensurdecer, [ʒ] pode ser igualmente apagado em coda silábica (meømu < mesmo; deødi < de[ʃ]de). Porém, esses processos não são uniformes, apresentam um considerável grau de variação de acordo com os falantes. Nas tabelas seguintes, a despalatalização e o ensurdecimento do /s/ são agrupados em uma única coluna, dado que, no Kriol, convergem em um único fonema, /s/.

Tabela 13: Despalatalização, ensurdecimento e apagamento das palatais do PEC no Kriol em falantes do ensino secundário

ID	despalatalização, ensurdecimento, apagamento								
	/ʒ/ para /s/			/ʒ/ para ø			/ʃ/ para /s/		
	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N
1	16,67%	1	6	100,00%	1	1	58,62%	51	87
2	46,15%	6	13	0,00%	0	2	79,81%	83	104
3	100,00%	2	2	0,00%	0	3	50,53%	48	95
4	75,00%	6	8	25,00%	2	8	58,16%	57	98
5	100,00%	2	2	20,00%	1	5	43,86%	25	57
6	18,52%	5	27	0,00%	0	11	43,69%	97	222
7	33,33%	2	6	100,00%	2	2	71,19%	42	59
8	5,56%	1	18	100,00%	2	2	62,43%	113	181
9	17,65%	3	17	55,56%	5	9	63,96%	71	111
10	100,00%	4	4	0,00%	0	0	41,67%	20	48
Média total	31%			30%			57%		

Tabela 14: Despalatalização, ensurdecimento e apagamento das palatais do PEC no Kriol em jovens universitários

ID	despalatalização, ensurdecimento, apagamento								
	/ʒ/ para /s/			/ʒ/ para ø			/ʃ/ para /s/		
	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N
11	31,43%	11	35	100,00%	4	4	59,48%	69	116
12	14,29%	1	7	0,00%	0	5	64,71%	55	85
13	50,00%	4	8	33,33%	1	3	65,15%	43	66
14	61,11%	11	18	0,00%	0	0	82,88%	92	111
15	50,00%	6	12	0,00%	0	1	66,41%	87	131
16	100,00%	1	1	50,00%	1	2	62,96%	51	81
17	68,18%	15	22	100,00%	6	6	65,35%	66	101
18	22,22%	2	9	12,50%	1	8	64,04%	57	89

19	50,00%	1	2	18,18%	2	11	66,20%	47	71
20	81,82%	9	11	20,00%	2	10	36,89%	45	122
Média total	49%			34%			63%		

Tabela 15: Despalatalização, ensurdecimento e apagamento das palatais do PEC no Kriol em adultos

ID	despalatalização, ensurdecimento, apagamento								
	/ʒ/ para /s/			/ʒ/ para ∅			/ʃ/ para /s/		
	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N	rel.	abs.	N
21	100,00%	9	9	100,00%	9	9	100,00%	120	120
22	100,00%	1	1	100,00%	1	1	100,00%	66	66
23	50,00%	8	16	0,00%	0	0	89,01%	81	91
24	100,00%	1	1	100,00%	3	3	100,00%	62	62
25	0,00%	0	0	100,00%	1	1	100,00%	43	43
26	16,67%	1	6	0,00%	0	0	79,79%	75	94
27	100,00%	3	3	100,00%	4	4	63,27%	31	49
28	0%	0	0	100%	2	2	94%	17	18
Média total	64%			100%			91%		

Como os resultados demonstram, observou-se que

a) em contexto da coda silábica, o /s/ fonológico que, no PEC, se realiza como [ʒ] antes de uma consoante sonora, apaga-se completamente no Kriol nos falantes adultos; em falantes jovens, há uma tendência maior de conservação da realização fonética do PEC (nos do ensino secundário, a percentagem média é de 70% contra os 66% dos universitários); palavras *‘mɛʒmu* e *‘dɛʒdi*, que passaram para *mɛmu* e *‘dɛdi*, são os únicos exemplos dessa conservação que foram encontradas nos dados, além de *‘diʒna* ou *dina* ‘há muito (tempo)’, que não é originária do português;

b) o ensurdecimento de /ʒ/ em ataque silábico (nunca no início da palavra) não é total nos três grupos, é muito mais relevante em adultos (64%). As palavras *imajen* ‘imagem’ (ID 23); *rajixta* ‘registar’, *viaja*, *fujj* ‘fugir’ (ID 26) e as suas variações são as únicas em que /ʒ/ do PEC se conservou nos falantes adultos (no Kriol Fundu, <fujj> e <viaja> realizam-se como *fusi* e *[bai] bias*, sendo as duas primeiras palavras – *imajen* e *rajixta* – prováveis empréstimos recentes ao português que mantiveram as palatais originais do mesmo); em falantes jovens de ambos grupos, encontram-se palavras como *imajen*, *telejornal*, *surji* ‘surgir’, *rejion* ‘região’, *kolegajen* ‘camaradagem’,

orijen ‘origem’, *fijon* ou *feijau* ‘feijão’, *prejudika* ‘prejudicar’, *mensajen* ‘mensagem’, *virajen* ‘viragem’, *linguajen*, *igreja*, *proteji*, *lojika*, *dirijetni*, *orijinal*, *psikolojiku*, *kuriji*, *korajozu*, *intelijenti*, *imajina*, etc. As únicas palavras em que, nos três grupos, o /ʒ/ ensurdeceu são: *aos* < hoje e *risu* < rijo;

c) a despalatalização na coda do /s/ fonológico do PEC e o ensurdecimento da palatal /ʃ/ (isto é, [ʃ] ou /ʃ/ é igual a /s/) estão quase consumados em adultos. Nos três adultos em que tal não acontece, o /s/ ocorre quase sempre antes de /p/, /t/ e /k/, como em [ʃpuma], [ʃkɔla], [ʃta], [raʒiʃta] e [sɛʃta]. Nos dois outros grupos, a situação é muito diferente: a despalatalização na coda do /s/ acontece entre 57% a 63% (particularmente no fim de palavra, como em *sapatu[s]*), havendo nos restantes casos a palatalização dessa consoante, tal como no PEC.

d) a despalatalização, o ensurdecimento e o apagamento das palatais do PEC em Kriol são, portanto, mais expressivos em falantes adultos. Falantes mais jovens e mais escolarizados, sem distinção de género, são mais propensos a conservação desses fonemas. Tal como referimos em 3.5.3., e tomando em conta os exemplos apresentados nas alíneas b) e c) desta secção, a palatal /ʒ/, à semelhança das outras fricativas, não pode ser explicada como realização fonética africada /dʒ/, nomeadamente nas palavras mais recentes que, de certa forma, fazem parte do vocabulário ativo dos jovens, mas também dos adultos.

3.5.3.3. Monotongação

A monotongação dos ditongos /ei/ (em /e/ ou /i/), /oi/ (em /u/) e /ou/ (em /u/ ou /o/) é, ao contrário da maioria dos processos aqui discutidos, (praticamente) completa em todos os três grupos de falantes, com a exceção do ditongo /ei/, em casos em que monotonga em /e/, e /ou/, em casos em que monotonga em /u/. Embora seja estatisticamente irrelevante, observou-se em dados de dois adultos a realização do /ei/ em apenas uma única palavra, *azeiti*, uma vez nos do falante ID 23 e seis vezes nos do falante 26.

Observou-se igualmente a realização do ditongo /ei/ em dados de cinco dos dez estudantes universitários (ID 11, 14 a 16, 18), em palavras como *efeitos* (ID 11), *lei* /*leil* ‘ler / lê-lo’ (ID 14), *dreitu* ‘direito (nome)’, *lei* /*leil* ‘ler / lê-lo’ (ID 15), *lei*, *leitura* (ID 16) e

rexpeitu ‘respeito’ (ID 17) e *lei* (ID 18). Com a exceção de *rispitu*, em que /s/ fonológico pode ou não ser despalatalizado, todas essas palavras parecem ter entrado com o ditongo /ei/ no Kriol e, por isso, seriam facilmente ditas por qualquer falante. Quanto aos estudantes do ensino secundário, sete (7) (ID 1, 3, 4, 6-9) dos dez apresentam uma monotongação incompleta do /ei/ em /e/ e apenas um (ID 4) apresenta a mesma situação em relação ao /ou/ > /u/. As exceções recaem sobre as palavras *kadeira*⁵⁰ (ID 1), *beira* e *aproveita* (ID 3), *reia* ‘areia’, *aldeia*, *direitu*, *jeitu* e *doix* (ID 4), *lei* e *leitura* (ID 6), *mensajeiru* (ID 7), *primeiramenti*, *fevreiru* e *direitu* (ID 8) e *ideia*, *strajeiru*, *lei*, *troteiu*, *fevreiru* (ID 9). Com a exceção de *reia* e *ideia*, que entraram ditongadas no Kriol, todas as outras palavras têm os seus cognatos *kriolus* monotongados.

A manutenção desses ditongos nos casos ora referidos assemelha-se às situações analisadas nas subsecções anteriores: os falantes mais novos são os que mais utilizam alternadamente formas com ditongo e sem ditongo (a título de exemplo, a falante com ID 4 tem 17 anos e é a mais nova de todos os participantes), ao contrário dos mais velhos que utilizam quase sempre formas monotongadas. As palavras em (28) - (32) são alguns dos exemplos retirados dos dados analisados.

(28) /ei/ > /e/: madeira > *madera*; carteira > *kartera*; maneira > *manera*...

(29) /ei/ > /i/: leite > *liti*; deitar > *dita*; peixe > *pis*; deixar > *disa*....

(30) /oi/ > /u/: dois > *dus*; coisa > *kusa*; depois > *dipus*...

(31) /ou/ > /u/: pouco > *puku*; mouro > *murú*; outro > *utru*...

(32) /ou/ > /o/: ouvir > *obi*; roubar > *roba*; tesoura > *tizora*...

3.6. Sumário da variação sociolinguística do Kriol

A tabela seguinte apresenta a síntese da variação fonológica considerando aspetos sociolinguísticos como, p.e., a idade, escolaridade e língua étnica. (No código falante, <m> = mulher; <h> = homem). Assim, os falantes adultos (=/> 58 anos) apresentam mais inovações, por oposição aos mais jovens (do ensino secundário) que não atingem 80% de inovações típicas das formas das variantes do Kriol mais distantes do português, sendo ml3_58_mand_fundu_bas_dja (mulher, 58 anos, língua materna: mandinga; falante do Kriol como L3, ensino básico) a falantes mais inovadora de todos,

⁵⁰ A preferência pela forma ditongada, neste caso, deve explicar-se pelo facto de, no Kriol, a forma não monotongada dessa palavra – *kadera* – poder ser insultuosa.

com 95, 3% de inovações. Note-se ainda que, para o cálculo apresentado na tabela a seguir, foram consideradas 32 inovações (veja-se o apêndice 7) incluindo vogais, consoantes e processos fonológicos. Quanto mais elevado (verde) for o número de inovações, mais o falante se afasta do português – Kriol Fundu; e quanto menor for esse número (vermelho), mais se aproxima da língua lexicalizadora – Kriol Lebi.

Tabela 16: Sumário da variação sociolinguística do Kriol

Código Falante	Dados sociolinguísticos						Nº inovações	
	Aquisição de kriol	Idade	L1	Variante	Escolaridade	Proveniência	Abs.	Rel.
ml1_18_kr_lebi_sec_tom	L1	18	Kriol	lebi	secundário	Região de Tombali	24	75,0%
hl1_22_kr_lebi_sec_bs	L1	22	Kriol	lebi	secundário	Bissau	24	75,0%
ml1_20_kr_lebi_sec_bs	L1	20	Kriol	lebi	secundário	Bissau	23,5	73,4%
hl2_17_fula_lebi_i_sec_can	L2	17	Fula	lebi	secundário	Cansonco (Xitóle)	24,5	76,6%
ml1_19_sussu/kr_lebi_sec_cas	L1	19	Sussu / Kriol	lebi	secundário	Cassacá	24,5	76,6%
ml1_18_fula/kr_lebi_sec_bs	L1	19	Fula / Kriol	lebi	secundário	Bissau	22,5	70,3%
hl1_21_kr_lebi_sec_bs	L1	21	Kriol	lebi	secundário	Bissau	25,5	79,7%
hl1_19_kr_lebi_sec_bs	L1	20	Kriol	lebi	secundário	Bissau	23,5	73,4%
hl1_20_kr_lebi_sec_bs	L1	20	Kriol	lebi	secundário	Bissau	22,5	70,3%
ml1_21_kr_lebi_sec_cat	L1	21	Kriol	lebi	secundário	Catió	25,5	79,7%
hl2_30_bud_lebi_uni_bs	L2	30	Budjugu	lebi	universitário	Bissau	26	81,3%
ml2_29_bal_lebi_uni_in	L2	29	Balanta	lebi	universitário	Ingoré	26	81,3%
hl2_27_bia_lebi_uni_br	L2	27	Biafada	lebi	universitário	Brandão (Tite)	26,5	82,8%
ml2_28_man_lebi_uni_cac	L2	28	Mansoanka	lebi	universitário	Região de Cacheu	24,5	76,6%
hl2_29_ful_lebi_univ_sd	L2	29	Fulup	lebi	universitário	São Domingos	25	78,1%
ml2_man/kr_lebi_uni_dj	L2	26	Mandjaku / Kriol	lebi	universitário	Djeta	26,5	82,8%
hl2_fula/kr_lebi_uni_bs	L2	26	Fula / Kriol	lebi	universitário	Bissau	25,5	79,7%
ml1_25_kr_lebi_uni_dj	L1	25	Kriol	lebi	universitário	Djeta	24,5	76,6%
ml2_22_man_le	L2	22	Mandjaku /	lebi	universitário	Canchungo	24,5	76,6%

bi_uni_caxgo			Kriol					
hl2_27_bal_lebi_uni_ka	L2	27	Balanta	lebi	universitário	Kabuxanki (Bedanda)	27	84,4%
hl2_63_fula_fundune_ga	L2	63	Fula	fundu	não escolarizado	Gabú	29,5	92,2%
ml2_+80_mand_fundune_ga	L2	(+ 80)	Mandinga	fundu	não escolarizado	Nema (Bafatá)	30	93,8%
hl1_56_bal/pep/kr_fundubas_dj	L1	56	Balanta / Pepe / Kriol	fundu	básico	Djaal	25	78,1%
hl2_nss_pep_fundune_saf	L2	NA	Pepe	fundu	não escolarizado	Safim	29,5	92,2%
ml3_58_mand_fundubas_dja	L3	58	mandinga	fundu	básico	Djaima (Gabú)	30,5	95,3%
hl2_61_ful_fundubas_bul	L2	61	Fulup	fundu	básico	Bulol (Suzana)	25,5	79,7%
ml2_58_mank_fundubas_saf	L2	58	Mankanha	fundu	básico	Safim	28,5	89,1%
ml2_58_bal_fundubas_inc	L2	58	Balanta	fundu	básico	Incheia	28	87,5%

4. Considerações finais

A presente dissertação procurou como objetivo principal problematizar e analisar a variação sociolinguística de aspetos fonológicos do Kriol, considerando questões ligadas à relação entre as línguas existentes na Guiné-Bissau. Em termos específicos, procurou-se com base em diversos estudos e com dados sonoros recolhidos compreender se, à luz da literatura, muitos dos segmentos e processos fonológicos tidos como transformações/inoações consumadas no processo de formação do Kriol estão realmente consumadas em todos os falantes, independentemente de fatores sociolinguísticos como sobretudo a língua étnica-materna, a idade e o nível de escolaridade. Deste modo, esta secção apresenta, em síntese, as principais conclusões do estudo, apontando as limitações do mesmo e caminhos para uma investigação futura.

Justificados os motivos da nossa pesquisa, foi feito no primeiro capítulo um enquadramento geral sobre o contacto entre as línguas, nomeadamente entre as línguas europeias e, particularmente, entre o português e várias outras línguas africanas, americanas e asiáticas, o contacto a partir do qual se originaram diversos crioulos no mundo que, no caso do português, se chamam “Crioulos de Base Lexical Portuguesa” (CBLP), em virtude do português ser o seu provedor de léxico. A partir de trabalhos de Bickerton, (1984) e DeChamp (1971) (*apud* Couto, 1996), Bull (1989), Pereira (2006), entre outros, contextualizamos os processos de origem e formação dos crioulos, resumidos geralmente no contacto entre uma língua dominante e uma/várias línguas dominadas; passando, primeiro, pelo processo de pidginização e, mais tarde, por crioulição por meio de nativização (**ciclo vital pidgin-crioulo**, Bickerton, 1984).

No mesmo capítulo, revisitadas as hipóteses de origem e formação do Kriol (crioulo da Guiné-Bissau) na secção 1.1.3., contextualizamos o espaço geo-linguístico guineense (secções 1.2.1. e 1.2.2.), discutindo a relação existente entre os conceitos de etnia, identidade e língua na realidade guineense (secção, 1.2.3.) e, sobretudo, as relações entre as línguas na Guiné-Bissau: concluímos, em 1.2.4., tratar-se de um país com diglossia, em que o português, devido ao facto de ser a única língua oficial e de ensino, é a língua mais prestigiada, depois o Kriol (língua de unidade nacional) e, no fim

da pirâmide, as línguas africanas locais, pese embora o facto de serem línguas maternas e/ou étnicas de uma grande maioria da população guineense.

As observações feitas nas quatro últimas subsecções referidas levou-nos à análise e discussão dos resultados na secção 3. Primeiro, nas subsecções 3.1. a 3.4., reanalisámos divergências fonético-fonológicas entre o Kriol e o Português Europeu Contemporâneo (PEC) à luz dos estudos de Opazo (1991), Costa (2014) e Chapouto (2014), ao nível vocálico e consonântico, atentando igualmente para os processos fonológicos de apagamento, adição e de assimilação segmental. Assim, concluímos que

(I) Ao nível vocálico, diferentemente do PEC padrão, que possui sete vogais e quatro graus de abertura vocálica, o Kriol possui apenas cinco vogais e três graus de abertura. Vimos que as vogais médias do PEC (/e, ε/ e /o, ɔ/), no Kriol ou sobem para a posição alta transformando-se em /i/ ou /u/ (em alguns casos, baixam-se, transformado-se em /a/), i.e., ou ficam na posição intermediária do triângulo, convergindo em apenas duas vogais fonológicas, nomeadamente /ε/ e /ɔ/, com um grau de abertura intermédia e praticamente imperceptível – secção 3.2.2.

(II) As terminações nasais do português antigo – *-om*, *-am* e *-ão* (-ã, -õ, -ã-u) –, uniformizadas, a partir do português médio, em *-ão* [ãw] – aparecem no Kriol confundidas em *-on* – secção 3.2.3..

(III) Ao nível consonântico, é tradicionalmente consensual que o Kriol não possui as fricativas /v/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ e a lateral /λ/. Esses seriam encontrados apenas em empréstimos recentes do português e, em muitos casos, são comutáveis com /b/, /s/, /tʃ/ e /tʒ/, respetivamente. Além disso, no Kriol existem as consoantes africadas /tʃ/ e /tʒ/, ao contrário do PE padrão. Demonstramos ainda com exemplos que o fonema [ŋ], que muitas vezes comuta com [ɲ], existe no Kriol particularmente nas palavras de origem africana – secção 3.3..

(IV) Os processos fonológicos mais comuns no Kriol, decorridos da sua formação, são a prótese e epêntese (adição segmental), aférese, síncope e apócope (apagamento segmental) – secções 3.4.1. e 3.4.2.; a despalatalização (e ensurdecimento e/ou apagamento) das palatais /ʃ/ e /ʒ/ – o que pode ser visto como consequência da ocorrência de alguns processos de apagamento e de adição de

segmentos (aférese, epêntese e apócope sobretudo) em Kriol – e a monotongação dos ditongos /ei/ em /e, i/, /ou/ em /u/ – os mais produtivos – e /oi/ em /u/, respetivamente – secções 3.4.3. e 3.4.4..

Na segunda parte do capítulo três (3.5.), apresentamos e discutimos os resultados obtidos na análise de dados de 28 falantes do Kriol como L1, L2 e, em um caso, como L3, problematizando a variação interna do mesmo. A análise das vogais não foi retomada nesta secção por ser genericamente consensual a existência de apenas cinco vogais e por não termos recorrido à análise acústica. Assim, concluímos que

(I) Respeitante às terminações nasais, apenas em falantes adultos (= / > 56 anos de idade) se verifica a passagem total - *ã*o [ãw] para /on/, variando nos falantes do ensino secundário e universitário: nestes, apenas três dos dez entrevistados variam entre /ãõ/ e /on/ em algumas poucas palavras e, naqueles, sete dos dez apresentam esta variação, com uma média de inovação de apenas 39% – secção 3.5.1..

(II) Quanto às consoantes, nos três grupos de falantes, a passagem da lateral /λ/ > /dʒ/ está praticamente consumada, salvo raras exceções de empréstimos recentes do português utilizados pelos falantes jovens (do secundário, em particular). A passagem da consoante /ʒ/ > /dʒ/ e /ʃ/ > /tʃ/ é igualmente quase completa nos três grupos de falantes: nos adultos, a média ponderada é 93% e 91%; 84% e 85% nos do ensino universitário e, nos do secundário, corresponde a 77% e 81%, respetivamente. As exceções mais uma vez remetem-se para empréstimos recentes, como *cha*, *Chapa*, *beju*, *igreja...*, vistos, porém, como vocábulos do Kriol. Finalmente, a passagem de /v/ > /b/ e /z/ > /s/ é de longe incompleta: se, por um lado, a média de transformação em adultos corresponde a 88% e 86%, os falantes jovens fazem uma notável distinção desses fonemas – em universitários, a inovação corresponde a 52% e 40% e, nos do ensino secundário, 46% e 34%, respetivamente. Nestes últimos casos, vimos que, se há palavras em que trocam alternadamente os fonemas /v/ e /b/, p.e., existem tantas outras que dizem sempre com /v/ e /b/, o mesmo se diga relativamente ao /s/ e /z/.

Ainda ao nível consonântico, a observação de um tratamento particularizado de alguns fonemas (a comutação de /k/ por /g/, de /ʒ/ e /z/, vice versa, e de /ʃ/ por /s/) por alguns falantes adultos e do ensino universitário – *fulas* e *mandingas*, por um lado,

e balantas, por outro – fez-nos concluir que existe uma variação linguística do Kriol devida às línguas étnico-maternas, mais marcada em falantes adultos não escolarizados.

(III) Os processos fonológicos de apagamento e adição segmental estão praticamente consumados em todos os falantes, com as raríssimas exceções da epêntese e da síncope do /u/ final depois de qualquer consoante.

(IV) A despalatalização, o ensurdecimento e apagamento do /ʃ/ e /ʒ/ (/ʒ/ > /s/, /ʒ/ > ∅ e /ʃ/ > /s/) são mais produtivos em falantes adultos (64%, 100% e 91%, respetivamente) do que nos dois grupos de jovens (49%, 34% e 63%, nos universitários; 31%, 30% e 57%, nos do secundário respetivamente). Quanto à monotongação, estes dois últimos grupos (5 universitários, 7 do secundário) apresentam uma variação entre a forma ditongada e a forma monotongada sobretudo em /ei/; em adultos, tal fenómeno está praticamente consumado.

Destaque-se que as conclusões a que neste trabalho chegamos permitem confirmar que as inovações do Kriol em relação ao português muitas vezes tidas como consumadas não se aplicam a todos os grupos de falantes, tornando-se relevantes para a compreensão da variação sociolinguística interna ao Kriol. Nas consoantes, p.e. – exceto o /λ/, que não existe em Kriol senão em raríssimos empréstimos e substituído em todos os contextos por /dʒ/ – /v/, /z/, /ʒ/ e /ʃ/ não são uma simples realização de /b/, /s/, /dʒ/ e /tʃ/ particularmente em falantes jovens (escolarizados), sendo um dos principais elementos da variação do Kriol por idade de que resulta os nomes Kriol Fundu e Kriol Lebi. Em suma, quanto mais velho (sem escolaridade ou com a escolaridade mínima do ensino básico) mais se utiliza /b/, /s/, /dʒ/ e /tʃ/ em lugar /v/, /z/, /ʒ/ e /ʃ/; mais se despalataliza /ʃ/ e /ʒ/; mais se monotonga os ditongos /ei/ e /ou/; quanto mais novo mais se distingue esses fonemas, em função do prestígio do português.

Em suma, com base nas discussões feitas e exemplos apresentados em cima, note-se que a divisão do Kriol em Kriol Fundu vs. Kriol Lebi não é tão categórica, havendo em vez disso um contínuo de variação, visível nas inovações produzidas pelos falantes dos três grupos analisados.

Esta dissertação, contudo, apresenta algumas limitações. A primeira prende-se com a ausência de uma análise acústica que permitisse, no caso particular das vogais, clarificar as realizações das mesmas e, com isso, compreender se há ou não, atualmente, uma variação em direção ao português, tal como acontece nas consoantes. Uma outra limitação tem a ver com a dimensão dos dados: embora o foco esteja nas variedades Kriol Lebi vs. Kriol Fundu, daí a variável idade, o facto de haver maior representação de certas comunidades linguísticas (fula, mandinga e balanta, p.e.), mas de proveniências diversas, ligado à ausência de estudos descritivos das línguas de substrato do Kriol, não torna tão claro se determinados elementos são característicos de uma dada comunidade linguística/regional nem se se devem à sua língua materna, embora tudo nos leve a crer que sim. Além disso, o facto de os estudantes do ensino secundário de quem se recolheu parte dos dados serem de uma escola privada em que é obrigatório falar português pode, até certo ponto, influenciar a sua produção em Kriol e, conseqüentemente, os resultados de análise. Ou seja, os resultados provavelmente teriam sido outros se estes estudantes fossem de uma escola pública (ou privada) onde não se falasse tanto o português.

Deste modo, entendemos que a investigação a que esta dissertação se propõe deve ser aprofundada. Num trabalho futuro, do ponto de vista metodológico, será necessário recolher dados mais representativos (sobretudo por língua materna e região de proveniência), não só por via de produção espontânea, mas também por nomeação de imagens com fonemas menos consensuais, aplicando o mesmo método a todos os grupos de falantes. Uma análise acústica dos dados seria igualmente interessante, pois permitiria avaliar as propriedades particulares de segmentos controversos – como, p.e., a existência ou não de vogais médias fechadas e médias abertas.

A questão do estudo de origem do Kriol a que brevemente nos referimos está em aberto e tratá-la com base em itens de línguas de substrato, e não apenas com base no superstrato, testaria melhor a hipótese de variação por línguas étnico-maternas. Com dados alargados, o estudo poderia igualmente medir as distâncias entre as variedades aqui apontadas para permitir que, no caso de

oficialização/padronização e do ensino do Kriol, se adote uma proposta mais abrangente e mais fundamentada do ponto de vista (socio)linguístico.

Concluimos sublinhando que, crentes na mudança linguística a que o Kriol está sujeito – porque nenhuma língua é estática, mas também porque é ainda uma língua oral – é preciso olhá-lo como uma língua sob múltiplas influências, numa sociedade plurilingue, ocupando-se, por isso, de aspetos do seu uso concreto, mas também da relação dos falantes com a linguagem em si.

Referências

Avram, A. A. (2010). The pre-nasalized consonants of kriyol. *Bucharest Working Papers in Linguistics*, 1, 203-214. (Consultado a 20 de novembro em http://bwpl.unibuc.ro/wp-content/uploads/2017/02/BWPL_2010_nr-1_A_Avram.pdf)

Barbosa, J. M. (1994). *Introdução à Fonologia e Morfologia do Português*. Coimbra: Almedina.

Bull, B. P. (1989). *Crioulo da Guiné-Bissau: filosofia e sabedoria*. (1ª ed.). Bissau: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas / Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Cabral, A. (1974). *P.A.I.G.C: Unidade e Luta*. Lisboa: Nova Aurora.

_____ (1990). A questão da língua. *Papia: Revista de Crioulos de Base Ibérica*. Vol. 1, nº 2, 59-61.

Cardoso, H., Hagemeyer, T., Alexandre, N. (2015). Crioulos de Base Lexical Portuguesa. In M. Iliescu & E. Roegiest (eds.), *Anthologies, textes, attestations et sources des langues romanes*. Berlin/Dordrecht: Mouton de Gruyter, pp. 670-692. (Consultado a 20 de novembro de 2022 em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/30870>).

Carreira, A. (1982). *O crioulo de Cabo Verde – surto e expansão*. Lisboa: Gráfica EUROPAM.

Castro, I. (2006). *Introdução à História do Português*. Lisboa: Edições Colibri.

Chapouto, S. M. (2014). *Fonologia do guineense*. Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra. Coimbra.

Couto, H. H. (1996). *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

_____ (1992). Lançados, grumetes e a origem do crioulo português no noroeste africano. In E. d' Andrade, & A. Kihm (Orgs.), *Actas do Colóquio sobre Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 109-122.

_____ (1994). *O Crioulo Português da Guiné Bissau*. Hamburg: Buske.

Delgado Salazar, R. (1991). Etnia, Espaço Étnico e Colonialismo. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, nº12, 69-90.

Embaló, F. (2008). O crioulo da Guiné-Bissau: Língua nacional e factor de identidade nacional. *Papia*, 18, 101-107. (Consultado a 20 de novembro em <https://docplayer.com.br/53157558-O-crioulo-da-guine-bissau-lingua-nacional-e-factor-de-identidade-nacional.html>).

Ferguson, C. A. (1959). Diglossia, *Word*, vol.15, 325-340. (Consultado a 20 de novembro de 2022 em <http://www.mapageweb.umontreal.ca/tuitekj/cours/2611pdf/Ferguson-Diglossia.pdf>)

Hagemeyer, T. (2016). O português em contacto em África. In A. M. Martins & E. Carrilho (eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlim: Mouton de Gruyter, pp. 43-67.

INE, (1991). *Recenseamento Geral da População e Habitação*. (Consultado a 20 de janeiro de 2022 em https://www.stat-guineebissau.com/Menu_principal/IV_RGPH/rgph1/Resultados_rgph_1991.pdf).

_____ (2009). *Recenseamento Geral da População e Habitação: Características Socioculturais*. (Consultado a 20 de janeiro de 2022 em <https://dataspace.princeton.edu/handle/88435/dsp01w6634600z>)

Intumbo, I. (2007). *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*. Dissertação de mestrado em Linguística Descritiva, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.

Jacobs, B. (2010). Upper Guinea Creole – Evidence in favor of a Santiago birth. *Journal of Pidgin and Creole Languages* 25:2 (2010), 289–343.

Kihm, A. & D'Andrade, E. (1992). Porquê de um colóquio sobre “Crioulos de Base Lexical Portuguesa”. In Kihm, A. & D'Andrade, E. (Orgs.), *Actas do Colóquio Sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 191-200.

Kihm, A. (1994). *Kriyol Syntax: The Portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam: John Benjamins Publ.

Martins, A. M. (2016). Introdução: O português numa perspetiva diacrónica e comparativa. In Martins & Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlim: Mouton de Gruyter, pp. 1-42.

Mateus, M. H. M. (2003). Fonologia. In Mateus, M. H.. *et. al.* (Eds.). *Gramática da Língua Portuguesa* (987-1076). Lisboa: Caminho.

_____ (2014). O comportamento das vogais nas variedades do português. *Linguística*, Vol. 30, nº 2, 19-43. (Consultado a 7 de abril de 2023 em http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2014000200003)

Mateus, M. H. M., Andrade, A., Viana, M. C., & Villalva, A. (1990). *Fonética, Fonologia e Morfologia do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Mota, A. T. Da (1974). *As Viagens do Bispo D. Frei Vitoriano Portuense à Guiné e a Cristianização dos reis de Bissau*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.

Mufwene, S. S. (2001). *The ecology of language evolution*. Cambridge Approaches to Language Contact. Cambridge: Cambridge University Press.

Opazo, E. M. (1990). Notas sobre a evolução fonética do português para o criol. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, nº10, 27-40.

Pereira, D. (2006). *Crioulos de base lexical portuguesa*. Lisboa: Caminho.

Rodrigues, C. (2016). Variação Sociolinguística. In Martins & Carrilho (Eds.), *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlim: Mouton de Gruyter, pp. 98-115.

Rodrigues, U. R. S. (2019). Elementos para a compreensão de Línguas Crioulas e Pidgins: conceitos e hipóteses. *AbeÁfrica: revista da associação brasileira de estudos africanos*, v.02, n.02: 43 – 59. (Consultado a 15 de maio em <https://revistas.ufrj.br/index.php/abeafrica/article/view/25872>).

Rougé, J. L. (1986). Uma hipótese sobre a formação dos crioulos da Guiné-Bissau e da Casamansa. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, nº 2, 28-49.

_____ (1995). A propósito da formação dos crioulos de Cabo Verde e da Guiné. *Soronda – Revista de Estudos Guineenses*, nº20, 80-97.

Scantamburlo, L. (2018). 30º aniversário da grafia “oficial” do crioulo guineense. In *Sintidus* nº1, (53-78). (Consultado a 15 de abril de 2023 em https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/12021/1/S4_2018_Scantamburlo_Grafia%20oficial%20do%20crioulo%20guineense.pdf).

_____ (1999). *Dicionário do Guineense: Introdução e Notas Gramaticais* (vol. 1). Lisboa: Edições Colibri / FASPEBI.

_____ (2013). *O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense*. Tese de doutoramento em Linguística – Especialização em Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, Faculdade das Ciências Sociais e Humanas da Uni. de Lisboa. Lisboa.

Silva, B. L. (1957). *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*. Lisboa: Imprensa Nacional de Lisboa.

Silva, C. R. S. (2023). *Consonant stability of Portuguese-based creoles*. Tese de Doutoramento em Linguística, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.

Trajano Filho, W. (2014). Crioulo, Crioulização. In Sansone, L.; Furtado, E. A. (Orgs.), *Dicionário Crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa* (pp. 75- 90), Bahia: Editora da Universidade Federal de Bahia.

Valdman, A. (1978). *Le créole : structure, statut et origine*. Nice : Institut d'études et de recherches interethniques et interculturelles, 8.

Veloso, J. (1999). *Na Ponta da Língua: Exercícios de Fonética do Português*.

Porto: Granito.

_____ (2012). Vogais centrais do português europeu contemporâneo: Uma proposta de análise à luz da fonologia dos elementos. *Letras de Hoje* 47(3), 234-243. (Consultado a 15 de maio em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/78834>).

_____ (2013). Redução do vocalismo átono do português europeu contemporâneo: Assimetria dos elementos de tonalidade e interação entre diversos tipos de redução vocálica. In *Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL, 2013, 655-672. (Consultado a 15 de maio em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/136524>).

Wetzels, W. Leo. (1992). Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, v. 23, 19-55.

Apêndice 1

Nota de esclarecimento entregue aos participantes e à direção da escola secundária Centro Formação Brandão

Nota de esclarecimento

O inquérito e a pesquisa para os quais a/o convidado a participar servem como base do projeto de pesquisa para a dissertação do mestrado em Linguística, visando estudar a história, fonologia e prosódia do kriol. O projeto está a ser desenvolvido por mim Ronaldo Mendes, cidadão guineense residente na Rua Dom Pedro V, nº 223, 4150-603, Porto, Portugal, e estudante do mestrado em Linguística na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), tendo como orientadores a Professora Doutora Maria Clara Ferreira de Araújo Barros Greenfield (FLUP) e o Professor Doutor João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso (FLUP/FLUM).

Em termos gerais, este projeto de pesquisa que agora se desenvolve pretende questionar e analisar a origem e a formação do (Kriol) e, partindo de estudos existentes no âmbito da fonologia e da recolha de dados de estudo de campo, apresentar uma proposta de análise fonético-fonológica do Kriol que defina o seu inventário fonológico, descrevendo os seus respetivos padrões silábicos e regras de acentuação.

Todos os dados fornecidos serão utilizados exclusivamente para os objetivos definidos por esta pesquisa, não estando por isso sujeitos a partilha com terceiros. Pede-se que, depois de esclarecida a finalidade do presente inquérito, a/o participante assine o termo de consentimento que lhe será entregue, como forma de assegurar que está informado/a sobre os objetivos do inquérito e o tratamento dos seus dados.

Ronaldo Mendes

Apêndice 2

Inquérito Sociolinguístico

Nome completo: _____

Data de nascimento: ____ / ____ / _____

Local de nascimento: _____

Local de residência: _____ (permanente)

_____ (em tempo de aulas)

Sexo: ____ feminino ____ masculino ____

Nível de escolaridade: secundário ____ universitário ____ não escolarizado ____

Curso _____ universidade/escola

Língua(s) materna(s): _____

Língua segunda: _____

Que kriol fala? ____ “kriol antigu/fundu” ____ “kriol lebi”

Quantas línguas fala, além da(s) tua(s) língua(s) materna(s)? _____

Quais? _____

_____, ____ / ____ de 2022

Ronaldo Mendes

Participante

Apêndice 3

Perguntas (fala “espontânea”)

1. Apresentação: dizer quem é, o que faz, o que gostaria de fazer...
2. O/a senhor/a sente que é mais valorizado/a falando português ou crioulo? Porquê?
3. Acha que há alguma diferença entre o crioulo falado pelos nossos avós e o crioulo da nossa geração (juventude)? Explique-me...
 - 3.1. Qual deles acha que é “um bom crioulo”?
 - 3.2. Diz-se “vida” ou “bida”? “caSa” ou “caZa”? “juventudi”, “djubentudi”?
4. Já alguma vez assistiu a algum acidente (de carro, incêndio, desabamento...)? Explique-me, por favor, como aconteceu.

Apêndice 4

Nomeação de Imagens (com descrição): foram utilizadas 15 imagens para nomeação e descrição, todas retiradas do Google. Em salvaguarda dos direitos autorais, as mesmas não serão reproduzidas aqui.

Imagem 1 [b, v, ʃ, ʒ]: retrata vacas com chifres a pastar.

Imagem 2 [s, z]: retrata uma casa de palha, comum nas zonas rurais/aldeias da Guiné-Bissau

Imagem 3 [ʒ, z, ʃ, a, e]: retrata um jarro acastanhado

Imagem 4 [k, a, e]: retrata uma cama de madeira, típica da Guiné-Bissau

Imagens 5 e 6 [ʃ, ʒ]: retratam chocolates, em barra e em pedaços

Imagem 7 [ʃ, e]: retrata caldo de tcheben, prato típico da Guiné-Bissau

Imagem 8 [dj, u]: retrata de olhos

Imagem 9 [ʃ, ʒ]: retrata um cenário chuvoso com uma mãe e uma criança assegurando guarda-chuvas

Imagem 10 [dj, e, ε]: retrata um homem velho sentado numa cama de ferro, com uma legenda a dizer “Morreu aos 120 anos”

Imagem 11 [e, ε]: retrata uma bolanha seca

Imagem 12 [e, ε]: retrata uma sala de aulas com carteiras

Imagem 13 [o, ɔ]: retrata uma criança com boca aberta numa consulta dentária

Imagem 14 [dj, ʒ, s]: retrata *futi*, um dos pratos típicos da Guiné-Bissau, consumido mais frequentemente ao pequeno almoço

Imagem 15 [b, v]: retrata um livro com a legenda *Literatura da Guiné-Bissau*

Apêndice 5

Leitura de texto

Kin ku fala es tera ka pudi sabi? I pirsis no sirbi n ghutru. Suku di bas pasa dja si tempu. Pega bu kabesa, rapas. Tambi e kusa di pati pati kusas ku no djunta ten ku kaba. Ka ninguin disa si djudju moli sedu, nin si i masa nan mas kaska di banana. Aos na tabanka kanha ku kana na tem.

Frasku di malgueta, sestu di kamati fresku, kal ku bu misti?

Kusta ki kusta, festa na ten. Ninsi rapasinho di palas ku lestu boka ka misti, chuba na chubi, bentu supra, i na modja kau iep. Dipus no da seku ku modjadu, siti ku liti suma na kau di muru ku mora na ki kasa di mura .

Ma ninguin ka tene rabu di padja li. Ningui mas ka na sedu bo lubu ku kema kosta.

No sta djuntu.

Quem disse que esta terra não pode ser uma boa terra? É preciso servirmos uns aos outros. Já ultrapassamos a fase de passar dinheiro debaixo da mesa. Cuida-te, rapaz. Também isto de oferecer coisas da comunidade tem de acabar. Que ninguém se deixe fragilizar, ainda que pise a casca de banana. Hoje há, na aldeia, kanha e cana.

Frasco de malagueta ou cesto de tomate fresco, o que queres?

Custa o que custar, vai haver festa. E mesmo que o rapazinho do palácio fofoqueiro não queira, vai chover, vai ventar e o chão ficará todo molhado. Depois, vamos vestir e adoçar-nos tão bem como se estivéssemos na casa daquele mouro que mora naquela casa de muralha verde.

Ninguém aqui tem consciência suja e ninguém será mais o vosso bode expiatório.

Estamos juntos.

Apêndice 6

Repositório geral:

https://github.com/Portophon/varia_guine_bissau

Transcrição de todas as entrevistas:

https://github.com/Portophon/varia_guine_bissau/tree/main/transcri%C3%A7%C3%B5es_entrevistas

Tabulação dos dados de variação:

https://github.com/Portophon/varia_guine_bissau/tree/main/tratamento_inov%C3%A7%C3%B5es

Descrição dos participantes:

https://github.com/Portophon/varia_guine_bissau/blob/main/id_participantes.csv

Apêndice 7

Lista de inovações consideradas

Consoantes	Vogais, ditongos e terminações nasais	
/v/ > /b/	/a/ - /e/ = /a/	/ei/ para /ε/
/z/ > /s/	/a/ > /ja/	/ei/ para /i/
/ʒ/ > /s/	/e/ - /ε/ = /ε/	/oi/ para /u/
/ʒ/ > ∅,	/e/ > /i/	/ou/ para /u/
/ʒ/ > /z/	/e/ > /u/	/ou/ para /ɔ/
/ʒ/ para /dʒ/	/e/ > /a/	/am, om, ão/ > /on/
/ʃ/ > /s/	/en/ > /in/	
/ʃ/ > /tʃ/	/o/ - /ɔ/ > /ɔ/	
/lh/ > /dʒ/	/o/ para /u/	
/R/ - /ʀ/ = /ʀ/		
/ŋ/ / ŋ'bai, bin /		

Processos fonológicos de adição e apagamento segmental

Aférese, Síncope, Apócope /u/ final depois de qualquer consoante, Apócope de sílaba ou de cons. final, Epêntese, Nasalização de vogais (início de palavra)